

ENTRE Sombra & Luz

Livro I - Arnold

Danúbia Ferreira





Sinopse

Eu nunca amei outra mulher...

Nem sempre fui um homem de gostos excêntricos. Há quinze anos, conheci a mulher da minha vida. Ela era linda, ingênua e meiga. Namoramos por cinco anos. O pai dela era um homem rigoroso e eu respeitei todas as regras que ele colocou. Eu a queria como minha esposa e estava decidido a me casar com ela. Nós tínhamos um namoro baseado nas regras dele. Para cumprir as ordens do pai dela e manter a minha namorada intacta, segurei minha libido. Tudo correu bem, até o dia do casamento. Eu a esperava no altar, com todos os meus amigos e familiares reunidos. O atraso era interminável. Mais de uma hora depois do marcado para a cerimônia, ao invés de chegar a noiva, chegou um vídeo com ela fazendo sexo com dois homens. Meus sonhos foram esmagados e destruídos naquele dia.

A paixão que nasce; o ódio que alimenta; o amor que renasce...

Junto ao meu melhor amigo, praticávamos sexo em conjunto. Um laço de amizade e de muito afeto que foi posto à prova. Uma relação de anos foi abalada pela traição. Sara retorna à vida de Arnold, trazendo um passado que ele gostaria de esquecer. A humilhação é sua principal companheira. O destino colide o seu passado com o seu presente, colocando-os frente a frente. Ela reencontra o único homem que amou, porém, a dor, mágoa e ódio que ele sente não a permitem se aproximar. Humilhada por Arnold, Sara tenta provar ao homem que ama que ainda é digna de pertencer a ele.

Capítulo 0

Arnold

Ela era linda de tirar o fôlego: cabelos castanhos, olhos azuis, baixinha e com curvas no lugar certo. Era muito nova, por isso, tentei me manter o mais longe possível. Claro que se tornou impossível... À medida que o tempo ia passando, mais fascinado eu ficava. Cansado de lutar comigo mesmo, e com o que eu estava sentindo, comecei a procurar uma forma de falar com ela, sem muitas pessoas por perto. Quanto mais privacidade, para mim seria melhor. Estava saindo da escola quando a vi sentada no gramado em frente ao colégio. Estava de cabeça baixa, lendo um livro. Mesmo com a ideia de que o melhor era falar sem alguém por perto, não me segurei. Cheguei mais perto e abordei.

— Bom dia. — Ela tirou os olhos do livro e me olhou, com um sorriso tímido nos lábios.

— Bom dia. Posso ajudá-lo? — O tom de sua voz era melódico e suave.

— Posso me sentar? — Perguntei, apontado para a o espaço ao seu lado. Ela olhou para todos os lados e voltou a me olhar.

— Estou sentada no chão, não tem que pedir. — Deu de ombros. Agora quem estava com cara de idiota era eu. Achei que sendo educado ganharia um ponto com ela... Sem jeito, resolvi sentar.

— O que está lendo? — Fiquei deslocado e tentei puxar assunto, para não parecer tão babaca.

— “O Morro dos Ventos Uivantes”. — Interessante escolha. — Já leu?

— Sim, gostei muito. — Ela não acreditou em mim. — É a primeira vez que lê?

— Não. Quando gosto, leio várias vezes. — Além de linda, gostava de ler. Perfeita para mim.

— Satisfação em conhecê-la — disse, estendendo minha mão para cumprimentá-la. — Meu nome é Scoot. Arnold Scoot. — Estendeu sua pequena

mão e apertou a minha.

— Satisfação. O meu é Collins. Sara Collins. — Linda! Nome lindo e dona de um sorriso encantador.

— Então, Sara, gostaria de fazer um pequeno debate sobre o livro? — Queria mostrar a ela que sabia sobre o livro tanto quanto ela desconfiava que não soubesse.

— Adoraria... No entanto, não será possível. Preciso voltar para casa antes do almoço. Ao contrário de algumas pessoas, tenho regras rígidas a serem seguidas — disse, com muita naturalidade, como se fosse absolutamente normal. Talvez fosse, para ela... Porém, para mim, foi um tanto desconfortável e amargo.

— Posso acompanhá-la? — Queria saber um pouco mais sobre ela. Talvez a levando para casa pudéssemos ir conversando.

— Obrigada, Arnold, prefiro ir sozinha — dispensou-me, pegando seu material e se levantando. — Nos falamos outro dia.

— Até mais. — Tudo bem... Até que não havia sido tão ruim, afinal de contas, ela não tinha dito “até nunca mais”.

Nos próximos dias, não a vi. Pensei que talvez ela estivesse se escondendo. Passei dias pensando nela; no seu sorriso tímido, em sua voz melódica... Era impressionante como em um colégio tão pequeno como aquele eu não a encontrava. Morávamos em Kansas City, no estado de Missouri. Era meu último ano escolar, e esperava ser aceito na universidade de Stanford. Não queria me envolver com ninguém, porque sabia que iria embora em breve.

Tentei a todo custo me manter distante dela, porém, quanto mais eu tentava, mais perto ela ficava. Agora eu parecia um louco psicótico precisando da minha droga diária. Caminhei por toda a escola, tentando encontrá-la, e nada. Era impossível uma pessoa simplesmente desaparecer do dia para a noite.

Naquele dia, tentei chegar à escola o mais cedo possível. Claro que a minha intenção era de conseguir vê-la. Deu certo: estava nos degraus da entrada quando a vi chegar. Sua postura era diferente, ela estava cabisbaixa e com os ombros curvados. Sabe aquele alerta que apita quando você sente problema por perto? Bom... O meu estava gritando, como uma sirene. Assim que ela se aproximou, abordei-a.

— Sara? — Não me olhou, mas parou de andar. — Oi? Você está bem? — Comecei a ficar aflito. Ela não respondia, e também não me olhava.

Coloquei a mão em seu queixo e levantei o seu rosto. O choque foi

instantâneo: além das lágrimas, ela levava um grande hematoma no rosto. Eu não disse nada... Só a puxei para um canto e a abracei. Seu choro era calmo e sereno. Ela era um enigma para mim... Como uma pessoa podia chorar tão calmamente assim?

—Querida, o que houve?

As lágrimas caíam sem parar. Odiava ver uma mulher chorando. Ficava sem ação, não sabia como lidar com a situação. Esperei pacientemente que ela se acalmasse. Assim que o fez, ela tentou conversar...

— Minha mãe faleceu. — Lamentava por sua perda, de verdade... Mas queria saber a razão daquele hematoma.

— Lamento sua perda, Sara.

— Obrigada, Arnold. — Agradeceu, saindo dos meus abraços. —

— Precisamos entrar. — Não gostei. Queria ela onde estava: nos meus braços.

— Acho que você não está em condições. Quer ir ao Starbucks?

— Não devo faltar à aula.

— Você faltou alguns dias... Um a mais não será problema. — Peguei-a pelo o braço e a levei em direção à cafeteria.

O ambiente estava vazio. Àquela hora, todos estavam na escola. Levei-a para uma mesa no canto, onde poderíamos ter um pouco mais de privacidade.

— O que vai querer beber?

— Só café, obrigada. — Tinha parado de chorar, mas seu rosto estava vermelho - além do roxo, do hematoma.

Fiz o pedido de dois cafés e voltei para a mesa, colocando diante dela o seu. Odiava dar rodeios... Gostava dela e queria saber exatamente o que tinha acontecido com o seu rosto.

— Sara, estou preocupado com você. Já disse que lamento a perda da sua mãe, mas o hematoma no seu rosto me preocupa. O que aconteceu? — Envergonhada, baixou a cabeça, colocando a mão no rosto.

— Foi apenas um deslize do meu pai. — Não acreditava naquilo. Nenhum pai desliza um soco na cara da filha.

— Tem certeza? Ou não quer me falar? — Observei-a atentamente.

— Ele estava nervoso e chateado com a perda da mamãe. Foi apenas um lapso. — Hora de parar... Não forçaria mais. Guardaria essa informação para depois.

Estava disposto a insistir naquela relação. Queria estar com ela e poder beijar aqueles lindos lábios. Nossa conversa fluiu, conversamos sobre vários assuntos. Minha intenção era tirá-la um pouco da realidade. Passamos um dia agradável. Levei-a para almoçar e ficamos a tarde toda falando sobre tudo, conhecendo-nos. No fim do dia, ela se despediu e não permitiu que eu a acompanhasse. Não gostei, pois queria conhecer seu pai, e saber que tipo de homem ele era. Não forcei a barra: respeitei sua decisão, porque sabia que aquele momento era ruim. No entanto, não duradouro... Eu iria conhecer o pai dela de qualquer jeito.

Nos últimos dois meses, nos víamos e falávamos todos os dias. Almoçávamos juntos, e, depois da aula, ela ia embora sozinha. Odiava aquilo, sentia-me impotente na situação. Nunca houve nada entre nós além de conversa, no entanto, estava na hora de mudar para algo mais sério.

Naquela tarde, esperei a sua saída, para que pudéssemos conversar. Andei de um lado para outro, pensando em uma maneira de abordar o assunto. Nunca me insinuei para ela, sempre a respeitei.

Porém, agora eu queria algo mais, e lutaria por isso. Assim que a vi saindo, chamei-a:

— Sara? — Viu-me e sorriu. Meu coração acelerou dolorosamente.

— Ei, Arnold, tudo bem? — cumprimentou-me, aproximando-se de mim.

— Tudo, sim. Tem alguns minutos? — Mordeu os lábios, pensando no meu pedido.

Simplesmente não consegui esperar; avancei até ela, puxando-a pela cintura, e a beijei. Seu beijo era inseguro. “Talvez eu seja o seu primeiro”, pensei. Gostei daquilo... O sabor era o céu; doce e suave. Seu corpo era quente, suas mãos instáveis... Definitivamente, ela era nova. Ofegante, separei-me, encostando minha testa na dela. Ela estava sem fôlego - tanto quando eu estava.

— Por que fez isso, Arnold? — A insegurança na sua voz, respondia a todas as minhas perguntas.

— Porque quero que seja minha namorada.

— Não posso. — Sua resposta me deixou paralisado. O que ela queria dizer com: “não posso”? Afastou-se, e eu a puxei pelo braço.

— Você não pode ou não quer?

— Eu quero, mas não posso.

— Por que não? — Se ela queria, ela teria.

— Meu pai é rigoroso, ele não me deixa namorar. — Nunca tínhamos conversado sobre o pai dela... Agora seria um bom momento.

— Vou falar com ele. — Peguei sua mochila e comecei a andar.

— Espere! Arnold, aonde você vai?

— Para a sua casa, falar com o seu pai. — Não parei, continuei andando. Falaria com o seu pai, pediria a ele a permissão para namorar sua filha.

— Não! Espere... Você não pode fazer isso.

— Você me quer? — Estava decidido. Não voltaria atrás.

— Arnold, não é assim que as coisas se resolvem.

— Responda minha pergunta, Sara.

— Sim, eu quero.

— Então, vamos falar com o seu pai. — Não era um moleque, tinha quase dezessete anos e sabia muito bem o que queria: e era ela.

— Honestamente? Não acho uma boa ideia.

— Por que não? Por que tem tanto medo? — Falava com ela e caminhava. Não ia retroceder.

— Porque meu pai é controlador, e ele ficou muito pior depois que minha mãe faleceu. — Conversava comigo e corria atrás de mim, tentando acompanhar meus passos.

— Você confia em mim? — perguntei, parando e a olhando nos olhos.

— Sim, eu confio.

— Então, confia quando eu digo que vai ficar tudo bem, ok?

— Ok. Depois, não diga que não avisei — Concordou, consternada. Estendi minha mão para ela e esperei que me desse a sua. Depois de alguns minutos, ela cedeu, colocando sua mão sobre a minha.

Podia sentir sua tensão no caminho todo até sua casa. Queria saber por que ela tinha tanto medo... O máximo que ele poderia fazer era dizer “não”. Ou aquele pequeno lapso era rotineiro? Bom, veríamos a qualquer instante, porque ela parou em frente a uma casa simples, mas muito bem cuidada.

— Essa é minha casa. — Ela estava com medo, era perceptível no seu tom de voz e em sua postura. Resignado, deixei-a ter a última palavra.

— Quer que eu vá embora? — Comecei a rezar para que ela dissesse “não”.

— Não. Estou apenas com medo da reação dele.

— Vou proteger você. — Olhou-me com tanta ternura e doçura que, se pudesse, eu a beijaria ali mesmo.

— Sara? O que está fazendo aí fora? — Oh, sim! Então, aquela gentileza era o pai dela...

— Você pode ir embora, se quiser, Arnold. Não tem que ficar.

— Tenho, e vou ficar. — Andou em direção a casa, e eu a segui.

Chegamos ao alpendre da casa e seu pai saiu de dentro. O homem era alto, tinha uma expressão fria e sombria no rosto. Se eu fosse um moleque, sairia correndo. Como não era, avancei e me apresentei.

— Boa tarde, senhor — cumprimentei-o. — Meu nome é Scoot. — Estendi minha mão, apresentando-me.

— O que você quer? — cortou-me, sem pegar minha mão.

Olhei para Sara, que tremia como uma folha ao vento. Aquilo me deixou ainda mais determinado.

— Conversar com o senhor. Se puder me dar alguns minutos do seu tempo... — O homem me avaliou de cima a baixo antes de tocar a minha mão.

— Mister Collins — disse, ao apertar a minha mão. — Apenas alguns minutos, rapaz. Tenho coisas a fazer.

— Prometo ao senhor. — Virou as costas e eu o segui. Sara ficou para trás.

A casa tinha uma decoração calorosa, porém, o clima era frio. O homem sentado no sofá era duro e rígido - Sara não havia exagerado em nada. Como ele não me disse para sentar, mantive-me de pé e esperei. Eu estava tranquilo, mas aquela situação era desconfortável, porque ele não era educado. O tempo se

arrastava enquanto ele me avaliava. Durante todo o tempo meus olhos estiveram nele - não em desafio, mas em respeito.

— Sente-se, rapaz. — Era um verdadeiro teste de paciência. Sara sumiu dentro da casa... Provavelmente estava na cozinha ou no quarto.

— Obrigado, mister Collins. — Sentei-me do lado oposto a ele. Não ficaria ao lado, queria olhá-lo, para ver suas nuances.

— Então, o que quer falar comigo? — perguntou, pegando um cigarro.

— Conheço a Sara há algum tempo. Nós estudamos no mesmo colégio... Gosto da sua filha, Mister Collins, e gostaria de pedir ao senhor para me deixar namorar Sara. — Agora sim eu suava frio.

Minhas mãos estavam geladas, e eu sem fôlego. Tive coragem, até me sentar... Por algum motivo, essa coragem estava mingando, mas não sairia dali sem um “sim” ou “não”.

— Minha filha é muito nova para namorar. — Merda! Sabia que isso acabaria complicando as coisas.

— Prometo ao senhor que vou respeitá-la. — Fiz até hoje, antes de beijá-la... Mas isso não era desrespeito - ao menos, eu pensava que não.

— Isso não muda nada. Ela ainda é nova, e você já é um homem.

— Com todo o respeito, mister Collins, sou apenas dois anos mais velho que Sara. — Voltou a me avaliar. Cara, isso era uma merda! Se não gostasse tanto dela, já teria ido embora.

— Nada de sair à noite. Não quero você amassando a minha filha.

— Vocês não vão sair sozinhos, e não ouse tocar minha filha de forma indevida! Também não quero saber de namoro em dias de semana. Ela tem muita coisa para fazer aqui em casa.

— Prometo que vou honrar sua filha e vou cumprir suas regras, mister Collins. — Soltei todo o ar preso nos meus pulmões. Suas regras não eram ruins... Eu também trabalhava durante a semana, e isso me impediria de vê-la todos os dias, a menos... — Mister Collins, estudamos no mesmo colégio, então, a verei todos os dias. — Olhou-me, levantando uma sobrancelha. “Será que errei?”, pensei. Mas isso era um pouco óbvio, eu a veria, de qualquer maneira, todos os dias.

— Apenas no colégio, rapaz, e não ouse descumprir as regras ou eu corto o namoro.

— Sim, senhor. Tem a minha palavra. — Que Deus me ajudasse a manter as mãos longe dela.

— Melhor você ir indo. Preciso trabalhar.

— Claro, eu também preciso ir. Obrigado, mister Collins. — Estendi minha mão, agradecendo-o mais uma vez. Ele apertou e me acompanhou até a porta. “Droga!”, pensei. Queria ver a Sara antes de ir embora.

— Sara? Venha até a porta se despedir do rapaz! — gritou, saindo da porta e entrando. “Graças a Deus!”, agradei. Não queria ir sem dizer tchau a ela. Houve um pequeno diálogo entre eles, e ela saiu com um lindo sorriso no rosto.

— Obrigada!

— Gostaria muito de ficar com você, mas temos regras a serem seguidas. Conversaremos amanhã, na escola.

— Tudo bem. — Levantei a minha mão e toquei sua bochecha. Estava louco para beijá-la, mas dei a minha palavra e a manteria.

— Fique bem, Sara. Nos vemos amanhã. — Era uma merda... Não queria ir embora, queria ficar com ela.

— Até mais, Arnold.

— Sonhe comigo. — Era o máximo que poderia pedir.

— Eu já faço — confessou, corando lindamente.

— Eu também, minha linda. — Virei as costas, indo embora sem olhar para trás. Se o fizesse, nunca mais terminaria aquela despedida.

Depois da conversa que tive com o seu pai, tentei manter minha palavra. É claro que, como homem, tive um longo caso de bolas azuis. Foi muito difícil me manter distante. Para qualquer homem aquilo era um absurdo... Para mim, uma tortura diária. Quanto mais tempo eu passava ao lado dela, mais eu a queria. Ela era a minha droga, e eu era um viciado. Tudo nela era perfeito: do dedão do pé a cabeça.

Durante o ano inteiro, nosso namoro foi platônico. Não pense que não pensei várias vezes em traí-la. Sim, eu pensei, afinal, sou homem. No entanto, nenhuma mulher valia a pena. Sara era a mulher que eu queria, era a mulher da minha vida, somente ela me importava. Meus pais a adoravam. Tinha nela uma filha de verdade. Difícilmente eu via seu pai. Depois da morte da sua mãe, Sara nunca mais apareceu com hematomas. Havia dias que ela estava mais retraída,

calada, mas eu sempre dava um jeito de animá-la, mesmo ela nunca me contando o motivo.

No fim do ano, minha carta de aprovação para Stanford chegou. Era o meu futuro em minhas mãos. Sara estaria terminando o colegial apenas no ano seguinte. Seria pouco tempo separados. Percebi que ela tinha ficado triste em saber que eu iria para a faculdade. Cortou-me o coração ter que deixá-la. Pensei em desistir e esperar por ela... Eu podia ficar mais um ano ali, para depois irmos juntos para a faculdade.

Meus pais foram contra. Eles queriam que eu fosse para a faculdade, afinal de contas, era uma oportunidade que muitos almejavam... Mas Sara era a mulher da minha vida. Pode parecer loucura, porém, era assim que eu queria que fosse, e, então, era assim que seria.

— Você vai desistir da faculdade? — perguntou, incrédula. Estávamos sentados na porta da minha casa, conversando.

— Não, princesa. Apenas vou esperar por você. Vamos juntos para a faculdade.

— Não é certo, Arnold. Você precisa fazer faculdade, seguir carreira. Meu pai sempre vai ser uma pedra do nosso caminho...

— Duvido que ele me deixe ir para a faculdade, mesmo eu sendo maior de idade. — Nunca tínhamos conversado sobre ela ser impedida de ir para a faculdade.

— Por que você acha isso? — Era uma loucura! Qualquer pai aprovaria a filha ir para a faculdade, principalmente se tratando de Stanford.

— Porque ele é rigoroso, possessivo e muito controlador. Você o conhece bem o suficiente para saber disso. — Eu sabia... Mas daí a impedir que ela fosse para a faculdade era uma coisa totalmente descabida.

— Vamos ver como as coisas vão ficar. Se ano que vem ele não permitir você ir, então, eu vou. — Uma ova que eu iria sem ela.

— Tem certeza disso? Não quero atrapalhar você. — Ela estava com lágrimas nos olhos. Odiava ver minha pequena chorar.

— Nunca estive tão certo. — Cheguei mais perto dela, para limpar os seus olhos.

Tudo mudou muito rápido. Ela passou sua pequena língua rosada nos lábios e eu perdi meu controle. Beije sua boca, com muita fome. O seu sabor ainda era o mesmo: doce e suave. Deus era testemunha do quanto tentei me manter longe.

Meu pau chorava em seu confinamento. Ultimamente, vivíamos no cinco contra um. Era doloroso viver assim, mas eu tinha certeza que valeria a pena o esforço; ela seria minha, era apenas questão de tempo para que tudo desse certo. Afastei meus lábios dos dela e a observei. Ela mantinha seus olhos fechados. Sua face estava corada, e seus lábios inchados pelos meus beijos. A imagem era de tirar o fôlego. Tirei meus olhos dela e tentei me ajeitar, para que o meu membro não ficasse tão à vista. Respirei fundo para manter o meu controle. Tortura... Virei um masoquista.

— Você não gosta de me beijar? — Dava para acreditar? Eu queria ir muito além de beijá-la... Queria devorá-la, ter minha boca em todo o seu corpo, lambe cada pedacinho dela.

— Sara, não diga besteira. Você não tem ideia das coisas que quero fazer com você, porém, prometi ao seu pai que manteria minhas mãos longe de você.

— Você prometeu. Eu não. — “Jesus Cristo!”, pensei. Aquela mulher seria a minha morte. Se seu pai pegasse a minha boca na dela, eu seria um homem morto.

— Não faça isso Sara, por favor. — Estava consternado. Queria e não podia. Tinha desejo, mas não deveria.

— Me beije mais uma vez, Arnold. — Fechei meus olhos e tentei buscar um controle onde não existia.

— Não posso, princesa... Por favor, tente entender. — Tentei pensar em um assunto qualquer para me tirar daquela situação e consequentemente diminuir o desejo - tanto meu quanto o dela. — Princesa, preciso arrumar um lugar para morar. Tenho que me mudar daqui o quanto antes.

— Por que vai sair da casa dos seus pais? — O tom da sua voz afirmou o quanto ela estava chateada. Era melhor assim, mais seguro.

— Tenho dezoito anos, Sara. Está na hora de ter meu canto e sair da casa dos meus pais.

— Vai continuar trabalhando no escritório do seu pai? — Ela tinha uma voz linda quando estava excitada. Ela queria tanto quanto eu queria...

— Vou sim, princesa. Agora, mais do que nunca, vou precisar do meu salário.

— Posso te fazer uma pergunta, Arnold? — Sua pergunta me pegou desprevenido.

— Claro, princesa. O que foi?

— Você me ama? — Por que era importante para as mulheres saberem disso?

— Por que quer saber?

— Por nada — disse, ao se levantar. — Eu vou indo... Prometi ao meu pai que não iria demorar. — Ficou chateada. Se não a conhecesse tão bem, não teria visto. Ela soube esconder aquilo muito bem.

— Vou levar você.

— Não precisa, quero ficar sozinha. — “Que merda!”, pensei. Não queria que ela ficasse chateada. A questão de não poder tocá-la estava matando nós dois.

— Sara... Olha, não fique chateada. Toda essa situação irá mudar em breve.

— Até mais, Arnold. — Saiu, dando as costas para mim. A visão do seu traseiro dentro daquela calça jeans me colocou de pau duro novamente.

Capítulo 0:

Aluguei um quarto para morar sozinho. Trabalhei no último ano como um condenado. Queria juntar dinheiro o suficiente para me manter e manter Sara na faculdade. Nosso relacionamento estava ficando muito ruim. Aguentei o quanto pude, porém, conforme ela ia envelhecendo, seu corpo ia exigindo novas experiências. A cada dia ficava mais linda, e o meu desejo por ela só aumentava.

Naquela noite, com o consentimento do seu pai, eu a levaria ao cinema, mas Sara tinha outras ideias. Chegou em minha casa com uma calça jeans extra apertada e uma blusinha que deixava seu umbigo de fora. Nos meus 18 anos, nunca havia visto um amigo meu passar pelo que eu estava passando. Era uma provação, e a mulher uma tentação.

— Arnold... — disse, ao se sentar na minha cama.

Lembra que eu disse que minha casa era um quarto? Então... Quando Sara ia lá, era na minha cama que ela sentava. Agora, pensa naquela delícia toda, sentada na minha cama, com as pernas cruzadas, naquela calça mega gostosa? Agora vocês concordam comigo quando disse que eu tinha um sério problema de bolas azuis?

— O que foi, princesa? — respondi, tentando engolir o nó na minha garganta. Estava salivando, louco para fazer a festa naquele corpo.

— O que acha de ficarmos aqui assistirmos um filme, e comer uma pipoca? Não estou a fim de sair. — Ela queria me tentar, e ia conseguir. Estava cansado de lutar comigo mesmo e contra o que eu desejava.

— Boa ideia. Vou buscar o refrigerante e a pipoca — concordei, observando-a de perto.

— Vou escolher o filme — disse, toda animada. Bom, veríamos até que ponto iria aquela animação toda.

Desci para a loja de conveniência que havia ao lado do bloco de apartamentos em que eu morava. Peguei duas pipocas de micro-ondas, o refrigerante, e voltei para o apartamento. Assim que entrei, vi-a deitada na porra da minha cama, com a gostosa da sua calça jeans no chão.

— O que pensa que está fazendo, Sara? — perguntei, indignado com ela. Será que ela não levava em conta o meu sofrimento?

— Estou apenas deitada. Tirei a calça porque estava muito apertada.

— E por que não colocou uma mais folgada? — Não respondeu.

Levantou da cama, apenas com a porra da blusinha que só escondia seus seios. “Cacete!”, pensei. Ela estava vestida com uma tanguinha preta. A coisa era tão pequena que mal cobria seu pelos. Dei as costas para ela e fui deixar o refrigerante e a pipoca em cima da mesinha. Respirei fundo, tentando controlar minha libido. Suas mãos me circularam e ela encostou os seios nas minhas costas.

— Vamos curtir, Arnold. Tenho dezessete anos, amor, quero estar com você assim...

— O que você quer, Sara? Por que está tentando me quebrar dessa maneira?

— Deixa de ser exagerado. Quero apenas namorar de verdade, como todas as minhas amigas. — Suas mãos foram para debaixo da minha blusa e suas unhas arranharam o meu peito.

Resfoleguei com a sensação que me privei por tanto tempo. Virei-me para ela e a beijei. A sensação era de como se tivesse passado a minha vida inteira no deserto e ela fosse o oásis que eu acabara de encontrar. Levei-a para a cama, sem tirar a minha boca da dela. Deitei-me sobre ela e, em segundos, minhas mãos estavam em todos os lugares do seu corpo. Roçava meu pau no seu centro, enquanto devorava sua boca. Cacete! Era bom para caralho!

A imagem do seu pai no dia da conversa veio à minha mente. Diminuí o ritmo, até parar. Cara... Se tem algo que faz um homem broxar é pensar no pai da namorada na hora H.

— Ok... Vamos devagar. — Saí de cima do seu corpo e me sentei. Deus! Aquela tortura não teria fim.

— Não pare, Arnold... Por favor.

— Não posso. Não é certo... Prometi ao seu pai, dei a minha palavra a ele. — Era muito frustrante aquela situação. Pior ainda era tê-la assim, toda gostosinha, e não poder comer!

— Não tem que tirar minha virgindade... Podemos ficar nos beijando e nos tocando. Por favor, Arnold... — Não respondi. Meu dever guerreava contra o desejo.

Eu a queria muito, mais do que pensei que desejaria uma mulher, mas a minha palavra havia sido dada. Depois de um longo silêncio, ela saiu da cama, furiosa...

— Não tenho mais nada para fazer aqui. — Agachou-se, colocando aquele traseiro com fio dental na minha cara para pegar sua calça jeans do chão. Babei, literalmente... — Vou para a minha casa.

— O que quer dizer com “não tem nada para fazer aqui”? — perguntei, furioso com toda aquela merda.

— Você deu a palavra ao meu pai, então, fique com ele. Eu sou sua namorada, estamos há dois anos juntos e fui beijada por você três vezes! — “Não foram quatro? Certo, tenho que me focar na situação”, pensei.

— Sara, espere. Amor, tente me entender, por favor! Eu prometi para o seu pai que não tocaria você de forma inadequada.

— Ótimo. Fique com ele, então. Morram os dois, juntos e abraçados! Fui! — Virou as costas e saiu. Corri para a porta e agarrei a sua cintura.

— Não vai sair daqui sozinha e sem a gente conversar.

— Tenho conversado por dois anos! Estou farta de conversar, quero namorar de verdade... Quero beijar o meu namorado, não quero um irmão mais velho. — Ai! Aquilo doeu. Era assim que a nossa relação parecia?

— Irmãos não se desejam. Eu tenho um puta tesão por você, Sara.

— Então, por que não podemos nos beijar? Por que não podemos ficar mais próximos um do outro?

— Tudo bem, Sara. Vou fazer o que está me pedindo, mas não vai passar disso. Eu não vou transar com você. — Que Deus me livrasse do túbulo.

— Tudo bem.

O acordo foi feito: eu a beijaria, e nada mais. Foi difícil para mim. Para não perder a namorada, faltei com a minha palavra ao pai dela. Naquele dia, percebi o quanto eu amava Sara. Depois que a levei para casa, fiquei pensando em tudo o que tínhamos vivido e o que estávamos vivendo. Resolvi pensar em algo mais sério. Eu a queria, e não era fogo de palha. O que eu sentia por ela era realmente verdadeiro.

Quando as aulas terminaram, fomos falar com seu pai. Ela também tinha sido aprovada em Stanford. Não cabíamos de tanta felicidade. Finalmente iríamos para a faculdade, juntos! Tínhamos tudo planejado. Trabalhei o ano

inteiro e guardei dinheiro, para que tivéssemos o suficiente para nos arranjarmos até começarmos a trabalhar.

— Você está nervoso?

— Não. Já passei por isso, lembra?

— Aquela vez era diferente... Agora, você vai pedir ao meu pai para morar com você, não namorar. — Certo, ela tinha um ponto aí... Ainda assim, eu não estava nervoso.

Entramos em sua casa e ela foi atrás do seu pai. Fiquei na sala, esperando por ele. Odiava ficar naquela casa; era muito fria, nada acolhedora e seu pai também não ajudava em nada.

— Sara disse que quer falar comigo, rapaz. — Namorava sua filha há dois anos e ele nunca havia me chamado pelo nome.

— Sim, mister Collins. Tem algo importante que gostaria de tratar com o senhor. — Ele se sentou, e eu fiz o mesmo.

— Seja breve, tenho muito que fazer. — Repetitivo? Sim, era exatamente isso. Ele nunca falava nada de diferente... A conversa era sempre a mesma, e era exatamente isso que me deixava nervoso.

— Mister Collins, a Sara foi aceita em Stanford, e eu também.

— Então, gostaria de saber se o senhor vai deixá-la ir para a faculdade.

— Sara está grávida? — perguntou, com um ar ameaçador. Aquela sua pergunta só me deixou ainda mais irritado.

—Eu dei a minha palavra de que não a tocaria, e eu cumpri.

— Você quer levar a minha filha com você para a faculdade? Para morar com você?

— Sim, mister Collins. Fiquei até agora esperando pela Sara, para que pudéssemos ir juntos.

— Sara só sai de casa casada! — Aquela frase foi um banho de água fria.

— Mister Collins, por favor... Somos jovens, é a faculdade. Não podemos nos casar tão cedo.

— Então, ela fica. — Que porra!

— Mister Collins, por favor! Peço que o senhor reconsidere, é o futuro da Sara e o meu.

— Rapaz, minha filha foi criada para ser uma moça direita. Se quiser tudo

isso aí que você falou, vai ter que se casar com ela. — Saiu da sala, dando-me as costas.

Homem, eu estava numa situação filha da puta! Como eu iria para a faculdade sem levá-la? Ou, pior: como me casaria com ela sem ter meus estudos concluídos? Não tinha como sustentá-la... O que juntei dava para vivermos bem por um tempo... Pouco tempo, o bastante até arrumarmos um emprego. Mas casar?

— Então, como foi? — Minha princesa entrou na sala, com os braços envoltos em sua cintura.

Como eu ia dizer para a mulher por quem estava apaixonado, que eu não poderia levá-la comigo para a faculdade, por que não podíamos nos casar?

— Como você previu.

— Quando você vai? — O que diabos eu faria agora?

— Sara, ele quer que a gente se case antes de irmos para a faculdade.

— Imaginei que ele viria com algo assim.

— Você imaginou? — Ela nunca havia me falado dessa suposição

— Meu pai, lembra? — “Sim... Como se fosse possível esquecer”, pensei.

— Não sei o que fazer...

— Vai para a faculdade. — Deu de ombros, como se a situação fosse muito simples.

— Assim? Simples assim, como se o que temos não significasse nada?

— Não podemos fazer nada. Também não temos que terminar só porque você vai para a faculdade... — Namoro à distância? Já era bem ruim estando tão perto dela, quem diria a quilômetros de distância.

— Não vai dar certo. — Sentia-me derrotado. Pela primeira vez desde que havíamos começado a namorar, estava começando a sentir a distância entre nós.

— Se você confia em mim e me ama, vai dar certo. — Agora eu entendia por que ela havia me perguntado se eu a amava... No fundo, ela realmente conhecia o pai dela.

— Não posso ficar, Sara. É o meu futuro, minha carreira, eu preciso ir.

— Eu sei que sim, Arnold. Não quero que fique, quero que você vá.

— Princesa... Eu lamento, de verdade. — Fui até ela e passei a mão em seu

rosto. Odiava ter que ir e deixá-la. — Não sei o que te dizer... Se eu fosse um canalha, agiria de forma imprudente, mas eu não sou, Sara.

— Eu sei disso, e ele também sabe... Ou jamais deixaria você me namorar.

— Não é justo o que vou te pedir agora, mas vou pedir assim mesmo. — Fechei meus olhos, para evitar chorar. — Espere por mim? Vou tentar dar um jeito na situação... Apenas prometa que vai me esperar.

— Amo você, Arnold. Vou esperar por você.

— Eu vou voltar para te buscar. Prometo isso a você. — Esperava cumprir com a minha palavra.

— Vou estar aqui. — As lágrimas dos seus olhos demonstravam o quanto estava sendo doloroso para ela também.

Aquele era um dos grandes motivos pelos quais tentei ficar longe dela. Eu sabia que teria que ir, cedo ou tarde. Esperei um ano para poder ir à faculdade, na esperança de que ela concluísse os seus estudos e fosse comigo. Claro que o pai dele atrapalhou todos os nossos planos.

Mesmo não querendo deixá-la, tive que fazer. Fui para a faculdade, deixando a mulher que amava para trás. Nos primeiros meses foi fácil, no entanto, à medida em que o tempo ia passando, a saudade ia aumentando e atormentando. Não aguentava mais ficar longe dela. A decisão de ir para a faculdade foi a pior que havia feito. Minha cabeça não estava nem ali, nem lá.

Durante todo o semestre eu ligava quase todos os dias, para saber dela. Ficávamos horas conversando ao telefone. Havia achado que o fato de ter ido para a faculdade e ela ter ficado acabaria nos separando, mas pelo contrário: a distância nos uniu ainda mais.

Arrumei um trabalho de meio turno e um extra para os finais de semana. Aquela distância machucava nós dois, então, tomei a decisão de começar a juntar dinheiro para me casar. Sara não sabia da decisão que eu tinha tomado... Queria que tudo fosse uma surpresa.

A tentação na faculdade era a pior parte. Mulheres lindas e gostosas por todos os lados. Muitas vezes estive no limite de me entregar, mas amava a Sara e sabia que ela jamais perdoaria aquela traição. Era tentador; eu me sentia o Adão perto da tentação Eva. Festas, farra, muita putaria... E eu lá, no cinco-contra-um, por uma mulher que mal beijei. Afastei todas aquelas coisas da minha cabeça. Não adiantava nada ficar me martirizando com todas aquelas besteiras.

Conheci um cara na faculdade que se tornou um grande colega. O cara era

uma figura. Passava o dia todo fazendo piada dos outros... Era um grande companheiro, mas muito farrista. Tentei me afastar um pouco. Sua insistência testava toda a minha resistência. Aquele teste estava mingando minhas forças.

Comecei a trabalhar feito um condenado nos intervalos entre as aulas da faculdade. Precisava juntar dinheiro e trazer a minha mulher para perto de mim. Aquele Mr. Collins era um filho da mãe maldito!

Passei o ano sem voltar para a casa dos meus pais. Minha rotina era: da faculdade para casa e da casa para o trabalho. No Dia de Ação de Graças, fui escalado para trabalhar e não pude ir. Sara ficou muito triste, mas entendeu. Aquele trabalho de fim de ano me renderia uma boa comissão.

O mês passou, e eu fui para casa no Natal. Estava com saudades dos meus pais e da minha princesa. Não me cabia em emoção, faria o pedido para o pai de Sara... Tinha juntado um bom dinheiro, para começar nossas vidas juntos.

Quando cheguei em casa, fui conversar com os meus pais sobre a minha decisão de me casar com Sara.

— Você tem certeza disso, meu filho? — perguntou meu pai.

— Sim, pai. Ela é a mulher da minha vida, a distância está matando nós dois.

— Exatamente por isso que sou contra esse casamento — desaprovou minha mãe. — Casar-se com Sara só porque vocês dois não conseguem ficar longe um do outro... Não é motivo para tomar uma decisão tão séria.

— Não é apenas por isso, mamãe. Eu a amo. Sara é a mulher da minha vida.

— Concordo com sua mãe. Casamento é uma coisa séria, meu filho. Essa decisão não pode ser tomada pelo impulso. — Não ia adiantar nada eles irem contra... Eu me casaria com ela de qualquer jeito.

— Gostaria muito que vocês me apoiassem. Vou fazer o pedido nesse fim de semana. — Levantei do sofá, saindo da sala e indo para o quarto.

Fiquei chateado com os dois. Meus pais se casaram cedo, e eles faziam faculdade na época. Qual era o problema de fazer a mesma coisa que eles? Ou não eram felizes? Tinha certeza que eram. Meus pais tinham uma cumplicidade muito grande, e o que eles tinham era o que eu queria para mim e para a minha Sara. Não me aguentava mais de tanta ansiedade. Ficar um ano longe dela foi um inferno.

Cheguei em sua casa e toquei a campainha. Estava muito nervoso. Toquei o bolso, para ver se a caixa da aliança estava nele. Tudo certo... Agora, era apenas

esperar.

Não tive tempo de processar absolutamente nada. A porta foi aberta e me vi sendo jogado ao chão. Não era bem essa a recepção que eu esperava receber, no entanto, foi muito melhor. A mulher que eu amava estava em cima de mim, beijando-me em todo o rosto. Segurei os seus cabelos e assaltei a sua boca. Juntos, mãos e boca entraram em sintonia, no chão da sua varanda.

Seu sabor ainda era o mesmo. Deus, como eu a amava! Se em algum momento tive alguma dúvida, aquele beijo eliminou tudo. Estar com ela nos meus braços, depois de tanto tempo, era como estar no céu. No entanto, eu sabia que teria que frear aquela loucura, pois o pai dela poderia nos pegar em flagrante a qualquer momento.

— Olá para você, também, minha princesa.

— Senti sua falta.

— Estou vendo, mas vamos nos levantar. Seu pai pode chegar aqui e nos pegar em uma situação bastante comprometedora.

— Certo. — Ela se levantou, e eu a segui. Em pé, abracei-a. Era libertador poder tocá-la novamente.

— Estava morrendo de saudades, minha princesa.

— Também morri de saudades.

— Seu pai está em casa? — Eu queria terminar com aquela parte logo.

— Está na cozinha. Você está bem, Arnold?

— Sim. Vamos lá falar com ele. — Ela tinha um olhar duvidoso, mas não entreguei nada. Era uma surpresa.

Seguimos juntos para a cozinha. A casa estava do mesmo jeito. Esperava que fosse a última vez em que colocaria meus pés dentro daquele lugar.

Chegamos à cozinha. Mr. Collins tomava café.

— Olá, mister Collins. Como vai?

— Bem, rapaz. — Não tirou os olhos da xícara para me cumprimentar.

— O senhor pode me dar dois minutos do seu tempo? — Não respondeu, apenas assentiu com a cabeça. Que droga era aquela? Porra, o homem era muito mal-educado.

— Fale... O que quer dessa vez? — O homem desencorajava até o Superman.

— Quero pedir a mão de Sara em casamento. — Agora sim tive sua atenção.

Ele me avaliava de cima a baixo. O homem era um enigma para mim - sempre foi. Era impossível saber exatamente qual era a sua reação.

— Não esperava nada menos de você. Você tem a minha bênção. — Certo... Aquele era o momento onde eu ficava parecendo um babaca, de boca aberta.

Nunca na minha vida imaginei que seria daquele jeito, com tanta facilidade. Não tinha palavras para expressar o que estava sentindo. Descrença, talvez?

— Obrigada, papai. — Sara foi até ele e o beijou.

Fiquei onde estava, completamente em choque. Achei que teria que argumentar, implorar e pedir muito para que ele desse sua bênção. Foi mais fácil que na minha casa, com meus pais.

— Arnold?

— Sim, pequena? — Saí do meu transe, para apertar a mão do meu sogro.

— Obrigado pela confiança, mister Collins.

— Cuide da minha menina. Desde que minha companheira morreu, tenho tentado dar o melhor para Sara.

— Tens a minha palavra, mister Collins. Vou cuidar muito bem dela. — Não acreditei em suas palavras. Não sabia explicar... Tinha algo que não se encaixava ali.

— Faça isso e não teremos problemas. — Aquele foi o discurso mais longo que já havia ouvido dele... — Antes que eu me esqueça, rapaz, as regras continuam, até vocês fazerem os votos diante do padre. — Aí estava o homem de volta...

— Perfeitamente, mister Collins. — Saiu da cozinha, deixando-nos a sós.

Olhei para a mulher que eu tanto amava e pela qual sentia uma saudade enorme. Peguei a caixinha do bolso e tirei a aliança que tinha comparado para ela. Era uma aliança com um pequeno diamante. Eu não tinha grana para comparar nada melhor, mas um dia teria e a encheria de joias.

— E você, minha princesa? Você quer se casar comigo?

— Claro que sim! — Peguei sua pequena mão, com dedos finos e delicados, e coloquei a aliança nele. Tive que me segurar para não dar um amasso nela - mas iria, logo mais...

— Será que podemos sair, para comemorar? — Ela estava radiante.

— Vou pegar minha bolsa e avisar ao meu pai. — Ela agora era a minha noiva. Não faria sexo com ela, mas daria uns bons pegos.

Estava desesperado para tê-la assim, ficar com ela, beijá-la e tocá-la. Uma merda que não o faria! Estava cansado daquilo.

— Podemos ir. — Peguei sua mão e a levei para o carro.

Capítulo 0:

Pegamos a interestadual e seguimos para uma cidade vizinha, onde havia chalés próximos às montanhas. Poderíamos curtir um tempo e, depois, voltaríamos.

— Aonde estamos indo?

— Para as montanhas. Quero comemorar nosso noivado, e, para isso,

precisamos estar sozinhos. — Sorri, dando uma piscada para ela.

Claro que meu pau já estava duro, ele sabia o que ia acontecer quando chegássemos lá, ao menos em partes. Manteria a minha palavra em manter minha mulher intacta até o casamento, conforme havia prometido ao pai dela. Porém, o fato de não tocá-la já havia me levado ao limite. Ela era minha noiva e eu queria estar com ela, como um casal normal.

Quando chegamos ao hotel, fui até a recepção e pedi um chalé para nós. Sara se manteve calada. Se tinha outras ideias na cabeça, ficaria frustrada. Fomos para o quarto em completo silêncio, porém, antes de começarmos qualquer coisa, deixaria as coisas claras para ela.

Assim que entramos, encostei-a na porta com o meu corpo.

— Princesa... Vou tocar você, vou beijá-la, mas não vamos transar disse, com a boca próxima ao seu ouvido. Chupei o nódulo da sua orelha e mordi. — Diga-me, Sara... Está de acordo?

— Sim... Por favor, Arnold! — Segurei-a pela bunda e a levantei. Assaltei sua boca, devorando-a com a minha. Línguas, dentes e lábios... Era uma sincronia perfeita. Levei-a para a cama e me deitei sobre ela. Comecei a moer o meu pau no seu centro, tentando conseguir uma fricção que fosse gostosa para os dois.

— Deus, você está me deixando louco. — Desci minha mão para o seu seio e o toquei. Ela soltou um gemido gostoso. — Gosta disso, pequena?

— Sim... Mais forte, Arnold! — Nossas respirações saíam em ofegos.

— Assim? — perguntei, apertando seu mamilo.

— Oh... Assim... Continue, por favor. — Ela seria a minha perdição. Eu tinha que manter em mente que não a comeria por completo... Apenas por partes.

Desci minha mão. Levantei sua blusa e a tirei dela. Ela usava um sutiã rosa. Deus! Ela era inocente até nas lingerie que usava. Desci minha boca para a dela, novamente, e desfiz o fecho da peça, tirando-a dela. Precisava senti-la, tocá-la. Levantei e tirei minha camisa.

Seus seios eram pequenos e rosados. Ela tinha os mamilos durinhos e arrepiadinhos. Sua feição era de êxtase. Gemia baixinho e tinha os olhos fechados.

— Abra seus olhos, Sara. Mantenha-os abertos. Quero que você me olhe nos olhos. — Desci a minha boca no seu mamilo, sem tirar os olhos dos dela.

Lambi em volta de todo o seu seio, e, depois, suguei o mamilo. Suas costas arquearam, saindo da cama. Com a outra mão, apertei o outro mamilo - o suficiente para causar uma pequena dor.

— Ah... — Um tesão do caralho.

— Gosta disso? Gosta quando aperto o seu mamilo, Sara?

— Sim... — respondeu, fechando os olhos.

— Mantenha seus olhos em mim, Sara — disse, apertando seu mamilo com força.

Esperei que ela me olhasse e suguei o seu mamilo, dessa vez mais forte. Mordi a ponta e acalmei a dor com a língua. Tinha que tomar cuidado para não deixá-la marcada. Passei a minha língua por todo o seu corpo, subindo até o pescoço. Beijei a sua boca e desci a minha mão para o cós da sua calça. Desfiz o fecho, e, com sua ajuda, tirei-a do seu corpo. Sem deixar de beijá-la, passei minha mão lentamente no seu centro. Jesus! Ela estava ensopada.

— Você será a minha morte, Sara. — Chupei o seu pescoço, e com a mão massageava seu clitóris por cima da calcinha.

Desci, lambendo cada pedacinho dela. Circulei o seu umbigo, e dei mordidinhas em volta. Sua reação era adorável; seus gemidos, deliciosos. Cheguei ao seu púbis, e, por cima da calcinha, percebi que ela não tinha pelos.

— Doce Jesus!

— O que foi? — perguntou, insegura.

— Você se depila? — Eu estava vendo que sim, mas perguntei assim mesmo. Não tinha nada mais sexy que a porra de uma boceta depilada.

— Sim, desde que comecei a ter pelos. Você não gosta?

— Sara, eu amo! Acho adorável, é muito sexy.

O sutiã era rosa, mas a porra da calcinha era preta. Aliás, aquilo nem podia ser chamado de calcinha... Era tão pequena que parecia um mais um tapa sexo.

Tirei aquele pequeno triângulo do seu corpo e fiquei de cara com sua bocetinha. Seu cheiro era suave e muito mulher. Nada daquelas baboseiras de perfume... Apenas o cheiro de sua excitação, rico e muito feminino.

Passeio nariz, inalando o aroma do seu sexo. Muito suavemente toquei seu clitóris com a língua. O sabor explodiu na minha boca, fazendo-me salivar. Com os dedos, abri o seu centro. Porra! Virgencinha, gostosinha... Toda novinha.

— Vou foder você assim que nos casarmos. Vou tirar esse seu cabaço com o meu pau.

— Faça, por favor, Arnold...

— Não hoje... Mas vou, em breve. — Enfiei a minha língua no seu canal, com muito cuidado para não romper nada e nem machucá-la.

Circulei o seu clitóris com a ponta da língua e o chupei levemente. Ela não aguentou e veio na minha boca. Ah, mas ela ia ter que aprender a esperar um pouco mais... Continuei o ataque, implacavelmente. Suas pernas tremiam. Ela gemia e gritava pelo ataque de sensações que seu corpo estava sentindo.

— Chega, Arnold, por favor... Pare! — Não parei. Eu não apararia até que estivesse satisfeito de proporcionar a ela tudo o que guardei durante aqueles três anos.

Continuei o meu ataque. Evitei o seu clitóris, para não deixá-la tão sensível, no entanto, minha língua era implacável. Continuei até que ela gozasse novamente.

— Arnold! — Era o que eu queria ouvir dela. Queria que ela gritasse o meu nome quando gozasse.

Passei a minha língua suavemente no seu canal, limpando-a. Meu pau estava latejando. Era doloroso, minhas bolas estavam a ponto de explodir. Toquei-o por cima da calça, e gemi ao fazê-lo.

— Agora é sua vez. — Não entendi o que ela quis dizer com aquilo.

— Do que você está falando? — Cara, aquilo era uma merda! Estava morrendo de dor nas minhas bolas.

— Quero fazer o mesmo com você. — Seus olhos ainda estavam embaçados, pelos orgasmos, e sua respiração era instável.

— Não tem que fazer isso. — Como eu queria... Deus era testemunha do quanto eu queria aqueles lábios em volta do meu pau.

— Quero fazer. Você é meu noivo, e, em breve, será meu marido. Ela veio engatinhando para onde eu estava sentado. A visão dos seus seios balançando e a posição de quatro me teve com o pau babando. — Me ensine a chupar você, amor.

— Ah, porra! — Não perguntei de novo. Se ela queria, eu daria.

Levantei-me rapidamente da cama e tirei o meu pau do seu confinamento. O coitado estava duro o suficiente para pregar pregos. Ela se

aproximou, ainda de joelhos, deixando aquela bela bunda exposta. O que eu não daria para virá-la e socar fundo naquela doce boceta...

Puxei-a pelos cabelos, guiando sua boca no meu pau.

— Abra a boca. Use os lábios e a língua. — Sua boca me tocou, e eu gemi na sensação. Porra! “Como eu sentia falta disso...”, pensei.

Comecei a balançar suavemente os quadris. Na verdade, a minha vontade era de foder a sua boca, no entanto, segui seu ritmo. Ela era nova, e eu queria aproveitar o momento, saborear o prazer que ela estava me dando.

— Mais fundo, Sara. Leve-o mais. — Aqueles lábios de veludo no meu pau eram o céu. Eu adoceria rapidamente se não nos casássemos o quanto antes. — Isso, pequena, assim... Gostoso para caralho! — Impaciente, aumentei ainda mais minhas investidas. Segurei-a pelo cabelo e fodi sua boca.

Não consegui aguentar: era muito controle, até para um pobre coitado como eu. Estar com a boca da sua mulher em volta do seu pau e não fazer nada era quase impossível.

— Ah... Porra! Você tem uma boca gostosa.

— Hm... — Seu gemido me levou à loucura.

— Vou gozar, Sara! Tire sua boca, se não quiser que eu faça isso dentro dela... — Cravou as unhas na minha perna e me levou por completo em sua boca. Foi a minha perdição. — ...Argh... Ahh, cacete! — Foi a melhor gozada da minha vida.

Desabei na cama, ao lado dela, e a puxei para mim. Deixei seu corpo colado com o meu e a beijei. Na sua boca, tinha o meu gosto; na minha, o seu sabor. Era uma mistura deliciosa! Beijamo-nos até ficarmos sem fôlego. Afastei-me dela e a observei...

— Você é linda. Amo muito você, Sara.

— Também amo muito você, Arnold.

— Quando você quer se casar?

— Você não está fazendo isso por que foi pressionado pelo meu pai, não é?
— Absurdo! Ela não via o quanto eu a amava?

— Não. Estou fazendo isso porque amo você, porque é a mulher da minha vida e porque não aguento mais ficar longe de você. — Será que ela tinha dúvidas do que sentia por mim? — Você está com dúvidas?

— Não, eu amo você. Apenas não queria que sua decisão fosse baseada na

pressão do meu pai...

— Não é, princesa. Quero muito isso... Viver longe de você nesse último não foi uma merda.

— Sério?

— Sim. — Eu teria que explicar melhor. — Olhe nos meus olhos, Sara. — Esperei que ela o fizesse, e, quando o fez, eu disse: — Você é o meu infinito, Sara. — Com os olhos cheios de lágrimas, respondeu:

— Você também é o meu... — Beijei-a mais uma vez. Jamais me cansaria daqueles lábios. — Você já tem uma data?

— Quero saber de você. Quando quer se casar? Vai querer fazer a cerimônia com festa?

— Não. Na verdade, queria que fosse uma coisa bem simples, e que fosse o quanto antes. Talvez no começo do ano?

— Não vai querer uma festa? — Eu tinha grana, mas realmente não me importava com festa.

— Não. Prefiro gastar com uma lua de mel. O que você acha? — Até nisso éramos compatíveis.

— Perfeito, princesa. — Dei um beijinho no seu nariz e me aconcheguei ainda mais nos seus braços.

Aquela sensação de paz, carinho e conforto era maravilhosa. Estar com ela assim era gostoso para cacete, no entanto, teria um fim. Estava ficando tarde, e eu teria que levá-la para casa antes que criasse problemas sem necessidades. Em breve a teria só para mim. Ficaríamos deitados juntos o tempo todo, a qualquer hora, sem problema algum.

— Princesa, vista-se. Precisamos ir.

— Não quero ir agora... Vamos ficar um pouco mais? — disse, aconchegando-se um pouco mais nos meus braços.

— Não faça isso, Sara. Não teste o meu controle dessa maneira.

— Achei que não ficaríamos assim tão cedo...

— Eu também. Não aguentava mais... Não pude esperar, aliás, ainda não posso, mas tenho. Quero ter você inteira para mim, quero afundar meu pau na sua bocetinha enquanto você grita meu nome. Quero ouvir seus gemidos ao fazer você gozar, quero te foder em várias posições e ter sua boca no meu pau me mamando, como você fez agora pouco. — Fiquei excitado, novamente, só de

imaginar as cenas que descrevi.

— Você é tão romântico...

— O quê? Não gostou?

— Hm... Sim, muito. — Colocou a boca no meu mamilo e mordeu.

— Oh...

— Gosta disso, Arnold? — Mordeu de novo, pegando no meu pau. Doce caralho!

— Pare com isso, Sara. — Desceu a cabeça, e colocou meu pau na boca. — Porra! Meu Deus, Sara... Oh... Assim... Isso... Chupa gostoso, vai...

Tudo bem que eu queria era que ela parasse, mas, cara... Se uma mulher coloca a boca no seu pau, não tem homem no mundo que resista, principalmente se for a mulher que você ama. Ela chupava gostoso. Sua língua circulava a cabeça e seus dentes o arranhavam. Era como estar no céu. Minha definição de paraíso.

Capítulo 04

Depois das festas de fim de ano, voltei para a faculdade, deixando minha mãe responsável pela cerimônia e recepção. Conforme combinamos, não teríamos uma festa, apenas uma recepção com a minha família e o pai dela. Era questão de tempo, para sermos marido e mulher.

Aluguei um apartamento de dois quartos. Mobiliei do jeito que ela queria. Ela me enviava fotos de móveis, de acordo com o que queria, e eu tentava ao máximo comparar tudo como ela pedia. Foi muito gostoso fazer isso com ela acompanhando, mesmo estando longe.

Algumas semanas depois, minha mãe me ligou, chorando, com a prova do vestido da Sara. Disse-me que ela tinha ficado linda. Meu coração não cabia de tanta felicidade. Muito em breve eu a teria para mim, na nossa casa.

Os dias passaram, e eu voltei para casa três dias antes do casamento. Fui

proibido pela minha mãe de vê-la antes... Coisa de mulher. Aproveitei o tempo com o meu pai. Saímos para beber e conversar. Falei com ela apenas por telefone, no dia em que cheguei. Sua voz parecia cansada. Imaginei que, com toda a organização do casamento, devia realmente ter ficado exausta.

No grande dia, eu estava eufórico, morrendo de saudade e louco para tê-la só para mim. A nossa cerimônia havia sido marcada para as dez da manhã. Acordei às seis, não conseguindo mais me conter. Caminhava de um lado para o outro dentro de casa.

— Acalme-se, meu filho.

— Não dá, mãe! Estou nervoso, ansioso e com saudades dela.

— Ficar nervoso não vai adiantar em nada. Vamos à cozinha, vou preparar para você um chá.

As horas não passavam. Aquela foi a manhã mais longa que eu já tive na minha vida. Por volta das nove horas, fomos todos para a igreja. Minha mãe precisava fazer os últimos ajustes antes da cerimônia.

Chegamos à igreja e já havia alguns convidados - alguns da minha família, como tios, primos e meus avós. Não vi o pai dela. “Provavelmente ficou para entrar com ela”, pensei.

Caminhava de um lado para o outro naquele altar. Olhava o relógio a cada dois minutos. A espera era interminável. Às dez e meia da manhã, eu estava louco dentro daquela igreja.

— Filho, acalme-se.

— Não consigo, pai! Ela está meia hora atrasada. Isso não é normal.

— Sua mãe atrasou quase duas horas — disse, direcionando um olhar amoroso para minha mãe.

Era aquela cumplicidade que eu queria para mim e Sara. Os dois juntos, um apoiando um outro, ajudando, compartilhando e dividindo. Às onze da manhã, minha paciência chegou ao limite. Todos na igreja estavam inquietos. De nervoso, comecei a entrar em pânico. Estava pronto para ir atrás dela quando um garotinho entrou na igreja correndo.

Ao ver aquela criança, meu coração parou de bater. Por alguns segundos, tudo ficou suspenso. Eu mal consegui respirar quando ele chegou até mim, entregando-me um envelope.

— Você é o noivo? — Não respondi, apenas acenei. — Isso aqui é para

você. Mandaram te entregar. — Peguei o envelope e abri.

Dentro havia uma fita de vídeo cassete. Olhei para o menino, que saiu correndo da mesma forma que havia entrado, e para todas as pessoas da igreja.

— O que é isso, meu filho?

— Não sei, mãe. — Naquele momento, meu coração voltou a bater dolorosamente.

Olhei em volta, percebendo vários olhares curiosos e muito burburinho. Desviei minha atenção para o padre e perguntei:

— A igreja tem um aparelho de vídeo, padre?

— Tem, na sacristia. Me acompanhe.

— Filho, você não precisa fazer isso agora. É o seu casamento.

— Não vê, mamãe? Essa fita é a prova de que não haverá mais casamento. — Não sabia o porquê, mas sentia, dentro do meu coração, que naquele vídeo eu veria algo que me deixaria marcado para sempre.

Segui o padre até a sacristia, onde estava o vídeo cassete. Introduzi a fita no aparelho e o padre ligou a televisão. Mal a imagem apareceu e os gemidos eram ouvidos. A imagem que vi me matou: a mulher que eu amava estava transando com um homem e chupando outro. Aquela foi a minha ruína. Sara, naquele dia, acabou com tudo o que eu acreditava - no amor, minha fé nas pessoas, e em casamento...

— Meu filho... — Minha mãe chorava. Minhas lágrimas foram inevitáveis.

Amava aquela mulher mais do que um dia havia imaginado ser capaz. Passei anos da minha vida me dedicando a ela, desejando-a, cuidando dela... Obedeci as regras do pai... Não peguei ou toquei no que era meu por direito. Agora, vê-la transando com um cara daquele nível, e naquele lugar, me deixou enojado.

Saí da igreja, sem rumo. Não queria dar satisfação a ninguém, não queria que ninguém visse a minha desgraça. “Banquei o palhaço por todos esses anos”, pensei. Aquela mulher não passava de uma vagabunda. Transar com um cara na véspera do nosso casamento foi a pior das canalhices.

“Essa desgraçada vai pagar caro pela vergonha que me fez passar... Passei anos trabalhando, para construir algo para nós dois... Movi céus e terras para dar a ela um casamento e uma casa. Meu esforço foi jogado fora por um pau! Um pau! Um maldito pau, de um homem velho e sujo... Filha da puta! Desgraçada!”,

esbravejava.

Voltei para a faculdade, sem dizer nada a ninguém. Não tinha dito a ninguém que iria me casar - nem mesmo ao Julian. Foi a decisão mais sábia que havia tomado. Ali pelo menos não teria ninguém para rir da minha cara. Agora, viveria tudo o que havia deixado de viver por todos aqueles anos por causa de uma boceta virgem. Virgem meu rabo! Aquela era uma puta de primeira. Fez-se de inocente para acabar com a minha vida...

Comecei a seguir Julian em todas as festas em que ele ia. Conhecemos um cara chamado Zen em uma delas. O cara era calmo, controlado, e muito centrado. Tornou-se nosso amigo de imediato. Saímos, e fazíamos as nossas farras... E, em uma delas, eu e Julian pegamos uma mulher juntos. Aquela foi a melhor transa da minha vida. Nunca tinha feito um ménage antes.

Todas as vezes em que saíamos, pegávamos uma juntos. Aquele virou meu lema: só foder quando Julian estivesse comigo, assim, evitaria qualquer contato íntimo ou próximo daquelas vagabundas. Era assim que eu via as mulheres: apenas um copo descartável. Usava e, depois, jogava fora.

As mulheres na minha vida se tornaram isso: nada mais que uma transa, e algumas nem eram boas. Nem valia o esforço, então, só comia e caía fora. Em uma noite de bebedeira, juramos, os três, nunca nos casarmos. Esse pacto foi feito sob o efeito de muito uísque, mas levado muito a sério pelos três.

Zen nunca participou de um ménage, mas o cara pegava todas. De nós três, era o mais assíduo ao clube que frequentávamos. Só pegava morenas; quanto a mim e ao Julian, limitávamos nas loiras e ruivas. Nunca mais estive com uma morena. A vagabunda havia me estragado para todas elas - e para as mulheres, de um modo em geral.

Zen foi o primeiro a terminar a faculdade. Logo depois, eu e Julian. Montamos em São Francisco uma empresa de publicidade, e a clínica médica do Zen com a herança que ele havia recebido do pai dele. Nossa amizade nunca foi abalada, éramos como irmãos. Os dois, sem saberem, devolveram a mim a vontade que eu tinha perdido de viver.

Capítulo 0!

Dias atuais, São Francisco – Califórnia

Assim, gata... Chupa gostoso, vai. — Aquela mulher tinha a boca de chupeta.
— Gosta de chupar meu pau? Gosta quando enfio ele todo na sua boca? — Olhei para cima e vi Julian fodendo a vagabunda.

Enquanto ela me mamava, ele a fodia. Sempre foi assim... Aquela puta pegamos em um restaurante; estávamos jantando com um cliente. Logo que terminou a reunião, eles foram embora. Eu e Julian ficamos, para beber e comemorar os novos associados. Ela apareceu no bar e, para fechar a noite com chave de ouro, nós a levamos para o matadouro. Era um local onde eu e Julian levávamos as mulheres. Nada de motel ou nossa casa; era para isso que o apartamento servia, para foder e, depois, ir embora.

— Ah, porra! Ela tem a boceta gostosa, Arnold — gemeu Julian.

— Chupe-o, gostosa, engula o caralho dele. — Ela enfio meu pau ainda mais na boca.

A pressão que Julian fazia em sua boceta a jogava para frente, fazendo com que a cabeça do meu membro batesse no fundo da sua garganta. Tinha que dar o braço a torcer: a mulher era gostosa para caralho.

— Vire-a. Quero enterrar meu pau nessa bunda gostosa que ela tem. — Ele parou e deitou na cama.

— Fique em cima e desça sobre o pau dele. — Ela fez como eu pedi.

As mãos de Julian a puxaram para ele, segurando-a no seu peito. Peguei uma camisinha e coloquei. Abri o lubrificante e besuntei meu pau. Apliquei em meus dedos e inseri nela. Seu gemido foi profundo.

— Gosta disso, putinha? Gosta dos meus dedos no seu rabo?

— Sim! Mais, por favor!

— Ah, sim, cadela... Vou dar mais a você. Em breve meu pau vai estar recheando esse seu buraco apertado. — Inseri dois dedos nela e comecei a trabalhar, abrindo em modo tesoura.

Preparei-a com cuidado, tentando ajustá-la ao máximo para me receber. Tudo bem que não me importava uma merda com ela, no entanto, não iria machucá-la. A foda era para dar e receber prazer. Quando meu terceiro dedo entrou e saiu com facilidade, coloquei minha mão em suas costas, para mantê-la naquela posição, e enfiei a cabeça do meu pau em seu buraco.

Ela era apertada. Nunca havia feito anal, ou há muito tempo não fazia. Para mim, não importava: eu queria era foder aquele rabo, satisfazer-me e, depois, ir embora. Enfiei meu pau até minhas bolas baterem em sua bunda.

— Oh... Cacete! Você tem o cuzinho tão apertado! — Comecei a mexer lentamente. Tirava e colocava.

— Eu... Oh... Nunca fiz... Ah! — Rapidamente eu e Julian encontramos o ritmo.

A nossa sincronia era perfeita. Enquanto ele empurrava, eu tirava. Podia sentir o pau dele através da fina película que nos separava. A fricção dos dois paus juntos e o buraco apertado me levaram ao limite.

— Porra! Estou chegando...

— Mais rápido, Arnold. — Puxei-a pelos cabelos, fazendo com que se empinasse. Com a outra mão, toquei seu clitóris.

Meu esforço foi recompensado: ela gozou, levando-nos junto. Parei, quando estava seco, e desabei sobre os dois.

— Porra! Isso que eu chamo de foda...

— Eu que o diga... Sai de cima, Arnold. Vocês dois estão me esmagando.

— Cara, eu realmente preferia não me mexer agora...

— Oh, céus! Nós precisamos repetir isso, rapazes.

— Sem segunda vez. — Seu comentário me tirou todo o humor. Levantei-me, retirando-me de dentro dela.

Fui até o banheiro, para retirar a camisinha, e aproveitei para tomar um banho. Aquilo era uma merda: sempre deixava claro que seria apenas uma vez, mas sempre tinha uma puta para estragar a noite. Será que era difícil entender que era foda de uma noite e ponto? Não aconteceria novamente. Nada de telefonemas, nada de visitas... Apenas uma transa, e nada mais.

Saí do banheiro e fui me vestir. Julian e ela conversavam animadamente.

— Onde vai?

— Embora. Estou satisfeito e dando minha noite por encerrada.

— Ah, meu amor, fique mais um pouco... Vamos aproveitar o resto da noite.
— Odiava mulher grudenta, ainda mais quando uma puta falava manhoso.

— Primeiro: não sou seu amor. Segundo: não vai acontecer de novo. Terceiro: já disse que estou satisfeito. — Terminei de me vestir e tirei da carteira algum dinheiro, para ela pagar o táxi. — Aqui a grana para você pegar um táxi de volta para a sua casa.

Olhei para o Julian. Vi a mesma cara que ele fazia quando eu ia embora.

Para mim, não importava se o cara achava que eu era um canalha com as mulheres. Ele tinha razão: eu realmente era. Embora muitas vezes fosse desnecessário minha frieza, era assim que eu gostava e era dessa forma que seria.

— Nos vemos amanhã, Julian. — Saí, despedindo-me dele.

Desci para o estacionamento, peguei meu carro e fui para casa. Estava exausto depois de um dia tumultuado e da noite fogosa. Aquela mulher tinha que estragar a minha noite com aquele comentário patético de uma segunda vez? Não havia segunda vez: nunca houve, e não seria agora que haveria.

Estava passando pela ponte Golden Gate quando meu celular tocou. Ignorei a ligação. Provavelmente era Julian, para me encher o saco. Por mais que eu gostasse do cara, não estava disposto a ouvir o que ele tinha a me dizer sobre o meu comportamento. O telefone voltou a tocar novamente. Daquela vez, peguei-o e olhei no visor: era o número da Fabiana.

— Alô? — Ela nunca tinha me ligado antes.

— Arnold?

— Sim. O que foi, Fabiana?

— Não estou me sentindo bem. — Sua respiração era ofegante. — Zen está em uma cirurgia, e eu não consigo falar com o Julian... — “Claro que não, ele está ocupando fodendo”, pensei. Mas não diria isso a ela.

— O que você tem?

— Acho que está na hora. — “Ah, merda! Por que tinha que ser eu?”, pensei.

— Atravessei a ponte agora, estarei aí em poucos minutos.

— Obrigada, Arnold.

— Fique comigo no telefone, não desligue...

— Tudo bem.

— Onde está Alima?

— Foi ao teatro com o Filipe. — “Por que deixam uma mulher no último mês de gestação sozinha em casa?”, voltei a pensar.

— Oh, meu Deus!

— O que foi, Fabiana?

— Vai nascer, Arnold!

— Segure aí, já estou chegando. — “Por todos os santos!”, pensei.

Acelerei o carro, para chegar o mais rápido possível. Zen me castraria se acontecesse alguma coisa com ela ou com os bebês. Passei sinal vermelho, não parei em cruzamento... Dirigi como um louco até a casa deles.

— Aiii... Socorro, Arnold, por favor!

— Respire fundo, querida, estou indo o mais rápido que posso!

— Dói muito! — Estacionei o carro em frente a calçada e entrei.

— Fique calma. — Comecei a suar de tanto nervosismo. Nunca havia me imaginado naquela situação.

A casa era enorme. A construção era incrível: Fabiana projetou a casa e Zen a mandou construir conforme ela queria. Não havia nada que ele não daria a ela. Devo confessar que ela realmente o amava. Nunca vi os dois discutirem, a menos quando ela teimava... No entanto, só de olhar para ele, ela se redimia. Era incrível a conexão que os dois tinham.

Entreí na casa. Eu e Julian tínhamos cópias das chaves. Zen fazia questão de nos dar, principalmente por causa de uma situação como aquela. O que me deixava intrigado era: como ela poderia estar sozinha naquele dia?

— Está comigo, Fabiana? Estou subindo.

— Estou no meu quarto. — Desliguei o celular e subi as escadas. “Deus, como farei para descer, com ela, esses degraus todos?”, pensei.

Fabiana

A dor era horrível! Começava nas costas e descia para a barriga. Deus! Parecia que me rasgaria de dentro para fora. Se eu soubesse que a dor era tanta, jamais teria ido contra o Zen sobre ter um parto cesáreo. Não havia maneira de continuar sentindo aquela dor horrível.

— Estou aqui. — Era a última pessoa que eu chamaria, porém, não tive alternativas.

— Ajude-me... Por favor, Arnold, leve-me ao hospital. — Fechei meus olhos quando a dor voltou. — Jesus! Ahhh... Eu quero o Zen!

— Acalme-se, Fabiana. Vou tentar ligar para ele.

— Não me mande ficar calma novamente! Juro por Deus que, se você

disser, eu avanço em você...

— Ok... Acal... Acho melhor ligar para o Zen.

— Me leve ao hospital, agora! — Desgraçado! Se ele me fizesse esperar mais um minuto, eu o mataria.

— Como vou descer, com você, todas essas escadas? Por que não tem ninguém aqui com você?

— Faça alguma coisa! — “Oh, meu Deus, me ajude!”, pensei. A dor era horrível!

— Você chamou uma ambulância?

— Não! — Nem tinha pensado nisso.

— Vou providenciar uma.

Comecei a me virar de um lado para o outro na cama. A dor era intensa, e estava vindo com mais frequência. Não tinha dúvidas de que ganharia meus filhos a qualquer momento. Olhei para Arnold, que andava de um lado para o outro falando ao telefone. Até aquilo me irritava. Precisava fazer alguma coisa. Levantei-me da cama e, quando dei o primeiro passo, um líquido escorreu perna a baixo.

— Oh. Meu. Deus!

— Ah, porra!

— Minha bolsa rompeu, eles vão nascer! — Meu desespero aumentou.

— E agora?

— Faça alguma coisa!

— Não precisa gritar! Estou tentando te ajudar.

— Fazendo o quê?! — Estava no limite.

A dor voltou com força total. Foi tão grande que me agachei.

— Fabiana, venha aqui. Vou colocá-la na cama.

— Dói muito, Arnold. O Zen... Eu preciso do Zen. — Comecei a chorar, porque não sabia mais o que fazer.

Ele me deitou na cama. Fechei meus olhos e comecei a ver estrelas. Nunca imaginei que dar a luz seria tão doloroso. Jurei, a mim mesma, que nunca mais engravidaria. Não queria mais saber de ter filhos; nada no mundo me faria passar

por aquela dor novamente.

— Zen! Por favor, amor! — A dor agora era contínua.

Abri as minhas pernas assim que senti algo vindo. Não podia acreditar que ganharia meus filhos em casa, sendo esposa de um médico e dona de uma clínica.

— Vão nascer, Arnold! Estou sentindo, eles estão vindo!

— Fabiana, vamos tentar isso juntos, ok? Você me ajuda a ajudar você.

— Você sabe fazer parto? — perguntei, em meio às lágrimas e ao pânico.

— Olha... Eu já assisti um, mas nunca fiz.

— Assistiu? — Estava sentindo tanta dor que não me importava mais.

— Sim... Em... — Esperei até ele desembuchar. — Vi em um filme. — Falou tão baixo que quase não consegui entender.

— Você o quê?

— Vi em um filme.

— Fique longe de mim!

— Tem opção melhor? Sou todo ouvidos...

Não tinha outra solução: ele era a única. Nunca imaginei que, quando chegasse aquela hora, seria apenas eu e ele. Logo o Arnold, que nunca tinha ido com a minha cara. Vivíamos em pé de guerra, não nos dávamos bem... Agora, na hora de os meus filhos nascerem, era o único que os ajudaria a vir para o mundo.

— Eu não aguento mais de dor... Ajude-me, por favor! — Eu rolava de um lado para outro na cama, tentando de alguma maneira aliviar a dor horrenda que estava sentindo.

— Tudo bem... Vou precisar de toalhas limpas e uma tesoura. Onde encontro?

— No armário, dentro do banheiro... Tem uma maleta de primeiros socorros do Zen. — Respirei fundo, tentando me acalmar - para ajudá-lo a me ajudar. — Por favor, Arnold, seja rápido...

Ele pegou todas as coisas que iríamos precisar e voltou para a cama. Organizou tudo, como se fosse um profissional.

— Vou lavar minhas mãos. Volto já. — Mais espera...

Aquela angústia era interminável. Que Deus nos ajudasse! Que meus filhos nascessem vivos e saudáveis. Justamente naquele dia, em que Zen tinha uma cirurgia e não havia ninguém em casa, entrei em trabalho de parto. Quando ficamos sabendo que eu estava grávida de trigêmeos, Zen pirou. Eu não saía de casa sem que estivesse com uma acompanhante e um motorista. Em casa, além da Alima e da Bha, eu contava com três funcionários.

Era um exagero tudo aquilo... Eu não podia dar um espirro que todos iam correndo para saber se eu estava bem. Zen me ligava a cada intervalo de consulta. Julian ficava comigo todas as vezes que o Zen tinha que sair da cidade. Durante as trinta e seis semanas de gestação, só estive sozinha para usar o banheiro. No resto, era sempre acompanhada por alguém. Até para dormir, quando ele não estava em casa, quem ficava no quarto era o Filipe.

Não sabíamos o sexo. Decidimos, juntos, que iríamos descobrir assim que eles nascessem. Zen escolheu nomes de meninas, e eu de meninos. Não queria nem imaginar o quanto Zen brigaria comigo quando soubesse que dei a todos um dia de folga.

— Vamos começar. — Arnold tirou o casaco e colocou luvas cirúrgicas.

Era agora. Não tínhamos mais tempo, meus filhos nasceriam a qualquer momento.

— Vou precisar... — Seu desconforto era enorme. Ele ia ter que me ver nua, teria que ver lá... Zen o mataria, sem sombra de dúvidas. —... Tirar suas roupas. Não queria isso, Fabiana. Juro por Deus que não. Embora não entenda nada disso, vou tentar ajudá-la no que eu puder.

— Faça, Arnold, não temos alternativas. — Fiquei completamente nua.

Usando de um bom senso, tapou-me com um lençol. Mal me olhava.

— Ok... Agora, abra as pernas e me deixe... Er... Ver... — Não ia dar certo. Aquilo não ia funcionar.

— Você vai precisar olhar, Arnold... Não vai adiantar nada me fazer abrir as pernas se você virar o rosto.

— Certo. — Olhou para as minhas pernas assim que as abri.

— Porra! Estou vendo, Fabiana...

— Posso senti-los! E agora? — Eu estava chorando. Parei de gritar, para tentar deixá-lo calmo. Ainda assim, minha voz era num tom elevado.

— Bom... Agora faça força. — Lembrava-me daquilo no curso que Zen e eu fizemos no pré-natal.

Coloquei minhas mãos na grade da cama e comecei a fazer força. A dor aumentou, e era descomunal. Estava há horas sentindo dor. Sentia-me cansada e exausta. Respirei fundo algumas vezes e comecei a fazer força.

— Isso, Fabiana! Estou vendo a cabeça... Faça mais força. — Respirei pela boca e forcei mais uma vez.

— Ahhhhhhh!

Capítulo 06

Zen.

Havia passado as últimas oito horas em uma cirurgia. Sentia-me exausto, e só queria ir para casa. Estava preocupado com Fabiana... Ela estava nas últimas semanas de gestação. Eu não via a hora de pegar meus filhos no colo. Quando soubemos que seriam trigêmeos, chorei feito uma criança. Não me importei nem um pouco; a magnitude daquela notícia era sem precedentes.

Saí do bloco cirúrgico e fui até a UTI para ver meu paciente. A cirurgia foi um sucesso, mas, ainda assim, ele precisaria de cuidados até se recuperar completamente. Estava passando pelo guinche das enfermeiras quando uma delas me abordou.

— Doutor Kahil?

— Sim? Como vai, enfermeira Sara?

— Mistress Kahil ligou quatro vezes para o senhor. Mister Scoot ligou duas... Pediram para que o senhor retornasse a ligação com urgência. — Meu coração acelerou.

— Obrigado, Sara. — Saí de lá como um louco. Corri até o meu consultório, peguei minhas chaves, celular e carteira.

Nunca na minha vida havia sentido tanto pavor como estava sentindo naquele momento. Minha rainha nunca me ligava no hospital. Enquanto entrava no carro, liguei meu celular. Imediatamente ele começou a tocar com a quantidade de chamadas não atendidas. Havia mais de trinta e cinco de Fabiana e oito de Arnold.

Desesperado, fui direto para casa, tentando entrar em contato com todos no caminho. Ela não atendia o celular; o do Arnold estava desligado. Filipe, estava

com o dele desligado, e o de Julian também. Onde diabos estavam todos? Disquei para casa e ninguém atendia, também.

“Impossível!”, pensei. Havia contratado três funcionários para estarem com a Fabiana vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana... Era para todos darem a ela total atenção, nunca a deixando sozinha, e jamais saírem sem falar comigo. Não entendia por que ninguém atendia ao telefone.

Corri como um louco para casa. Demorou mais tempo do que imaginei. Não sabia o que pensar, meu desespero era sem tamanho. Todas as cenas que passavam na minha cabeça eu tentava rejeitar. Ela caindo da escada, batendo o carro, a bolsa estourando em casa...

Quando cheguei, quase vinte minutos depois, vi o carro de Arnold estacionado na porta de casa, com a porta aberta e os faróis ligados. Se antes eu estava em pânico, agora eu estava apavorado. Corri para dentro e, assim que entrei na sala, ouvi os gritos dela.

— Meu Deus! Ahhhhh! Socorroooo!

— Mais força, Fabiana! — Não queria acreditar no que estava ouvindo.

Subi as escadas de três em três degraus e parei na porta do meu quarto. A cena me deixou perplexo.

— O que está acontecendo aqui?! — gritei, feito um louco, vendo meu amigo no meio das pernas da minha mulher.

— Graças a Deus, Zen! Ela entrou em trabalho de parto, não tinha como eu descer as escadas com ela. — Ele estava com as mãos cheias de sangue. — Tentei ajudar da melhor maneira possível.

— Saia de perto dela, Arnold. Deixa que eu assumo daqui. — Caminhei até ela e vi a cabeça do meu filho coroando. — Minha rainha... Acalme-se, está bem? Vai ficar tudo bem e vai dar tudo certo.

— Tá doendo muito, amor. Por favor, ajude!

— Eu vou... Nós dois, juntos, vamos trazer nossos filhos. Você confia em mim?

— Confio, só... Por favor, faça logo... Estou com muita dor.

— Tudo bem. — Levantei-me e fui até o banheiro. Lavei minhas mãos e coloquei uma luva cirúrgica.

Olhei para Arnold, e o cara estava totalmente deslocado. O macho em mim não gostou de vê-lo no meio das pernas da minha mulher, mas o médico e amigo

iriam agradecê-lo pelo resto da vida.

— Fique atrás dela, Arnold. Ajude-a empurrar, segurando suas costas. — Ajoelhei-me no meio das pernas da minha rainha, examinando a situação.

— Vamos lá, amor! É com você. — Estava visivelmente abatida e cansada.

Peguei uma toalha e entreguei a Arnold.

— Seque o suor dela. Tente deixá-la o mais confortável possível.

— Ok.

— Vamos lá, meu amor, empurre. — Fez como eu pedi. — Respire pela boca e empurre, não pare.

Tentamos várias vezes, mas ela estava sem força. Comecei a ficar preocupado. Tudo aquilo estava acontecendo porque ela era teimosa demais. Pedi, implorei que marcasse uma cesárea, para ter os bebês, mas ela foi contra, queria que fosse natural. Bom... Ela tanto quis que aconteceu, porém, não era o local apropriado e não estávamos prontos para aquela emergência.

— Princesa, você vai precisar ser mais forte. — Estava tão cansada que estava quase dormindo. — Pequena! Acorde! Vamos lá, amor, está na hora de vermos nossos filhos, você precisa ajudá-los.

— Estou cansada, não aguento mais tanta dor... — Odiava ver minha rainha chorando. Aquilo me deixava impotente.

— Arnold, enche a banheira para mim. Rápido. — Ele se levantou e foi correndo para o banheiro. — Amor, vamos tentar fazer isso na água. Vai ser mais confortável para você.

— Não aguento mais, amor.

— Você é valente, meu amor... Vai conseguir. Não podemos recuar. Sua bolsa já se rompeu e eles precisavam vir, não temos tempo para mais nada. — Continuei falando com ela e massageando sua barriga, tentando, de alguma forma, deixá-la confortável e calma.

Por dentro eu estava em pânico, mas, se demonstrasse, a situação ficaria pior. Precisava me manter calmo para deixá-la calma.

— Está cheia, Zen.

— Ajude-me a levá-la. Não a deixe cair. — Ele pegou por baixo dos braços e eu apoiei em sua bunda, tendo o cuidado de manter suas pernas abertas.

Nós a abaixamos na água cuidadosamente. Levantei e tirei minha roupa,

ficando apenas de cueca. Entrei no box, tomei uma ducha rápida e entrei na banheira com ela.

— Vou precisar de sua ajuda, amigo.

— O que quer eu faça? — perguntou, já imaginando. Sabia que teria que entrar na água também.

— Exatamente o que você está pensando, mas, no seu caso, mantenha as calças. — Ele me olhava completamente pasmo. — Não faça essa cara. Entre na banheira e ajude a mim e minha esposa a trazermos nossos filhos ao mundo.

— Vou pegar a maleta no quarto.

— Rápido!

— Amor... Por favor, Zen, tiro-os! Por favor!

— Acame-se, meu amor. Não adianta você ficar nervosa. — Quando Arnold voltou, entrou na banheira.

— Fique atrás dela. Coloque os braços embaixo dos seus joelhos e levante-os. — Esperei-o fazer. Naquela posição, ele a deixaria aberta e ajudaria a fazer força. — Vamos lá, pequena! Empurre.

— Hmm...

— Mais!

— Ahhhh!

— Continue! Está vindo, amor!

— Meu Deussssssss... — O primeiro bebê saiu e tirei-o da água.

Naquele momento, senti uma felicidade sem precedentes. Amor incondicional. Era louco pela minha mulher, mas aquela menina nas minhas mãos era a minha vida.

— É uma menina! Uma menina, amor! Allah, ela é linda!

— Deixe-me vê-la, Zen!

— Ela se chamará Sofia. — Cortei o cordão umbilical e peguei um clamp da minha maleta para colocar no umbigo.

— Sofia?

— Sim. Significa “sabedoria”. — Entreguei a minha pequena princesa a ela.

— Azzah? Ibn?

— Aqui, ualida, no banheiro. — “Graças a Allah minha ualida chegou!”,

pensei.

— O que está... — Calou-se assim que viu a situação. — Allah!

— Ajude-me, ualida, não terminamos aqui. Pegue Sofia.

— Minha nasab (neta)...

— Precisamos trazer os outros... Chame uma ambulância.

— Eu já chamei.

— Obrigado, Arnold.

— O que está acontecendo aqui? Pai?

— Aqui, Filipe! — Desde que havia ido morar conosco, era assim que me chamava. Sempre o tratei como filho, e continuaria tratando era dessa forma que o via.

— Jesus! — disse, ao entrar no banheiro.

— Vamos precisar de sua ajuda, filho. Pegue outra toalha.

— Zen! Ahhhh! — Olhei para minha rainha e vi que o outro já estava vindo.

— Vamos lá, minha pequena guerreira. Faça força! — E ela fez.

Desta vez, não sofreu tanto como na primeira.

— É um menino. Minha carne, minha descendência, minha continuação. — Cortei o cordão umbilical e minha vista embaçou.

Comecei a chorar com o meu filho no colo. Aquele momento ficaria marcado para sempre. Nunca me senti tão realizado. Aquela mulher trouxe luz para a minha vida escura, deu-me um amor puro e verdadeiro... E, agora, dava-me uma família; os filhos que sempre sonhei, que sempre desejei. Carne da minha carne.

— Zen... — Olhei para a minha rainha, que estava mais do que abatida pelo esforço, cansaço e dor.

— Falta mais um, amor... E, depois, você vai poder descansar.

— Zen Kahil Filho — disse, erguendo as mãos para alcançar nosso filho.

— Vai dar meu nome a ele? — perguntei, todo bobo. Era o nosso momento, eu podia ser um pai babão.

Passei nosso filho a ela, esperando a resposta.

— Sim. Não tem nome melhor. — Se antes eu a amava, agora eu a idolatrava.

— Obrigado, minha rainha. Me sinto lisonjeado.

— Tome, Filipe. Pegue-o.

— Minha ualida sabe o que fazer, Filipe. Leve-o para ela. — Ela tinha feito vários partos em Marrocos. Muito deles foram das esposas do meu pai. Fazia parte do costume ter filhos em casa.

— Zen! — Olhei para Arnold e vi que a Fabiana estava muito mal.

— Fabiana? Amor?! — Abriu os olhos, fazendo meu pânico diminuir.

— Estou cansada, Zen.

— Não durma... Vamos lá, temos mais um a caminho. — Acenou e começou a fazer força.

Meu terceiro filho chegou para finalizar aquela ansiedade. Era mais uma menina.

— Outra menina, minha rainha.

— Deixe-me vê-la.

— Ela se chamará Yasmim. — Fiz todo o procedimento antes de entregar a ela.

— Ela é tão linda! Olá, minha pequena flor, a mamãe te ama muito...

— Me dê ela, Biana, deixe-me levar para a Alima. — Olhei para Filipe, que também estava chorando, e vi o amor que ele também já sentia pelos sobrinhos.

Terminei o parto da minha guerreira. A ambulância que Arnold tinha chamado acabava de chegar. Os quatro foram levados ao hospital, para os atendimentos necessários. Minha ualida e Filipe foram juntos. Fiquei, para tomar um banho e ajeitar a bagunça.

Estava me vestindo para ir ao hospital quando me lembrei de Arnold.

— Obrigado, meu amigo.

— Parabéns, papai. — Abraçamo-nos, e eu voltei a chorar.

— Obrigado, Arnold... Serei eternamente grato pelo que fez por mim, por ela e pelos meus filhos.

— Eu estava em pânico, mas jamais deixaria de ajudar. Estou feliz que tudo tenha dado certo.

— Obrigado. Vou indo ao hospital... Você vem?

— Vou, sim, mas vou passar em casa primeiro. Preciso de um banho. Quero comparar umas flores para ela e avisar ao Julian.

— Aprecio isso, meu amigo.

— Nos vemos lá.

Sáímos juntos, e cada um foi para o seu carro. Meu coração não cabia mais de tanto amor. “Finalmente meus filhos nasceram... Bem e saudáveis!”, pensei. Sofia, Zen e Yasmim; os três seriam a razão da minha vida e a da minha esposa. Viveríamos nossas vidas para eles e por eles. Agora eu entendia o valor e o peso das palavras “amor incondicional”. Eles me deram isso assim que os trouxe, com as próprias mãos, ao mundo.

Capítulo 0

Arnold

Eu precisaria de um litro de ácido para tirar todas aquelas cenas da minha cabeça. A dor da Fabiana, a loucura que foi quando vi os bebês nascendo... E pior: a inveja que eu sentia de Zen. Um dia, sonhei com tudo aquilo. Sonhei em ter uma família, filhos... No entanto, meus sonhos foram destruídos. Fui feito de palhaço na frente de toda a minha família e amigos. Servi de idiota, para todos rirem da minha cara.

Jurei a mim mesmo nunca mais ser capacho de mulher nenhuma! “Não preciso de uma para ter filhos, certo? Posso adotar, tem tantas crianças precisando de um lar...”, pensei.

Cheguei em casa e fui direto para o banheiro. Minha roupa iria definitivamente para o lixo; além de coberta de sangue, estava com um cheiro horrível. Entrei embaixo do chuveiro e deixei que a água quente eliminasse toda a tensão do dia. E que dia!

Saí do banheiro e liguei para o babaca do Julian. Para o bem dele, era melhor que tivesse terminado de comer a vagabunda.

— O que você quer?

— Oi para você, também.

— Você é um idiota, Arnold.

— Quase quinze anos e você ainda não se acostumou? — disse, cheio de sarcasmo.

— O problema é que você está pior. Juro, homem, você precisa se tratar. — Era sempre assim, já estava acostumado.

— Olha, me poupe do seu sermão. Estou passando aí para te pegar.

— Não vou a lugar nenhum com você!

— Você vai ao hospital comigo. Até daqui a pouco.

Desliguei o celular e terminei de me arrumar. O cara, quando não era uma comédia, era um pé no saco. Tinha dias que dava vontade de sumir, ficar longe de tudo e de todos. Ninguém era obrigado a conviver comigo, no entanto, eu também não era obrigado a ser agradável com todo mundo o tempo todo.

Cheguei em sua casa minutos depois. Morávamos no mesmo condomínio, sempre tivemos acesso à casa um do outro. Nós três tínhamos essa liberdade, e isso não mudou nem depois que Zen se casou. Entrei em sua casa, sem bater na porta, e chamei por ele.

— Julian? — Não ouvi resposta. Subi as escadas e entrei em seu quarto. — Você ainda está deitado?

— Que porra é essa?! O que diabos faz aqui?

— Julian, pelo amor Deus! Eu não disse que estaria passando para te pegar?

— Onde você quer ir a essa hora da madrugada? Eu trabalho cedo!

— Fabiana deu à luz. Está no hospital, Zen está esperando por nós.

— Por que não falou, idiota? — Apressou-se em sair da cama e seguiu para o closet.

— Eu avisei assim que liguei. Disse que estaria passando para te pegar e irmos ao hospital.

— Merda! Por que não me ligaram?

— Nós tentamos. Até a Fabiana te ligou, mas o seu celular estava na caixa postal.

— Fiquei com a gostosa um pouco mais. — Parou de se vestir e me olhou. — Falando nisso, você precisa se tratar.

— Vai à merda. Eu sempre fui assim, não vou mudar.

— O que diabos aconteceu com você?

— Não quero falar sobre isso. — Acenou e continuou se vestindo. — Você está pronto?

— Sim. Vamos. — Descemos, em silêncio.

O cara só podia estar dormindo... Ficar em silêncio perto do Julian era quase impossível.

— Como você ficou sabendo?

— Eu ajudei no parto — disse, ao entrar no carro.

— Como assim você “ajudou”?

— Ela te ligou e não o encontrou. Zen estava em uma cirurgia.

— Alima e Filipe estavam no teatro... Para os funcionários, ela deu folga.

— Ela ficou sozinha em casa? — perguntou, sem acreditar naquele absurdo.

— Pode acreditar. Nunca vou esquecer daquele momento, Julian.

— Como foi?

— Terrível. — Balancei a cabeça, tentando tirar as imagens da minha memória. — Cara, eu tive que vê-la nua. Você tem ideia de como está a minha cabeça?

— O Zen não vai gostar nada disso.

— Ele viu. Quando ele chegou, eu estava com a mão e o corpo no meio das pernas dela. — Riu alto. O filho da puta riu tanto que chegou a sair lágrimas dos olhos.

— O que eu não daria para ver uma cena como essa...

— Muito engraçadinho. Você não tem ideia do desespero que foi.

— O que são?

— Duas meninas e, um menino.

— Que legal! Cara, eu não via a hora daquelas crianças nascerem. Agora, eu sou tio. — Ele não fazia ideia do quanto aquilo me machucava.

Não comentei mais nada. Passamos em uma floricultura, para que eu pudesse comparar umas flores. O exagerado comprou ursos, balões e jasmim. O cara só faltou levar a floricultura dentro do carro.

— Por que jasmim?

— Porque você disse que duas são meninas, e eu aposto que uma delas se chama Yasmim.

— Como sabe disso?

— Porque o Zen me disse que colocaria esse nome se fosse menina. — Nunca havia comentado isso comigo. Não o culpava; a culpa era apenas minha.

Chegamos ao hospital e mal conseguimos tirar tudo de dentro do carro. Ele era um exagerado... Talvez as crianças até tivessem alergia a tanto pelo e flores. Fomos para o quarto que nos foi indicado pela enfermeira. Batemos na porta e esperamos sermos atendidos.

— Ei, meus amigos. — Zen estava com um sorriso enorme.

— Ah, cara, eu preciso ver meus sobrinhos — disse Julian, abraçando-o. — Desculpe ter ficado incomunicável.

— Sem problemas, ninguém esperava por isso.

— Certo. Agora, me deixe vê-los.

— Entrem, mas não façam barulho. E... Para você, Julian, não a faça rir. É desconfortável para ela.

— Ah... Fala sério, Zen! Deixe-me ver meus sobrinhos e ela.

— Eu vou te tirar daqui se ela se sentir desconfortável.

— Cara, deixa de ser chato e me deixa entrar? — Relutante, Zen deixou que ele passasse.

— Bom... Eu vou entrar para vê-los e depois vou embora, estou cansado.

— Tudo bem. Obrigado, mais uma vez, Arnold.

— Pode contar comigo, Zen. Sempre.

— Venha ver meus filhos.

Assim que entramos, vimos Julian dar um beijo na testa da Fabiana. Ele passou os dedos no cabelo dela e foi pegar um dos bebês, que estava no colo de Alima.

— Ei, garotão, eu sou o titio Julian. Sou o tio que vai levar você para a sua primeira transa... Você vai pegar a mulher mais bonita da Califórnia.

— Julian! — repreendeu Fabiana.

— O quê? Eu só disse a verdade. Ele vai ser pegador que nem o titio Julian.
— Devo confessar que o cara tinha jeito com criança.

Nunca tinha visto Julian pegar uma criança, por isso, pensei que nem ia segurar qualquer um deles.

— Aqui. — Olhei para o lado. Alima me entregava uma das meninas.

— Eu vou deixá-la cair... Não sei segurar um bebê. — Comecei a suar frio imaginando aquela pequena nos meus braços.

— Não vai deixar cair, você vai se adaptar. — Sua insistência era pior do que a de Fabiana.

Peguei o pequeno pacote, todo desajeitado, nos braços. A menina era bonitinha. Tinha o cabelo da cor do de Fabiana. Era um tom bem escuro. A carinha era toda enrugadinha. Era impossível dizer se ela se parecia mais com Zen ou com Fabiana.

— Essa é a Sofia. — Olhei para Zen, que me avaliava como um falcão.

Talvez estivesse com medo de que deixasse a pequena cair? Sei lá... Desde que o cara tinha se casado, havia se tornado territorial. É incrível como todo homem casado se torna um macho alfa e controlador.

Ficar no meio daquelas crianças e daquele casal estava me fazendo muito mal. Eu vivia recordando coisas que queria deixar no passado... Com a chegada das crianças, tudo voltou, como um tsunami. Não queria estar ali, não queria me envolver e, muito menos, apegar-me às crianças.

— Está me ouvindo, Arnold? — Olhei para Julian, que, agora, estava com Yasmim no colo.

— Não. O que disse?

— Eu disse que você leva jeito com bebês. — Olhei para a pequena nos meus braços, perguntando-me se um dia teria um que fosse meu.

— Para falar a verdade, é a primeira vez que pego um bebê.

— Você leva muito jeito, Arnold. Talvez devesse fazer um. — Olhei para Fabiana, me sentindo completamente perdido.

Ela não tinha ideia do quanto aquele comentário abriu ainda mais a minha ferida. Não a culpava, afinal de contas, fui eu, desde o primeiro momento, que a provoquei. Ela realmente parecia com a aquela vagabunda chupadora de pau velho.

— Desculpe, Arnold. Foi apenas uma brincadeira.

— Tudo bem. Quem sabe? Talvez daqui a alguns anos eu queira um... — O que diabos eu estava falando? Jamais me envolveria com mulher alguma.

O silêncio no quarto foi grande. Não tirei meus olhos da Sofia. Podia apostar que estavam todos me olhando. Se pudesse, estaria saindo correndo dali, deixando todos eles para trás. No entanto, algo me puxava; não sabia o que era até baterem na porta.

— Eu atendo — comunicou Zen.

Julian aproveitou o momento para fazer uma piada.

— Então, Bia... Fiquei sabendo que você deu folga para todos os funcionários da casa.

— Cala a boca, Julian.

— Quê? Acha que você vai sair dessa impune? — Deu uma risadinha

sarcástica.

— Não fiz nada de mais.

— Não... Que isso, você só teve que chamar o Arnold para fazer seu parto. E pior: em casa.

— Se você não estivesse embaixo de uma saia, talvez tivesse sido você ao invés dele.

— Hm... Essa doeu. — Fingiu estar magoado.

— Cala a boca, Julian. Isso não tem graça — repreendi-o.

— Amor, essa aqui é a enfermeira, Sara. Ela vai nos ajudar em casa com as crianças. — Aquele nome me fez gelar a alma.

Agora mesmo é que eu evitaria, a todo custo, ir à casa de Zen. Era bem ruim olhar para Fabiana, e, agora, tinha que ouvir uma enfermeira com o mesmo nome da desgraçada? Nem fodendo!

— Olá, Sara. Seja bem-vinda — recebeu Fabiana.

— Ela trabalha conosco há alguns meses, amor. Tenho certeza de que será de grande ajuda para você e minha ualida com nossos filhos.

— Prazer em conhecê-la. Meu nome é Julian, e eu sou o tio dos bebês. — Claro que Julian ia se assanhar com a moça...

— Satisfação em conhecê-lo, mister Julian. — Aquela voz fez meu corpo inteiro se arrepiar, e de um jeito muito... Muito ruim.

— Ela se parece com você, minha azzah — disse Alima. — Seja bem-vinda a nossa casa Sara.

Não precisava de nenhum outro comentário para saber de quem se tratava. O mundo definitivamente era pequeno... Tão pequeno quanto um grão de areia. De todos os lugares no globo terrestre, aquela cadela tinha que vir logo para a Califórnia?

— Esse é o outro tio das crianças, o Arnold. — As pérolas de Julian.

— Oh! — Sim... Ela sabia quem eu era; havia me reconhecido.

Muito devagar, tirei meus olhos de Sofia e olhei para o meu pior pesadelo. Ela estava mais velha, acabada. Não havia beleza nenhuma naquela mulher. Os anos foram padraustos com ela. Seu olhar era de puro pavor; o meu era de desprezo. Não falávamos nada, apenas nos olhávamos. Eu precisava sair daquele lugar. Tudo ali me fazia mal, das crianças à recém-chegada enfermeira... Tudo

porque ela havia acabado com meus planos, com a minha vida.

— Fala alguma coisa, homem — cutucou-me Julian.

— Falar o quê?

— Arnold, por favor — pediu-me Zen.

— Bem, o que devo dizer a eles, Sara? — Ela me olhava em pânico.

— Vocês já se conheciam? — perguntou Fabiana.

— Então, Sara? — Não falaria nada; deixaria que ela se explicasse.

— Vamos embora, Arnold, Fabiana precisa descansar, e os bebês também.

— Claro. — Aproximei-me de Alima e entreguei a pequena Sofia a ela. — Ela é muito linda, mama. — Dei a ela o pequeno pacote e beijei sua testa.

Fui até Fabiana e dei um beijo em sua mão.

— Descanse, querida, e parabéns pelos bebês.

— Obrigada, Arnold. Você me ajudou muito.

— Que nada. Zen chegou e tomou conta da situação... Ainda bem, não é? — Pisquei para ela e fui em direção à porta.

— Arnold? — Olhei para Zen, esperando uma bronca. — Podemos conversar por dois minutos?

— Claro. — Eu sabia que não iria sair dali sem dar alguma explicação. Ao menos para Zen eu podia falar.

Fomos para fora do quarto e seguimos em silêncio pelo corredor. Estávamos indo em direção a sua sala; aparentemente, a conversa seria longa. Chegamos à porta do seu consultório e ele abriu, para que eu pudesse entrar.

— Então... O que quer? — perguntei a ele, assim que me sentei.

Ele atravessou o consultório. Serviu-se de um café e me ofereceu um.

— Quer?

— Por favor. — Serviu-me e entregou o copo para mim.

— É ela, não é?

— Sim, é ela.

— Ela realmente é parecida com a minha rainha.

— Sim.

— Olha, Arnold... Não há nada que desabone o seu lado profissional. Como seu amigo e o respeito que tenho por você, quero saber se você se opõe.

— Honestamente?

— Por favor.

— Sim, eu me oponho. — Passei a mão na cabeça, odiando aquela situação. — Amo você, Zen. Mais do que um simples amigo, você é como um irmão para mim. Todo esse tempo eu tenho tentado melhorar com a Fabiana, ser agradável com ela... Acho que até consegui isso. Mas... Ter que ir na sua casa e ver Sara será a morte para mim, Zen.

— Pode me contar o que aconteceu? — O passado retornou com força total.

— Foi o pior dia da minha vida, Zen. Tínhamos tudo para sermos felizes... Trabalhei feito um louco para dar a ela um casamento e uma casa. No dia da cerimônia, me entregaram na igreja uma fita de vídeo. Quando fui assistir, ela aparecia, no vídeo, transando com dois homens.

— Merda!

— Dois, Zen! Dois homens a fodiam.

— Arnold...

— O que me matou, Zen, foi que cuidei dela, a protegi de mim mesmo... Vivíamos dentro das regras do seu pai, nunca transamos. Nós demos alguns amassos, nada além disso. Quando vi aquela fita, tudo o que eu conhecia e sabia sobre amor, sexo, respeito e carinho morreu.

— Você conversou com ela? Pediu alguma explicação?

— Está falando sério? — perguntei, sem acreditar no que estava ouvindo.

— Sim, estou. Tem que haver uma explicação.

— Você ficou louco? — Levantei-me do sofá e comecei a caminhar de um lado para outro. — Não há explicação para o que ela fez. — De maneira nenhuma ficaria ouvindo ela me dizer os detalhes sórdidos, tripudiando em cima da minha desgraça.

— Arnold, não estou a defendendo, mas vocês dois precisam conversar.

— Nunca, Zen! Coloque isso em sua maldita mente... Nunca!

— Bom, ela tem um histórico de abuso. Ela veio da ONG da Fabiana. — Olhei para ele, sentindo-me completamente perdido. — Eu insisto que você fale com ela.

— Vá se ferrar, Zen. — Saí do consultório, batendo a porta.

Loucura! Jamais perdoaria aquela mulher.. “E se foi abusada, problema dela”, pensei. Se tivesse me respeitado e honrado o amor que eu tinha por ela, jamais teria passado por aquilo. A sua violação a mim foi na alma, no coração, no amor que eu sentia.

Não voltei ao quarto. Passei direto por ele e fui para o estacionamento. Quando cheguei ao meu carro, Julian me esperava, encostado no capô.

— Pela sua cara, a bronca deve ter sido boa.

— Vou dizer a você o mesmo que disse a ele: vá se ferrar!

— Uau... Que bicho te mordeu, homem?

— Julian... Por um dia, apenas por um dia, não me diga nada. — Destravei meu carro, e nós entramos.

O silêncio permaneceu até chegarmos a sua casa. Agradei por aquilo. Depois de tudo o que havia visto no hospital e ouvido de Zen, estava no meu limite. Agradei aos céus por Julian ter me levado a sério.

— Quer entrar e tomar um café?

— Não. Quero apenas ir para casa. — Estava louco para chegar em casa e ficar sozinho.

— Tudo bem. Você me liga?

— Ligo mais tarde.

— Estou preocupado com você, meu amigo.

— Você, preocupado, Julian? Essa é nova — respondi, com sarcasmo.

— Melhor você ir para casa. Está cansado, e posso ver que com problemas,

também.

— Nos falamos em outra hora. — Acenou, e eu arranquei com o carro.

Capítulo 08

Não queria pensar, não queria imaginar e não queria sentir. Naquele momento, a única coisa que eu mais desejava era esquecer. Buscava tanto por aquilo... Nos últimos anos, a única coisa que mais ansiava era não lembrar. Eu queria tirá-la de dentro de mim, arrancar do meu coração aquele amor e ódio que ainda sentia por ela.

Não era saudável para mim ficar remoendo o passado daquela maneira. Eu precisava me livrar das lembranças, precisava recomeçar, voltar a viver como um ser humano novamente.

Cheguei em casa exausto, no entanto, em vez de ir dormir, fui até o bar e comecei a beber. Servi-me de uma dose de uísque, o que eu mais gostava, e virei a primeira. No quarto copo, já me sentia leve. Fui até o estéreo e coloquei “My Sacrifice”, do Creed. Era isso: aquele amor trazia lágrimas aos meus olhos, mas eu não queria dizer olá novamente, não queria vê-la novamente.

Chorando, comecei a quebrar tudo o que via pela frente. Copos, garrafas, mesa, cadeira... Tudo, absolutamente tudo. Quando terminei, estava exausto e quebrado. Aquela mulher abriu o portão do meu inferno, trouxe de volta os demônios que eu gostaria de deixar trancado.

Não fui dormir. Peguei a chave do meu carro e saí, à procura de uma boate. Iria foder uma puta até me cansar, e esquecer aquela desgraçada. Não atravesssei a ponte. Aquele era o horário que todo mundo saía para trabalhar. O congestionamento era enorme.

Peguei a Union Square e comecei a olhar de um lado para outro, procurando uma que ainda estivesse aberta àquela hora. A Press Club estava. Parei em frente, desci e entrei. O lugar fedia a cigarro e bebida, mas não me importava: queria pegar uma vagabunda de qualquer jeito, e eu faria.

— O lugar está fechando, amigo.

— Preciso de uma mulher.

— Lamento, já encerramos.

— Eu pago bem, mas preciso de uma agora.

— Pode ser um homem?

— Se tiver uma mulher no meio, sem problemas. — Não fodia homens, porém gostava de ménage; preferia que fosse assim.

— Bissexual?

— Não. Quero uma mulher, mas, se ela vier com um homem no pacote, eu não me importo.

— Vou chamar. — Acenei, concordando. — Quer beber algo?

— Não. Eu quero foder, se você não se importar de chamá-los. — Ele acenou e saiu.

Fiquei vagando pelo lugar até a dupla chegar. A boate era incrível, tirando o cheiro desagradável. Não estava lá pelo lugar, e sim pelo sexo. Apesar de ser um homem que fodia quase todos os dias, eu não frequentava boates. Não precisava pagar para sexo, porém, faria uma exceção.

O casal veio, e a garota era morena. Odiava foder mulheres morenas. Era uma coisa minha... Simplesmente não gostava.

— Não tem loira?

— É o que temos a essa hora — disse o barman, já irritado.

— Vamos lá, garanhão, nos acompanhe. — Segui-os para o dentro do clube.

Passamos por salas temáticas e bares. Descemos um corredor que eu

acreditava ser de quartos; havia várias portas. Paramos em um quase no final do corredor.

— São seiscentos dólares — disse o cara.

— Pagamento adiantado — replicou a mulher.

— Sem problemas, mas vamos dançar conforme a minha música.

— De acordo.

— Muito bem. — Era assim que eu gostava.

Tirei a minha carteira do bolso e vi que não tinha a grana suficiente. Esperava que a boate aceitasse cartão de crédito.

— Posso pagar com cartão?

— Vou buscar a máquina. — Ele saiu, deixando-me as sós com a mulher.

— Então, garotão... Do que você gosta?

— Da sua boca no meu pau. — Era assim: direto ao ponto.

— Aqui está a máquina — anunciou o gigolô, assim que voltou ao quarto.

Fez todo o procedimento com a máquina. Paguei e guardei minha carteira. Bom, era hora de o show começar...

— O que vai querer?

— Um oral.

— Quer que eu o toque?

— Não sou bissexual. Quero que você a prepare para os dois estarem dentro dela. — Acenou, concordando, e eu fui até a garota. — Vamos lá, cadela, ajoelhe e chupe meu pau.

— Como quiser, garanhão. — Aquele apelido era ridículo, mas eu não podia esperar outra coisa.

Ela se ajoelhou e tirou meu pau de dentro das calças. Eu não estava excitado... Além de estar puto da vida, ela era morena, então, teria que fazer um bom trabalho com a boca.

— Desanimado, garanhão?

— É exatamente por isso que estou te pagando. Agora, coloque a boca e chupe-o.

Não demorou muito para ficar excitado. Apesar de não gostar de morena, a

mulher sabia como agradar. Suas mãos vieram para as minhas bolas e ela começou a massageá-las.

— Porra! Isso é bom para cacete! — Não tinha nada melhor do que ser mamado com suas bolas sendo massageadas.

Peguei o seu cabelo em punho e a fiz engolir mais. A cabeça do meu membro batia na sua garganta. Ela me olhou, quase sem fôlego.

— Respire pelo nariz. — Fez como eu exigi.

Segurei meu pau em sua garganta por alguns segundos até ela babar e voltei a foder aquela boca insanamente.

— Prepare a bunda dela — disse, para o cara que se masturbava nos olhando.

Ele a levantou, para tirar suas roupas, e começou a prepará-la. A cadela começou a gemer comigo em sua boca. Se ela continuasse assim, eu gozaria antes mesmo de estar dentro daquele buraco enrugado. Ela babava gostoso no meu pau, deixando-o todo molhado. O cara atrás dela a preparava e se tocava.

— Ela está pronta.

— Quero que seja de pé. Você come a boceta dela, e eu a bunda. — Pegou-a no colo, e ela envolveu as pernas em sua cintura.

Lentamente ele a abaixou no seu pau. Não passou despercebido que ele não havia colocado um preservativo. Tirei um da minha carteira. Eu era um homem cauteloso; sempre estava preparado para essas eventualidades e só usava camisinha que eu comparava. Podem me chamar de perfeccionista... O caso é que eu era metuculoso; minha saúde e segurança vinham em primeiro lugar.

— Vocês dois não usam preservativo?

— Não com ela — respondeu o cara.

Bom, eu usava com qualquer uma. Aquela mulher era muito irresponsável com seu próprio corpo. De qualquer forma, eu não estava ali para pensar na saúde deles, e sim para foder. Peguei o lubrificante, passei no meu pênis e o guiei para a entrada dela.

Guiei o meu pau, entrando nela lentamente. Não era apertada, então, só parei quando estive enterrado até as bolas. Encontramos um ritmo e prosseguimos. Foder uma mulher sem vontade alguma era uma merda, a situação ficava mecânica. Comecei a achar que aquela não era a melhor saída. Tentar tirar a Sara

da minha cabeça, fodendo uma mulher morena, não traria resultado algum.

Quando esses pensamentos conflitantes começaram a invadir minha mente, perdi o total interesse no sexo. Pude sentir minha excitação minguando. Por mais que quisesse terminar aquilo que já tinha começado, sabia que não conseguiria. Tirei meu pau de dentro dela, entrei no banheiro, tirei o preservativo e fui embora, sem dizer nada aos dois.

— Até a próxima, cara — despediu-se o garçom.

Não respondi, meu estado era lamentável. Nunca fui uma pessoa de fácil convívio, no entanto, ultimamente estava ficando pior. Eu sentia isso... As pessoas que estavam à minha volta também sentiam. Talvez eu precisasse de uma ajuda profissional. Não sabia dizer se daria certo... Meu problema era aquela maldita mulher. Ela simplesmente não saía da minha cabeça.

Voltei para casa, completamente frustrado. Vinha trabalhando há anos para esquecer aquela vagabunda, e ela caía de paraquedas na clínica do Zen, residindo na mesma cidade que eu! O efeito da bebida tinha passado. Uma dor de cabeça violenta começava a me atormentar. Subi para o meu quarto tomei um banho e me deitei. Não dormi. Passei o dia virando de um lado para outro na cama.

A imagem dela no quarto... A conversa que tive com Zen... Tudo me atormentava ao ponto da loucura. Comecei a pensar nas possibilidades... O que havia acontecido com ela? Será realmente que havia sido abusada? Ou Zen estava mentindo para mim? Duvidava que esse era o caso, ele jamais faria isso comigo. Cansado de tantos pensamentos contraditórios, acabei pegando no sono.

“Estava na igreja, à espera da mulher que amava, quando o vídeo chegou. Sem entender do que se tratava, perguntei ao padre se havia um videocassete, para que eu pudesse ver o que havia dentro da fita. Fomos para a sacristia, e, logo depois de colocar a fita no vídeo, a imagem de Sara apareceu:

— Está vendo isso, Arnold? É o meu presente para você. Esses homens me desejam, eles me querem e vão me foder da maneira que eu sempre desejei...”

Acordei com o pesadelo. Doce Jesus! Aquela tortura não teria fim. O sonho era o mesmo dos últimos quinze anos: ela sempre aparecia deixando aquela maldita mensagem! Levantei da cama, coloquei uma roupa e saí de casa. Peguei meu carro e dirigi, sem rumo... Não tinha para onde ir. Não estava a fim de ficar em casa; também estava sem vontade de ir trabalhar. Mais uma vez, aquela mulher deixava meu mundo de pernas para o ar.

As coisas que Zen me disse, sobre ela vir da ONG da Fabiana, não saíam da minha cabeça. “O que deve ter acontecido para ela ter sido abusada? Se é que ela realmente foi... Talvez o pai dela? Naquela época, ele a tinha agredido logo que a mãe dela faleceu...”, pensei. Eu tinha que parar de pensar naquilo. Ela não era nada minha, no entanto, o pensamento estava lá, como uma erva daninha, crescendo e crescendo...

Sem saber para onde estava indo, parei quando cheguei em frente à clínica hospitalar do Zen. Não queria acreditar que aquela mulher ainda tinha tanta influência sobre mim. De todos os lugares que eu poderia ter ido, era lá que eu estava.

Fiquei parado por algum tempo, esperando sabe-se lá o que, quando ela apareceu. Meu coração bateu doloroso ao vê-la. Ela tinha mudado muito, nem de longe parecia aquela linda mulher que amei tantos anos.

Fiquei dentro do carro, observando-a entrar em um carro que parecia ser mais velho que minha avó e deixar o estacionamento do hospital. Agindo por puro instinto, segui-a. Dirigimos por uns poucos minutos. Ela estava se afastando do centro e indo em direção ao subúrbio da cidade. A região era Tenderloin, uma das piores de São Francisco. O lugar era ponto para distribuição de drogas, prostituição, morada de homeless, assalto e muito homicídio. Eu costumava dizer que, se São Francisco fosse o corpo humano, Tenderloin era a bunda.

De longe, observei-a entrar em um edifício que estava caindo aos pedaços. O lugar era lastimável. Fiquei imaginando o que devia ter acontecido na vida dela para se decair tanto... Claro que a casa deles em Kansas não era um palácio, mas aquele lugar a fazia parecer o paraíso.

Olhei em volta, para ver se encontrava um estacionamento. O lugar era tão perigoso que não podia se estacionar na rua, apenas em lugares pagos. Era isso ou ficava sem o carro. Achei um mais adiante e estacionei. Sai do carro e caminhei até o prédio onde ela tinha entrado.

O lugar não tinha segurança nenhuma, então, abri a porta e entrei. O cheiro de urina, cigarro e bebida barata invadiu minhas narinas. Era terrível viver em um lugar como aquele. Subi as escadas, tomando muito cuidado para não cair naquela porcaria. Logo no segundo andar, ouvi uma conversa. Parecia uma discussão...

— Quer fazer o favor de sair?

— Quero entrar!

— Saia já daqui! — A voz do homem informava que ele estava alcoolizado. A mulher era a Sara.

— Deixa eu entrar, vagabunda! — Não me envolvi.

Fiquei ouvindo o que estava acontecendo. Se fosse o marido, eu não iria me meter. O pensamento de que talvez fosse o marido dela me provocou um mal-estar. Não conseguia entender por que depois de tudo o que ela me fez passar eu ainda estava ali, parecendo um drogado necessitando um pouco mais da droga.

— Saia já daqui ou vou chamar a polícia! — O grito dela foi alto.

Aquilo não acabaria bem.

— Sua puta! Eu vou entrar aí!

— Socorro! — Foi nessa hora que entrei no corredor.

O homem estava com os cabelos de Sara nas mãos e a empurrando para dentro do apartamento.

— Solte-a agora! — O cara era um homeless.

— Ei, vai pagar quanto para eu soltar ela? — Aproximei-me dele e o peguei pelo pescoço.

— Agora! — Apertei o seu pescoço ainda mais, sufocando-o. — Solte-a!

— Você vai matá-lo, Arnold! — Meu nome saindo dos seus lábios fez com que eu diminuísse a pressão no braço.

— Está defendendo ele? Ele ia te machucar!

— Ele está bêbado, e provavelmente drogado. Não sabe o que está fazendo...

— Você conhece esse traste? — perguntei, irritado com sua defesa.

— Não! Você não vê que é um pobre coitado? — Aquela era a Sara que eu conhecia: não via maldade em nada.

— Entre! — Olhou-me, perplexa, e continuou no lugar. — Agora! — Com essa, ela correu para dentro do apartamento.

Olhei para o pedaço de verme que estava no meu braço. Estava louco para bater em alguém, tirar toda aquela fúria que estava sentindo... Mas ele não valia a pena; não aguentaria um soco sequer.

— Escute bem o que vou te dizer, seu pedaço de merda. Se você voltar aqui,

ou voltar a tocá-la, eu mato você. Você entendeu?

— Sim! — Soltei o rato, e ele saiu correndo.

Olhei para a porta em que Sara havia entrado, pensando se batia na porta ou se ia embora. Não tinha ideia do por que tinha ido lá... De maneira alguma entraria naquele apartamento. Sem querer destruir o resto de dignidade que ainda me restava, deia as costas para a porta e voltei pelo corredor.

— O que faz aqui? — Parei quando a ouvi.

Capítulo 09

Sara

Quando cheguei em São Francisco, fui direto para a Female Network. Logo depois, comecei a trabalhar meio período na clínica. Precisava do emprego, para me manter e juntar dinheiro para pagar minha dívida. O convite de Dr. Kahil me ajudaria muito. Tudo saiu do controle quando Arnold apareceu. Nunca imaginei que o veria novamente. Tinha certeza de que havia sido ele quem não havia deixado Dr. Kahil me contratar. Precisava muito daquele emprego, e era um bom momento para falar sobre isso.

— Não sei. — Ele ainda estava de costas.

Sua resposta me perturbou ainda mais. Não havia como ele ter se perdido naquela parte da cidade - ou pior: naquele maldito lugar.

— Você nunca foi bom em mentir.

— Já você é uma especialista nisso. — Seu rancor e raiva estavam explícitos em sua voz.

— Se é o que você acha... — Dei de ombros.

Não ia começar com autopiedade. Essa fase havia ficado para trás há muito tempo. Eu amava aquele homem desde a minha adolescência... Com ele, ia construir uma vida, uma família. Nossos planos foram por água abaixo naquele dia horrível.

— Vou embora. — Ele continuou andando.

— Espere! — Ele não podia sair antes que eu falasse com ele.

— O que você quer? — Seu tom de voz era brusco.

— Preciso do emprego que o Doutor Kahil havia me proposto.

— E eu com isso?

— Não seja hipócrita. Sei que falou com ele para que não me desse o emprego.

— Sim. Gosto da Fabiana, e eu odiaria que ela visse você com a boca no pau do motorista da família. — Aquilo doeu. Foi como enfiar uma faca no meu coração.

— O que você pensa não me importa muito. Quero o trabalho, Arnold, eu preciso dele. — Mantive-me firme.

— Nunca pensei que você se importasse, Sara. — Aquilo não era verdade, eu sempre me importei com ele.

Ele ainda estava virado de costas, mas eu podia ver a tensão nos seus ombros. Conhecia aquele homem muito bem para saber o quanto havia sofrido e ainda sofria.

— Eu preciso do trabalho.

— Você quer um trabalho, Sara? — Agora, virou-se e veio até mim.

— Quero sair daqui, Arnold, e eu preciso do salário que o Doutor Kahil me ofereceu. — Coçou o queixo, perdido em pensamentos. Esse hábito ele sempre teve.

— E se eu contratasse você

— Para fazer o que, Arnold? — perguntei, cheia de dúvidas.

— Limpar o chão que eu piso. Para o que mais seria? — A vontade que eu tinha era de chorar, porém, não o faria - não na frente dele.

Pensei em todas nas possibilidades e nas poucas chances que eu tinha. Não podia escolher... Morar naquele local estava ficando cada dia mais perigoso.

— Você não vai falar com o Doutor Kahil, não é?

— Nunca! Você jamais estará perto dos meus sobrinhos. Pelo menos, não enquanto eu estiver vivo.

— Não sou um monstro, Arnold. Não sou o que você pensa.

— Ah, não? Então, me diga, Sara: o que você é?

— Não vou falar sobre aquele dia com você irritado. — Não queria que aquela conversa acontecesse naquele corredor.

— Mentira! A questão é que você não tem justificativa.

— Isso não é verdade! — Comecei a me alterar. Estava ficando nervosa com ele me acusando daquela maneira.

— Então, me fala, porra! Por que você me traiu?

— Arnold...

— Não... Melhor: não diga nada. Me poupe dos detalhes.

— Tudo bem. — Fiquei calada e com a cabeça baixa.

Estava morta por dentro. Eles me mataram. Naquele dia, deixei de viver e passei apenas a existir. Fui expulsa do lugar onde vivia, humilhada pelas pessoas que conhecia e taxada como vagabunda por eles.

— Vai querer o trabalho ou não?

— Vou. Não posso escolher.

— Arrume uma bolsa. — Não saí do meu lugar.

Estava tentando entender o que ele queria dizer com aquilo. No seu olhar havia nojo, raiva, ódio e impaciência.

— Não me ouviu?

— Sim... Quero saber o porquê de querer que eu arrume uma bolsa.

— Você vai dormir em minha casa e, nos finais de semana, terá sua folga.

— Eu trabalho à noite na clínica, mas posso chegar do trabalho e arrumar a sua casa.

— Você vai precisar descansar.

— Faço isso depois que limpar sua casa.

— Não. Ou você larga o emprego na clínica e vem trabalhar comigo, ou continua apenas lá.

— Não posso deixar meu trabalho na clínica! Por favor, Arnold!

— Agora há pouco disse que não podia escolher — comentou, debochando.

— Preciso dos dois empregos para conseguir sair desse lugar!

— Pago para você um bom salário. Essa será minha última proposta. — “Mas que droga! Deus, por que tudo isso tem que estar acontecendo? Por que, depois de tudo que passei, ainda preciso ser humilhada dessa maneira?”, pensei.

Eu não podia deixar de aceitar: precisava realmente sair daquele lugar, ou acabaria morrendo.

— Eu concordo. — Se não o conhecesse tão bem, poderia até duvidar... Mas

eu tinha certeza de que ele havia esboçado um pequeno sorriso. Assustador!

— Vá buscar suas coisas, não aguento mais ficar nesse local decadente. — Aquele ar de desprezo que ele tinha era a pior parte.

O garoto que conheci, por quem havia me apaixonado e que tanto amava, não existia mais. No lugar dele, ficou aquela figura amarga e esnobe.

— O que você está esperando? Não tenho todo o tempo do mundo.

Entrei no meu apartamento e fui para o quarto, arrumar minhas coisas. O lugar era minúsculo, pois o que eu ganhava era pouco e foi a única coisa que pude pagar com o que eu ganhava.

— Como consegue viver em um lixo como esse? — perguntou entrando na sala.

Machucavam-me seus comentários. Apesar do lugar ser ruim, aquele era o meu lar, a minha casa...

— Era o que eu tinha condições de pagar. — Continuei arrumando minhas coisas, enquanto ele analisava tudo.

— Onde está seu pai?

— Morto. — Fui até o banheiro, para pegar minha valise, quando ouvi seu pigarro.

— Lamento pelo seu pai. — Mas eu não lamentava...

— Tanto faz. — Peguei tudo o que precisava e coloquei dentro da mala.

— Você realmente é uma cadela desalmada. — Olhou-me enojado.

— Não sabe o que está falando, Arnold. Você não tem ideia do que está me acusando. — Furiosa, fechei minha mala e saí do quarto.

— Quando chegarmos à minha casa, vamos falar sobre as regras e as coisas que você tem que fazer.

— Do meu pagamento e das minhas folgas. — Cheguei até a porta e esperei que ele saísse.

Passou por mim e saiu, em direção às escadas. Não esperava sua ajuda, porém, aquela era regra de etiqueta: ajudar uma mulher a carregar a mala. O Arnold da minha mocidade era outro homem. Apesar de estar mais lindo do que naquela época, ele também estava frio e cruel.

Como é triste ver o homem que você sempre amou tão distante e esnobe, como ele estava... Minha vida não foi fácil. Passei por muita coisa até chegar

onde estava. Não era uma maravilha, mas tudo foi conquistado com muito sacrifício.

Descemos o lance de escadas e atravessamos a rua, indo em direção ao estacionamento. Olhei em volta, pensando em como ficariam minhas coisas assim que voltasse. A região que eu morava era extremamente perigosa. Não tinha muita coisa, mas, caso invadissem a minha casa e levassem algo, sem sombra de dúvidas me faria falta.

— Meu carro está aqui. — Andou em direção ao carro em questão.

Desnecessário dizer que o carro era um luxo: uma Mercedes-Benz CL. Não havia dúvidas de que aquele homem tinha se dado muito bem na vida. Ele merecia, sempre foi esforçado.

Entrou no carro, e eu não sabia o que fazer. Precisava colocar minha mala no bagageiro. Esperei como uma idiota, sem saber como agir. Odiava me sentir daquela maneira... Fui de tantas formas humilhada! Chegar àquela altura da minha vida e ainda continuar passando por aquilo era desestimulador.

— Qual o problema?

— Preciso que você abra o porta-malas, para que eu coloque minha mala lá.
— Automaticamente, a porta foi aberta.

Coloquei minha bagagem e fechei o porta-malas. Agora a questão era: onde iria? No banco da frente? Ou no de trás? “Que situação!”, pensei. Não me aguentava mais de tanta vergonha. Fui até a janela e perguntei a ele:

— Onde quer que eu me sente? — Olhou-me, dando um sorriso irônico.

— Uma vez que é proibido por lei conduzir pessoas no porta-mala, você pode se sentar atrás. Longe de mim e dos meus olhos. — Chocada era pouco... Estava pasma com as palavras dele.

— O que quer de mim, Arnold? Por que quer que eu vá trabalhar para você se mal consegue olhar para mim? — Estava a ponto de chorar, mas não iria - não na frente dele.

— Foi você quem disse que precisava do emprego, não eu que precisava de uma empregada. — Ele tinha razão...

Rendida, abri a porta do carro e sentei atrás dele, assim como pediu... Longe dos seus olhos e dele. Meu coração estava em frangalhos. Nunca quis machucar aquele homem. Jamais iria fazer o que fiz se fosse por livre e espontânea vontade.

Ele dirigiu por alguns minutos rumo à região nobre da cidade. Era Noe Valley, uma das regiões mais caras de São Francisco. Paramos em um condomínio de luxo e de muita segurança. Depois de liberados, fomos para a sua casa.

O lugar gritava a dinheiro. Havia casas belíssimas nele. Andamos por algumas ruas sinuosas, até pararmos em frente a uma mansão. “Minha nossa!”, pensei. A casa era incrível. Sem dúvidas, eu teria muito trabalho.

— Vamos entrar. Vou te mostrar o lugar.

Abriu a porta e entramos. Parei, perplexa com a bagunça. Tudo estava quebrado na sala. Tinha cacos de vidros por todos os lados.

— Minha nossa! Você foi assaltado? — perguntei, tentando dar sentido àquilo que via.

— Não, foi uma pequena festinha. — Não acreditei nele. O lugar parecia uma zona de guerra.

— A casa é grande, você terá bastante trabalho.

— Estou acostumada. — Parou, avaliando-me.

— Não mexa nas minhas coisas. Meu escritório está todo organizado de uma maneira que eu sei me achar. Você terá sua folga nos fins de semana. Gosto de comida caseira. Vou almoçar e jantar em casa... Quando tiver um cliente, ligo avisando.

— Tudo bem.

— Sempre dou algumas reuniões em casa. Quando acontecer, vou avisar. Se precisar de uma ajuda extra, me avise com antecedência. Todos os meus recados devem ser anotados, não deixe nada sem anotar.

— Ok. — A lista era grande e interminável, mas não me importava; precisava demais daquele trabalho, e ficar perto dele era tudo para mim.

— A lavanderia busca minhas roupas em todas as terças e quintas. Tenha tudo organizado, para que eles possam levá-las. Seu quarto fica no final do corredor ali — disse, apontando para o local. — Instale-se, e, depois, faça o jantar. Vou tomar um banho e descansar um pouco. Quando tudo estiver pronto, me chame.

— Perfeitamente.

— Alguma pergunta?

— Você ainda gosta da mesma comida? — perguntei, meio sem jeito.

— Não. Agora, tenho um paladar mais apurado — disse, com sarcasmo na voz. — Não como mais qualquer coisa. — Entendi perfeitamente o que ele quis dizer com aquilo.

— Tenho certeza que sim... O que devo preparar? — Mantive minha voz estável... No entanto, por dentro estava quebrando.

— Tenho de tudo o que aprecio na geladeira. É só fazer.

— Tudo bem.

— Mais alguma coisa?

— Não. Acho que posso lidar com isso.

— Se quiser manter o seu trabalho, para o seu bem, espero que sim. — Ia responder, mas mordeu a língua e se manteve calada. — Vou indo. — Virou as costas e subiu para o quarto.

Corri para a cozinha e me deixei levar. Chorei tudo o que havia mantido trancado durante todos aqueles anos; pela falta que ele me fazia, pela vida que teríamos e nos havia sido roubada... Por tudo o que havia passado e o que o havia feito passar. Quando terminei, estava mais vazia do que alguma vez estive. “Como gostaria que minha mãe estivesse comigo... Nunca imaginei que, depois de tantos anos, ela me faria tanta falta...”, pensei. Arregacei as mangas e comecei a trabalhar. De nada me adiantaria ficar lamentando o que não poderia ser mudado.

Capítulo 10

Arnold

Nunca imaginei que ela aceitaria. Achei que me mandaria à merda e me expulsaria de lá. Fiquei pasmo com a forma como falou sobre a morte do pai, mas, depois, analisando sua frieza, vi que aquela cadela nunca gostou de ninguém além dela mesma.

Agora, ela pagaria por tudo o que me fez passar. Estar com ela em casa poderia ser meu inferno pessoal, mas eu faria da vida dela um purgatório. Ela sentiria na pele o que era ser humilhada. Aquela seria minha vingança, e eu começaria naquele instante.

Subi até o meu quarto, tomei um banho e me sentei na cama, tentando colocar meus pensamentos em ordem. Eu a faria pagar, eu a humilharia... O primeiro passo eu já havia dado: tirar ela da clínica e de perto dos meus sobrinhos. Agora, ou ela dançava como eu queria ou ficaria sem emprego e na miséria. Bom o suficiente para mim.

Comecei a andar de um lado para o outro dentro do quarto, exatamente como uma fera enjaulada. Todos os meus passos seguintes teriam que ser estratégicos. Nada poderia dar errado, teria que analisar tudo com perfeição. Agiria como se estivesse negociando com um cliente. Eu a tinha onde queria... Era questão de tempo fazê-la sofrer da mesma maneira que ela fez comigo. A batida na porta me fez parar.

— O que é?

— O jantar está servido.

— Estou descendo. — Respirei fundo e saí do quarto.

O cheiro da comida fez meu estômago roncar. Ela sempre soube cozinhar muito bem. Entrei na sala de jantar e me sentei. Ela começou a servir. Não a convidei para jantar; ela era a minha empregada, e não minha visita. Durante todo o jantar me mantive em silêncio. Ela se manteve de pé, próximo à porta. Quando terminei, anunciei que ia dormir e subi para o meu quarto.

Passei a noite inteira pensando na minha vingança. Quando acordei pela manhã, tinha um plano em mente. Levantei, fiz minha higiene, desci para tomar café e, depois, voltei para o meu quarto. Precisava colocar meu plano em ação.

— Peguei o telefone e liguei para a minha secretária.

— JAZ Advertising e Marketing, escritório do mister Scoot.

— Olá, mistress Brown.

— Você está doente?

— Não. Fabiana deu à luz aos bebês na madrugada passada, precisava tirar o dia para descansar.

— Que maravilha! O que são?

— Duas meninas e, um menino. Sofia, Yasmim e Zen.

— Vou visitá-los!

— Vai, sim. Estão na clínica.

— Então, chefe, o que deseja? — Ela era a nossa secretária há quase dez anos; tinha essa intimidade conosco.

— Preciso de um uniforme de empregada.

— Certo. Compro no sex shop? — Essa pergunta me deixou sem ação. — Arnold? Alô? Você está aí?

— Estou. Não estava preparado para a sua pergunta.

— Bem, não é a primeira vez que fazemos isso. — Sim, ela tinha razão...

— Não. Em loja especializada.

— Tudo bem. Prefere um formal ou mais sexy?

— Tem essa diferença?

— Sim, várias. Tem peças com calça, com saias, com vestidos... O que prefere?

— Pode ser um de cada. Depois disso, envie para a minha casa, aos cuidados da mistress Collins.

— Que tamanho? — Pensei naquilo um momento. Ela estava mais magra... “Talvez um 36?”, pensei.

— Tamanho trinta e oito.

— Tudo bem. Mais alguma coisa?

— Sim... Quero que você transfira o jantar com os Dolson’s para depois de amanhã na minha casa.

— Perfeitamente. Quer que eu veja o bufê e o serviço?

— Não, minha empregada dará conta de tudo. Tem mais uma coisa...

— Pode falar.

— Limpe minha agenda para o resto da semana. — Aquela semana eu tiraria

para atormentá-la.

— Você realmente está bem, Arnold?

— Apenas faça. — Não diria a ninguém o que eu planejava fazer.

— Considere feito.

— Até mais, mistress Brown.

— Até mister Scoot. — Desliguei o telefone e me preparei para a próxima ligação.

Disquei o número de minha amiga que sempre tinha as melhores mulheres da Califórnia.

— Alexa.

— Olá, Alexa. Aqui é o Arnold.

— Olá, meu amigo! Quanto tempo!

— Sim, tem algum tempo.

— Então... Do que você precisa?

— Quero duas. Que sejam loiras, altas, lindas e para uma noite inteira.

— Acompanhantes?

— Sexo. De preferência, bissexuais.

— Essa é nova... Você nunca quis minhas meninas para sexo.

— Agora é diferente. Você me conhece, sabe dos meus gostos... Confio em você para a escolha.

— Tem que ter formação?

— Sim, por favor. Odeio mulher burra.

— Bem... O endereço?

— Vou buscá-las. Que estejam prontas e com bagagem para passar a noite.

— Perfeitamente. A que horas?

— Por volta das dezenove.

— Elas estarão prontas.

— Obrigado, Alexa. Mande a conta para a mistress Brown.

— Como sempre.

— Até mais. — Desliguei o telefone e fiquei pensativo...

Nunca havia levado para a minha casa essas mulheres. Sempre as levava para o apartamento que eu e Julian tínhamos destinado a isso.

Agora, eu estava em uma situação delicada. Por mais que quisesse me vingar dela, não queria que isso acontecesse dentro do meu lar.

Levantei da cama e desci. Era hora de ter uma palavrinha com a minha empregada. O mais correto seria levá-las para o apartamento e levar minha empregada para cozinhar um jantar para nós.

Na sala, toda a bagunça tinha sumido. Devo admitir: ela era rápida.

— Empregada? — chamei, quando entrei na cozinha e não a vi. Segui pelo corredor que dava acesso ao seu quarto e a chamei: — Sara? — Nada. Bati na porta e chamei novamente. — Você está aí? — Nada. “Que diabos! Onde ela se meteu?”, pensei.

Voltei para a cozinha e olhei em todos os lugares... Nada de encontrá-la. Fui para a sala, passando em todos os cômodos da casa, e nada dela. Entrei no meu escritório e ouvi sua voz. Na verdade, ela estava sorrindo. Aquele som era o que eu mais gostava de ouvir quando éramos jovens. Cheguei até a janela e a vi conversando com Julian.

Fiquei os observando por um tempo. Conhecia meu amigo há muito tempo para saber com precisão que ele estava interessado nela, mesmo que fosse apenas para uma foda. Aquilo não acabaria bem... Ela era minha empregada, e era chance que eu tinha de me vingar.

Saí do escritório e fui em direção ao jardim. “Merda!”, pensei. Julian não podia estragar meus planos. O cumprimentei assim que me aproximei.

— Ei!

— Descansou?

— Sim, e você? — Cheguei até ele e o abracei de lado.

— Nada. Tenho uma reunião daqui a pouco. Passei para saber como você estava.

— Meu almoço está pronto? — perguntei para Sara.

— Não, Arnold. Estava atendendo ao seu amigo.

— Então, pode ir. Já estou aqui.

— Claro. — Ela olhou para Julian e deu um sorriso em forma de despedida.

— Ela é quente. — Comentei depois que ela saiu. Fiquei a observando e

pensando no comentário de Julian.

— Você achou?

— Sim... Agora, gostaria de saber: o que ela faz aqui?

— Ela é minha empregada. — Dei de ombros.

— Desde quando? — perguntou, duvidoso.

— Desde ontem.

— Achei que ela iria para o Zen, para ajudar com as crianças.

— Mudanças de planos.

— Não gosto disso.

— Julian, preciso conversar um assunto sério com você... Que não seja minha empregada.

— Tudo bem, porém, a sua empregada é um assunto quente, também. — O cara deu risada.

— Certo... O jantar dos Dolson's será depois de amanhã, aqui em casa.

— Aqui? Por quê? — Ele estava confuso. Nunca levávamos trabalho para casa, no entanto, daquela vez eu tinha meus motivos.

— Porque eu quero, acho menos formal. Uma reunião mais íntima, um local para relaxar, sem muito barulho e com uma excelente comida caseira.

— Tem certeza disso? Nunca fizemos isso antes.

— Absoluta.

— Então, por mim, tudo bem.

— Outra coisa... — Aquela era a parte que ele aceitaria muito bem ou acharia que eu tinha perdido a cabeça de vez.

— Desembucha, homem.

— Duas garotas ficarão hospedadas essa noite no apê.

— Quem são?

— Putas, você pode pegar quando quiser.

— P.U.T.A? Eu entendi bem? — Perplexo era pouco: ele estava pasmo.

Sempre contratei mulheres para irem aos eventos comigo. Ele nunca soube, porque sempre as apresentei como amigas. A verdade era que nunca tive amigas. Mulher, para mim, só na cama. Agora, aquelas faziam parte de um plano que eu

levaria a cabo até o fim.

— Exatamente. Duas gostosas, que estarão à nossa disposição até amanhã.

— Não entendi o motivo disso...

— Não é para você entender, estou apenas avisando que elas estarão lá para a nossa diversão.

— Consegue ver o quanto isso é louco?

— Tanto faz. Quer almoçar comigo?

— Ela vai cozinhar?

— Sim. É para isso que eu a contratei.

— O que deu em você, Arnold? Por que não quer falar comigo? Somos amigos de anos, achei que você confiava em mim. — Ele estava chateado e preocupado. Eu entendia, mas não queria dizer a ele o que eu queria fazer.

— Cara, eu confio em você. Estou apenas tentando mudar... Ser um cara mais passivo, mais caseiro, um pouco mais relaxado. — Sorri para ele.

— Espero que dê certo, meu amigo.

— Vai dar... E, para mostrar a você que vai ser diferente, podemos começar hoje à noite.

— Com as duas? — disse, com um sorriso predatório.

— Sem dúvidas. E sabe o que mais?

— O quê?

— Elas são bissexuais. — Dei uma piscadela para ele.

— Oh... Meu coração não vai aguentar — disse, colocando a mão no peito.

— Não vejo a hora, meu amigo. Aquelas duas vão nos proporcionar momentos inesquecíveis. — comentei pensando na reação da Sara...

— Loucura! — Ele caiu na risada. Juntos fomos tomar um drinque, até o almoço ser servido.

A comida estava excepcional; se ela usava aquilo para tentar me agradar, era pura perda de tempo. Logo depois do almoço, Julian voltou ao trabalho e eu fui para o escritório. Tinha alguns trabalhos para colocar em dia e alguns processos para verificar. No meio da tarde, ela bateu na porta do escritório.

— Entre!

— Com licença, Arnold.

— “Senhor Arnold”, por favor — disse a ela, sem tirar os olhos do processo. Sabia que ela não esperava por aquilo. Podia sentir seus olhos em mim.

— Er... — Pigarreou. — O senhor ainda precisa de mim?

— Por quê? — Ainda continuei olhando o processo.

— Preciso falar com os responsáveis na clínica e acertar minha saída, antes de providenciar o seu jantar.

— Pode ir. Quanto ao jantar, vamos sair. Você fará o jantar no apartamento, para mim e meus convidados.

— Sim, senhor.

— Está dispensada. — Eu a dispensei sem tirar os olhos do trabalho.

Passei a tarde no escritório. Um pouco depois das quatro, a loja entregou o uniforme dela. Atendi a porta, recebi a encomenda e coloquei o uniforme na bancada da cozinha.

Subi para o meu quarto e fui me arrumar para a noite. Levei meu tempo fazendo a minha barba e tomando meu banho. A água quente serviu para relaxar meus músculos, que estavam tensos depois da noite mal dormida e do dia tenso. Quando desci, encontrei-a na cozinha.

— Aqueles são seus uniformes. — Apontei para o uniforme em cima da bancada. — Use-os todos os dias.

— Sim, senhor.

— Agora, vá se vestir, precisamos ir. Estou atrasado. — Virei as costas e fui para a sala.

Precisava tomar uma bebida, para relaxar. A noite seria tensa e longa. Queria ver sua reação na hora em que ela visse as meninas. Servi-me de um copo de uísque e esperei por ela. Quando voltou, engasguei-me com a bebida. “Merda!”, pensei. Aquilo não daria certo... Meu pau reagiu ao vê-la. Aquele uniforme acendeu todas as minhas fantasias.

— Estou pronta. — “Sim, mais do que eu gostaria!”, pensei. É claro que não diria isso a ela.

— Vamos. — Saí de casa, com ela atrás de mim.

Ela se sentou no banco de trás, como da outra vez. Como desejei que as coisas entre nós fossem diferentes... Amei aquela mulher mais do que a mim mesmo durante anos. Não negaria que ainda a amava, porém, meu ódio era

muito maior. Naquele momento, a única coisa que eu queria era me vingar dela.

Parei na porta do prédio onde ficava meu apartamento e desci do carro. Ela desceu em seguida.

— Aqui fica o apartamento. Quero que você prepare um jantar para quatro pessoas. — Tirei as chaves do bolso e dei a ela. — A chave do apartamento.

— Qual andar e o número do apartamento?

— Cobertura, é único. Coloque essa chave amarelinha no elevador e digite o código cinco meia sete quatro. Ele abrirá lá.

— O que devo servir?

— Algo leve.

— Tudo bem. — Virou as costas e subiu as escadas.

Meu Deus! Aquele uniforme seria minha perdição... Estava começando achar que tinha sido uma péssima ideia.

Capítulo 1

Sara

Odiei o meu uniforme. Odiava ser tratada por ele daquela maneira. Estava decidida a pagar a minha dívida e arrumar outra coisa para fazer. Tinha certeza que a única coisa que ele queria de mim era me humilhar. Ele queria me ver no fundo do poço... Seu plano era pura perda de tempo. Primeiro: eu já estava no fundo do poço. Segundo: era impossível ele me humilhar mais do que eu já havia sido. Terceiro: não havia nada que ele pudesse fazer para me deixar pior do que já estava.

Para mim, era indiferente: faria o meu trabalho, serviria da maneira como ele queria e fim. Estava cansada de dar explicações, de brigar comigo mesma tentando achar uma justificativa para o que havia acontecido. O que tinha acontecido não podia ser mudado, ficou selado no passado.

Entrei no luxuoso apartamento e procurei pela cozinha. O lugar era enorme, muito bem decorado e com uma vista de tirar o fôlego. No entanto, nada daquilo fazia meu interior suspirar. Estava feliz por ele: Arnold merecia pelo seu esforço e dedicação.

Na cozinha e fui ver o que tinha na geladeira para ser feito. Para minha surpresa, havia de tudo. Não entendia o motivo de ela ser bem abastecida, no entanto, estava lá apenas para servir, não para entender.

Preparei uma salada Caesar, filé de peixe grelhado e arroz com passas. Para

a entrada, uma sopa de ervilhas. Não tinha tempo para fazer nada mais elaborado. Fui para a sala de jantar, pôr a mesa. Arrumei como minha mãe havia me ensinado. Nunca tive essas aulas de etiqueta, nunca fui rica e também nunca comi em um restaurante refinado. Então, organizei da melhor maneira possível.

Estava terminando de arrumar a cozinha quando ele chegou. Da lá, pude ouvir a voz de uma mulher. Quando eu achava que não podia ficar pior, a situação ficava insustentável... Jamais imaginei que ele levaria uma mulher e ficaria com ela na minha frente.

— Sara? — “Oh, Deus! não me permita quebrar”, pensei. Respirei fundo e fui até a sala.

Parei, pasma com a situação: duas mulheres incrivelmente belas estavam agarradas a ele. Eu queria que um buraco se abrisse e me engolissem. A ferida se abriu, e sangrava... Com mãos trêmulas e suando frio, aproximei-me.

— Aí está você — seu desprezo evidente.

— Senhor... — Esperei as instruções, afinal de contas, eu era a sua empregada.

— Nos traga uma champanhe.

— E morangos. — disse a loura

— Com licença. — Voltei para a cozinha, em meio às lágrimas.

Aquele homem era tudo o que eu mais queria na minha vida. Sempre o amei, sou apaixonada por ele, desde os meus quinze anos de idade... O destino nos separou de forma trágica, e agora, sem ter culpa, eu estava pagando por tudo o que me fizeram.

Tentando me controlar ao máximo para que ele não visse o quanto aquilo me machucava. Preparei alguns morangos, peguei a champanhe, as taças e fui servi-los.

A maldita bandeja balançava em minhas mãos trêmulas. Com as duas mãos, tentei evitar a tragédia. Meus esforços foram por água abaixo quando entrei na sala e o vi beijando uma das mulheres.

Gelo, garrafa, morangos e taças voaram das minhas mãos. O caos se instalou rapidamente no lindo piso de madeira. O champanhe estourou, molhando uma das mulheres. A bagunça serviu para fazer com que os dois parassem de se beijar.

— Que porra é essa? — Naquele momento, Julian entrou no apartamento.

Julian

Eu já tinha visto meu amigo nervoso, irritado, descontraído, chateado, infeliz e deprimido; mas nunca, na minha vida, o vi daquela forma. O olhar que ele deu para a Sara era de puro desprezo, como se ele sentisse nojo da moça.

— Relaxa, homem — disse, entrando na sala.

— Você não sabe servir um champanhe sem que seja esse desastre total?

— Você precisa arrumar uma empregada melhor — disse uma das moças.

— Preciso ir ao banheiro, o champanhe molhou todo o meu vestido. — Realmente: a mulher tinha sido o maior alvo.

Olhei para a pobre da Sara, que estava com os olhos cheios de lágrimas. Naquele olhar tinha muito mais que um simples descuido: havia dor, mágoa e um desespero enorme. Ela não tirava os olhos do Arnold... Alguma coisa tinha ali, e eu iria descobrir.

— Vamos lá, Sara, eu ajudo você com a bagunça.

— Julian...

— Chega, Arnold! Vá cuidar das meninas, eu vou ajudar a Sara.

— Ela é paga para fazer isso. — Nunca o ouvi dizer algo como aquilo para qualquer funcionário da JAZ.

— Vamos lá, Sara.

— Não é necessário, mister Julian. Eu posso fazer isso sozinha.

— Sei que pode, mas vou ajudá-la assim mesmo. — Dei uma piscadela a ela, tentando quebrar o clima.

— Depois que os dois acabarem de tricotar, nos sirva o jantar, empregada.

— Sim, mister Arnold. — Dor... muita dor.

Que diabos havia acontecido com aqueles dois? Por que ela reagia a ele daquela forma? Nada fazia sentindo para mim... Nunca tinha visto Sara na minha vida. Convivia diariamente com Arnold, e ela nunca esteve presente em nenhum momento.

— Nós vamos resolver isso aqui em minutos.

— Obrigada, mister Julian. — Sua voz estava embargada de emoção.

Odiava ver uma mulher naquela situação; pior ainda, sendo tratada daquela maneira.

— Sabe de uma coisa, pequena?

— Sei de muitas coisas, mister Julian. — Sorri com seu comentário.

— Julian. Apenas Julian.

— Tudo bem.

— O que eu me referia era sobre você e o Arnold... Eu o conheço desde a época da faculdade. Somos amigos, irmãos e sócios.

— Não estou conseguindo acompanhar. — Ela estava de joelhos, catando os cacos de vidros e os colocando dentro do balde de gelo.

— Você sabe exatamente do que eu estou falando. Se quiser me contar, vou tentar ajudá-la...

— Como? Me dando um trabalho de empregada, para me humilhar a cada cinco segundos? Não, obrigada, já tenho o Arnold para fazer esse trabalho.

— Você vai me contar? Ou eu vou ter que descobrir?

— O que quer saber?

— De onde se conhecem?

— Fomos namorados quando éramos jovens.

— Antes de ele ir para a faculdade?

— Sim.

— O que aconteceu, Sara? — perguntei, assim que terminamos de juntar os cacos.

— Não é o melhor momento, Julian.

— Sempre é. Nunca o vi tratar ninguém como ele trata você. Por favor, querida, me deixe ajudá-la.

— Eu fui vendida no dia do nosso casamento, Julian. — Aquilo me deixou paralisado.

Nunca soube que o Arnold ia se casar... “Como ela foi vendida? Deus!”, pensei. Jamais imaginei algo daquela magnitude. Nem nos meus pensamentos mais sórdidos eu poderia imaginar que Arnold teve uma noiva e que ela havia sido vendida.

— Você me deixou com um milhão de pensamentos.

— Você pode nos servir o jantar? — Olhei para Arnold, completamente perdido.

— Estou indo, mister Arnold.

— Pare! Já chega! — Dei uma basta naquela situação.

— Ficou louco, cara?

— Não, porra! É você quem está ficando. Deixe ela terminar de arrumar aqui e já irá servi-lo.

— Não demore, estou com fome. — Saiu, deixando-nos sozinhos.

— Você tem que parar com isso, não pode deixá-lo te tratar dessa maneira.

— Preciso do emprego, tenho uma dívida enorme para pagar. Não posso me dar ao luxo de escolher.

— Trabalhe comigo.

— Para ser sua empregada?

— Sim, mas não me servindo... Venha trabalhar comigo na JAZ.

— O que é?

— Minha empresa de publicidade.

— Não tenho uma faculdade.

— Mas você trabalhava na clínica. O que sabe fazer?

— De tudo um pouco. Fiz muitos cursos, mas nunca cheguei a uma faculdade. Collins não me deixou ir.

— Collins?

— Sim... Julian, eu preciso servi-los.

— Essa conversa não termina aqui. — Ela se levantou e foi para a cozinha.

Era uma mulher muito interessante. Linda e dentro daquele uniforme, ficou quente como o inferno. Estava disposto a cuidar dela, e eu faria.

Fui até a sala de jantar. Juntei-me a duas belas mulheres e ao meu amigo filho da puta.

— Olá, meninas.

— Olá, Julian. Eu sou Karen. — Gostosa para caralho.

— E eu sou a Suzan.

— Prazer em conhecer vocês, garotas. — Sentei-me ao lado de Suzan.

Ela tinha os seios fartos, usava uma maquiagem leve e seu perfume era suave. Nunca imaginei que uma puta pudesse ser tão elegante... Ou talvez tenha ido no lugar errado. Sara entrou em seguida, com uma travessa de sopa.

— Sopa? — perguntou Arnold, mais irritado.

— Primeiro prato, mister Arnold. O senhor pediu algo leve. — Cara, aquela seria uma noite longa e tensa...

Arnold não dava uma trégua para a garota. Eu queria saber o que foi que aconteceu entre os dois, e eu saberia; nem que eu tivesse que contratar um detetive.

O jantar progrediu. Eu tinha que admitir: ela realmente cozinhava muito bem. As meninas adoraram a comida e a bebida; estavam no ponto que eu gostava. Arnold e eu fazíamos nossas festas com uma mulher, às vezes com duas, porém, aquela era seria a primeira vez com mulheres bissexuais. Seria uma noite muito quente. Eugênio latejou dentro da calça, animado com a ideia.

— Vamos tomar um vinho na sala — anunciou Arnold.

— Homem, será que dá para pular a parte do vinho e irmos direto para a cama?

— Não preciso servi-lo necessariamente em uma cama, Julian — disse Suzan.

— Você é uma menina safada.

— Vamos lá, pessoal. Para a sala. — Fui para a sala, com Eugênio duro como pedra.

O cara nunca foi de jantar depois tomar vinho. Ele era: chegar, foder e ir embora. Agora, estava realmente querendo mudar, porém, hoje, quem queria ir logo para os finalmente era eu.

Sentei-me no sofá e esperei toda aquela cerimônia terminar. Não tinha ideia do que ele queria com aquilo, no entanto, dançaria conforme a música.

— Então, Julian, do que você gosta?

— De mulher. — Sorri ao ver sua cara.

— Certo... No sexo, do que você gosta?

— Rola de tudo, mas, no momento, adoraria ver você fazendo um strip-

tease.

— As duas. Vou por uma música — disse Arnold, levantando-se e indo até o iPod.

A música “Justify My Love”, da Madonna, tomou conta do ambiente. A garota não perdeu tempo. Sensualmente começou a dançar. Era realmente muito bonita, mas eu podia apostar que seus seios eram de silicone. Começou a tirar a roupa, e Eugênio latejou novamente. Estiquei as pernas, tentando achar uma maneira de não machucar o pobre coitado.

— Desconfortável?

— Sim... O que pretende fazer a respeito? — Eu queria muito aquela pequena boca em volta do meu amiguinho.

Ela não perdeu tempo: ajoelhou-se na minha frente, desabotoou minha calça e tirou meu coleguinha para fora.

— Boa menina.

— Você tem um pau enorme! — Ela tinha razão... Não querendo me gabar, mas eu era feliz com meus 20 cm.

— Aprecie sem moderação, querida. Coloque a boquinha e me mostre o que você sabe fazer. — Ela sabia... Porra! E como sabia...

A mulher tinha uma caverna na garganta. Colocou-me todo dentro da boca. Fiquei me perguntando se elas praticavam isso... Parei de pensar e comecei a sentir.

— Garota, você tem uma boca do caralho! — Ela era boa. Boa, não: ela era ótima!

Comecei a dançar em sua boca. Forcei meu pau ainda mais. Ela babava gostoso e o engolia todo. Do outro lado da sala, Arnold tirava a roupa da outra garota. Seus seios eram de verdade: pequenos, mas durinhos e bicudinhos. Minha boca salivou olhando para eles.

— Ela tem seios incríveis. Traga-a aqui, Arnold. Me deixe chupá-los. — Ela veio até mim. Coloquei minha boca nos seus seios, sugando-os.

Delicioso, como eu imaginei que seria. Boca e pau ocupados. Estava bem servido, obrigado. Mordi seus mamilos e ela gemeu. Aquele gemido parecia ensaiado... Será que realmente aquelas garotas sentiam prazer? Ou era tudo parte da encenação? Afinal, elas eram pagas para isso. Com esse pensamento, perdi o

tesão. Era por isso que odiava pegar garotas de programa.

A melhor parte do sexo era levar uma mulher ao orgasmo. Era a cereja do bolo. Mãos, boca, pau e boceta viajando em conjunto... Para ter certeza, levantei minha mão e a toquei. Não senti umidade nenhuma, mas ela gemeu novamente.

— Levante-se — disse, irritado.

Ela saiu de cima de mim. Olhei para a outra, que estava com o meu pau na boca. Cara, se aquela ali não estivesse excitada, eu iria embora.

— Vem aqui, Suzan. — Levantou-se, e eu a toquei. Bem, ao menos aquela estava excitada.

Introduzi meu dedo dentro dela e ela gemeu, fechando os olhos. Era disso que eu estava falando! Mulher excitada, que gostava de sexo, que fazia também pelo prazer...

— Aqui. — Olhei para o lado. Arnold me entregava um preservativo.

— Me deixe colocá-lo. — De maneira nenhuma! Não confiava em mulher nenhuma colocando o meu preservativo.

— Não, querida, essa parte faço questão de fazer. — Se furasse aquela porra, eu estava lascado.

Vesti o Eugênio com a camisinha e tirei minha camisa.

— Sente-se aqui, querida, de costas para mim. — Ela se virou e se sentou, deslizando suavemente. — Porra! Você é apertada.

— Oh...

— Gosta disso, menina? Gostou de sentar no meu pau?

— Você é enorme! — disse, em meio aos gemidos.

—Rebole gostoso e aproveite. — Se tinha algo que eu adorava ouvir eram elogios sobre o tamanho do meu pau. E daí que isso parecesse infantil? Eu gostava, mesmo.

Arnold

Era muito quente! As duas mulheres eram lindas, exatamente como pedi. Não entendi a irritação de Julian com a Karen. Ao que parece, ela não o agradou. Gostei daquela posição que a cadela estava. Aquilo me deu uma ideia...

— Se ajoelhe na frente dela e a chupe enquanto Julian a fode. — Pedi para a Karen.

Ela se ajoelhou em frente aos dois. Muito suavemente colocou sua língua para fora e lambeu o clitóris da Suzan.

— Porra, Julian! Isso é muito quente, cara!

— Não sei por que não tivemos essa ideia antes. — “Nem eu”, pensei.

Tirei minha roupa e peguei um preservativo. Cobri meu pau e me ajoelhei atrás da Karen, que ainda chupava Susan.

— Vou foder você. Não pare de chupá-la. — Guiei meu pênis para a sua entrada, mas, antes de colocar, olhei em direção à cozinha.

Sara estava parada nos olhando. Seu olhar era de puro terror. Quando viu que eu a olhava, seus olhos lacrimejaram. Não tirou os olhos de mim... Agora, eu tinha a minha vingança. Lentamente introduzi meu pau na boceta da vagabunda que eu estava pagando para ter sexo.

Naquele momento, ela colocou a mão na boca e chorou. Paralisei. Nunca imaginei que aquela seria a reação dela. As lágrimas caíam dos seus olhos sem parar. Olhou-me com uma dor enorme e saiu correndo.

Meu peito se apertou vendo a cena. Por que diabos chorou se nunca se importou comigo? Por que sentiu tanta dor se nunca me amou?

— Vamos lá, Arnold, se mexa!

Voltei a minha atenção para a garota que estava à minha disposição. Tirei a desgraçada da minha cabeça e foquei no sexo. Meti fundo dentro da cadela. Segurei-a pelos cabelos e comecei a investir sério.

Ela era gostosa. Olhei para Julian, que me olhava como se um fantasma tivesse atrás de mim. Olhei para trás e não vi ninguém. Perguntei com a cabeça o que tinha acontecido. Ele não respondeu, mas passou as mãos no rosto. Não sabia o porquê de ele estar tão irritado.

— Ohh... — A cadela que estava sentada sobre o pau dele gritou quando gozou.

Ele a segurou pela cintura e começou a investir duro. Aproveitei o momento e meti firme na minha. As duas gemiam descontroladamente. Não muito tempo depois, acabei gozando - e Julian em seguida.

— Isso foi bom. — Mas não foi... Eu o conhecia bem para saber que não gostou nada.

Levantei-me e fui até o banheiro, para tirar a camisinha. Quando abri a porta, vi a Sara no chão do banheiro, toda encolhida e chorando. Fiquei sem ação. Não sabia o que dizer ou fazer.

— Você nunca saberá a verdade. Você se tornou um homem insensível, frio e cruel. Eu tenho que te dar os parabéns... — disse, levantando-se. —... Se você queria se vingar, você conseguiu. — Enxugou os olhos e me encarou. — A única coisa que você não conseguiu foi me jogar no fundo do poço, porque eu já estava lá... Sempre estive. — Ela estava saindo quando a segurei pelo braço.

— Sara...

— Não mais, Arnold. — Olhou para a mão que segurava seu braço e colocou a sua sobre a minha. — Ver você novamente foi como voltar a respirar. — Suspirou e saiu do banheiro.

Não fui atrás dela. Primeiro: estava nú. Segundo: não acreditava nela. Terceiro: tinha a noite para terminar.

Tomei meu banho e voltei para a sala. Julian estava fodendo Susan enquanto Karen a chupava. Meu pau reagiu vendo a cena. Fui até o meu casaco e peguei outro preservativo para mim e para Julian. Aquela era a minha noite, e eu iria aproveitá-la. Coloquei o preservativo e joguei o do Julian para ele. Ajoelhei no meio das pernas da Karen. Ela estava em posição 69 com Susan, e Julian de quatro atrás dela.

Abri suas pernas e meti em sua boceta. Ela estava seca; podia perceber a dificuldade na penetração, mesmo com a lubrificação da camisinha. Sem querer que uma tragédia acontecesse, retirei-me dela e fui até o quarto pegar o lubrificante.

Voltei para a sala, ficando atrás dela novamente. Passei lubrificantes nos dedos e coloquei um pouco no seu orifício. Ela se encolheu.

— Nunca deu a bunda antes?

— Hm... — Dei um tapa em sua bunda. — Responde!

— Não. — respondeu, com a boca na boceta da Susan.

— Hoje você vai. Vou prepará-la bem, e vai ser prazeroso para nós dois.

Apliquei mais lubrificante e introduzi um dedo nela. Tinha o cuzinho bem apertado, faria-me gozar bem rápido. Quando o primeiro entrou e saiu com facilidade, coloquei dois. Foi assim até o terceiro entrar e sair com facilidade.

— Ah... — Olhei para Suzan, que acabava de gozar. A hora era perfeita.

— Segure, cara, vamos os dois estar dentro dela. — Acenou, retirando-se da garota e trocou o preservativo.

Segurei meu pau pela base e coloquei no orifício dela. Empurrei a cabeça, e ela se encolheu. Segurei-a com uma mão no cabelo e a outra na cintura.

— Quietinha, cadela... Vai gostar e gozar como nunca fez antes. — Enfieime nela até minhas bolas.

— Ahhh...

— Respire fundo e não tranque. — Comecei a me mexer lentamente.

Não ia machucá-la; isso era para dar prazer. Lentamente ela foi se acostumando, e, em seguida, começou a gemer. Estava no ponto para uma próxima penetração. Segurei-a pela cintura e me sentei com ela no colo.

— Ahhh...

— Fácil, gatinha.

— Oh, Deus!

— Venha, Julian. — Ele se aproximou e tocou sua boceta.

— Ela está seca.

— O lubrificante está no sofá. — Sem muita vontade, ele foi até o sofá e pegou o lubrificante.

Qual era o problema dele? Não tinha ideia por que o cara estava daquele jeito. Pegou o lubrificante, passou no pau e foi até ela.

— Vai ser um pouco desconfortável no início, porque você está seca, menina...

— Tudo bem. — Estava ofegante e suada.

— Fácil, gatinha, relaxa. — Ele a penetrou até as bolas.

— Você está bem, menina?

— Hm...

— Responde!

— Vocês dois são enormes! Estou me sentindo dividida ao meio.

— Mexa-se, Julian, vamos dar a essa menina o melhor orgasmo de sua vida. — Ele fez.

— Porra! Ela está muito apertada. — Rapidamente encontramos um ritmo.

Ele levantou as pernas dela, deixando-a mais exposta. Sem cessar, meteu nela duro e rápido. A sensação de dois paus em uma mulher era incrível. Não que eu fosse gay ou bissexual, mas foder uma mulher com outro homem era gostoso para cacete!

— Ela está muito apertada, Arnold.

— Muito.

— Gosta disso, menina? Gosta de levar nos dois buracos apertados que você tem?

— Sim... Oh... — Olhei para o lado e vi que Susan nos observava.

— Vem aqui. Coloque mão no clitóris dela e massageie. — Estava pronto para gozar, e, pela tensão que estava o maxilar de Julian, ele não estava muito longe.

— Porra! Cara, isso é quente como o inferno!

— Mais rápido, Julian. — Ele acelerou ainda mais. Deixei me levar.

— Cacete!

— Ohh... — Gozamos juntos. Quanto à mulher? Na mesma...

Era por isso que eu odiava pegar puta. Uma foda gostosa do caralho, como aquela, e a vagabunda não gozava. Não que eu me importasse, no entanto, fazer uma mulher gozar era a melhor parte no sexo.

Olhei para a garota no meu colo, completamente acabada. Julian se retirou lentamente dela, evitando causar um desconforto. Logo em seguida, tirei-a do meu colo.

— Hm... — Ela gemeu, em protesto.

— Susan, chupe-a até ela gozar. — Eu não colocava a boca em mulher nenhuma, ainda mais numa puta.

Eu as fodia para o meu prazer. Podia ajudar a fazê-las gozar com a mão, mas, com minha boca, nem pensar.

— Essas mulheres acabaram comigo, homem. — Ele que estava acabado no sofá.

— São boas. — Voltei a minha atenção para as duas gatas. — Faça um meia nove, Susan. Quero que ela a chupe também. — Ver duas mulheres se comendo dava muito tesão.

— Meu pau reagiu vendo as duas se chupando. Era hora da próxima rodada.

Capítulo 1:

Zen

As duas primeiras noites foram terríveis. As crianças não paravam de chorar. Para dar de mamar, foi um caos completo. Aquilo não daria certo sem uma ajuda... Minha pequena não daria conta dos três juntos, mesmo com a minha ualida ajudando.

— Amor, está tudo bem? — Olhei para a minha pequena esposa deitada em nossa cama.

Tínhamos voltado da clínica no final da tarde. Agora, as crianças estavam em casa, alimentadas e, graças a Allah, dormindo.

— Sim, minha rainha. — Levantei-me da cadeira e me deitei ao seu lado.

— Tem certeza?

— Sim, estou apenas preocupado. Vamos precisar de uma ajuda, amor. Você e minha ualida não vão dar conta dos três sozinhas.

— Acho que posso lidar com isso. — Às vezes, perdia a minha paciência com aquela tenacidade dela.

— Não pode. A amamentação tira muita energia de você. Minha ualida vai ficar na ONG até que você possa voltar. Você precisa de descanso, e os três não dão uma trégua.

— Não quero voltar. — Sua resposta me deixou confuso.

Ela nunca quis largar a Female Network, nem mesmo quando estava grávida. Aquele foi um motivo de grande discussão entre nós. Ouvi-la dizer que não voltaria me deixava feliz e preocupado.

— Por que não?

— Não era o que você queria? — perguntou, com um sorriso nos lábios.

— Sim, era. Mas isso não quer dizer que não te apoiaria se quisesse voltar.

— Eu sei. Só acho que eles vão precisar de atenção em tempo integral, e também não confio em deixá-los sozinhos o dia inteiro com outra pessoa...

— Você tem ideia do quanto isso me deixa feliz? Sempre quis que você ficasse em casa. Apesar de achar a ONG uma causa nobre, prefiro você cuidando das crianças.

— Sei disso... É tudo tão estranho! Penso que minha vida mudou de sentindo, como se o que eu precisasse ou quisesse não fosse mais importante. — Estava tendo uma epifania... Eu é que não iria interrompê-la. — Quando estavam dentro de mim, eu os sentia, os amava, mas nada comparado ao que eu senti quando os vi. Eles são meu tudo, Zen! Eu faria qualquer coisa por eles... Me sinto ligada a eles de uma forma que não sei como explicar. É estranho, antes, eu não sentia essa ligação forte, essa enormidade que estou sentindo agora... Não posso, amor. Não consigo deixá-los com outra pessoa. Sei que hoje posso ter o luxo de ficar em casa cuidando deles, e é isso que eu vou fazer.

— Se você não estivesse nesse estado, eu juro que faria amor com você agora. — Enrosquei-me nela e beijei sua boca.

— Um... Gosto da ideia.

— Sei que sim, minha safadinha. No entanto, por agora, um beijo a única coisa que você vai ganhar. — Ela me encarou com um olhar perverso.

— Aí é que você se engana, senhor meu marido.

— Eu não vou fazer amor com você. — Ela era perigosa quando se tratava de sexo.

— Não, mas eu vou com você. — Que Allah me ajudasse! Aquela mulher seria minha perdição.

— O que vai... — Não tive tempo de responder: sua mão tocou meu pau, massageando-o. — Bia, por favor...

— Shhh... Me deixe te dar prazer.

— Não! — Tentei sair da cama, mas ela ele me segurou pelo pau. — Bia, por favor!

— Eu o quero na minha boca, Zen.

— Mulher, você deu à luz há dois dias!

— Sim, mas a minha boca não está costurada...

— Você não está cansada?

— Não para isso. — Deu uma risadinha travessa, e meu pau latejou.

— Allah! Você será a minha perdição.

— Sem drama, Zen, você quer isso tanto quanto eu quero. — E como queria...

— Tudo bem, mas vamos fazer isso com você deitada.

— Se eu largar você e você sair dessa cama, juro por Deus que você será o marido com a mulher de quarentena mais longa da história. — Acreditei nela. Se lembra do casamento? Eu me lembrava... Três malditos meses sem estar com ela.

— Certo, deite-se. — Tirou a mão do meu pau, muito lentamente. Desconfiada, deitou-se.

Avancei até ela e fiquei de joelhos, com seu rosto no meio das minhas pernas. Tirei meu pau de dentro da cueca e bati com ele em sua cara.

— Vamos lá, minha pequena, me chupe. — Lambeu a cabeça, com sua pequena língua, e, sem aviso, sugou-o.

— Porra!

Como eu senti falta daquilo... Nos últimos meses, não fizemos sexo; era sempre uns amassos e nada mais que isso. Ela estava enorme, e muitas posições eram desconfortáveis para ela devido à gravidez e ao tamanho do meu pau.

Circulou a cabeça com a língua e o chupou, levando-o até o fundo da garganta. Minha safada sabia como chupar gostoso. Comecei a investir duro

dentro daquela boca quente e sedosa.

— Assim... Chupa, minha rainha... Mama gostoso... — Ela sabia como eu gostava.

Lambeu meu pau e o envolveu em sua boca, completamente faminta. No ponto crucial, mordeu a cabeça e sugou. Porra! Aquilo me levou ao limite; gozei dentro de sua boca. Jorrei, fazendo-a tomar tudo o que liberava. Ela não parou até que eu estivesse seco. Cansado, caí ao lado dela na cama.

— Hm... Já disse o quanto seu sabor é fabuloso? — Definitivamente, minha perdição.

— Não, mas eu prefiro o seu.

— Experimente. — Aproximei-me dela e a beijei.

Não era ruim, mas nada comparado com o seu sabor de pêssego, ela era deliciosa.

— Ainda prefiro o seu, minha rainha — disse, entre ofegos.

— Hm... — Ela estava cansada e sonolenta.

Ajustei-a no meu peito e dormi, com ela em meus braços.

Sara

Na manhã seguinte, voltamos para casa em completo silêncio. Ele não me disse nada, nem eu a ele. Aquela cena me matou por dentro, abriu uma ferida que eu pensei estar cicatrizada.

Quando chegamos, fui direto para o meu quarto. Estava exausta da noite anterior, e queria descansar. Apesar de aquela ser a minha intenção, não foi o que fiz. Depois do banho, desabei, chorando novamente. A cena de ele me olhando e transando com a outra mulher não saía da minha cabeça.

Jamais imaginei que ele pudesse ser tão vingativo. A transa durou a noite inteira! Ele não só me humilhou, como me fez sangrar... Arnold sempre foi o homem dos meus sonhos, dos meus desejos e da minha vida. Foi o meu começo, o meu meio e o meu fim. Não... Para nós, não teria um fim...

Juntei os meus cacos e fui trabalhar. Organizei toda a casa. Separei as roupas que iriam para a lavanderia e fiz o almoço. Coloquei a mesa e o chamei. Ele se sentou à mesa e fez sua refeição. Eu não o olhava... Vestida em meu uniforme,

mantive-me no meu lugar: o de empregada do Mr. Arnold.

Aquela humilhação iria durar um bom tempo, porém, não faria mais diferença. O quanto mais eu poderia sofrer? Quanto mais poderia suportar ser humilhada? Talvez... Talvez eu nem tivesse esse limite. Talvez eu o tivesse deixado naquele lugar fétido, juntamente com a minha dignidade.

Depois do almoço, ele se trancou no escritório. Terminei de fazer o meu trabalho e fui para o jardim. Não que aquele fosse o meu trabalho, mas eu adorava cuidar das rosas. Minha mãe adorava cuidar dos jardins da nossa casa. Meu pai, quando chegava bêbado ou tinha perdido muito no jogo, a primeira coisa que fazia era destruir tudo o que ela tinha plantado com tanto carinho.

— Sara? — Assustei-me quando ouvi Julian me chamar.

— Jesus! — Coloquei a mão no peito, tentando acalmar os batimentos.

— Desculpe, não queria assustá-la.

— Está tudo bem. Eu esqueço que você tem acesso à casa, apenas não estava preparada.

— Você está bem? — Desviei meus olhos dos dele e observei as flores.

Pensei em tudo o que aconteceu no dia anterior, no quanto sofri e no quanto ainda sangrava. Não... Eu não estava bem, e acreditava que jamais voltaria a estar novamente.

— Minha mãe adorava arrumar o jardim... Ela sempre me dizia que trazia muita paz a ela. Nunca entendi o motivo... Até hoje.

— Você viu o que aconteceu ontem, não foi?

— Mesmo se não tivesse visto, teria ouvido. — Continuei tirando o mato do meio das rosas.

— Você quer dar uma volta? — Aquilo me fez parar e olhar para ele.

— Ir aonde?

— Não sei. — Deu de ombros. — Talvez ir à praia? Caminhar um pouco...

— Não posso. Minhas folgas são apenas nos finais de semana.

— Entendo... Bom, quem sabe no sábado?

— Claro, adoraria. — Sorri com o convite.

— Então, nos vemos. — Virou as costas e foi em direção ao portão.

— Ei? Não vai falar com o Arnold?

— Não vim aqui para falar com ele. — Sorriu e foi embora.

Parecia ser uma pessoa muito legal, no entanto, o fato de ele ter ido à casa do seu amigo e não ter falado com ele foi uma surpresa para mim. Será que ele tinha ido lá apenas para falar comigo? Impossível! Deixei de lado toda aquela besteira e voltei para as flores.

Na manhã seguinte, Arnold estava com um humor do cão; reclamava de tudo e exigia que as coisas fossem feitas para ontem. Depois do café da manhã, avisou-me que teria um jantar com um cliente em sua casa e que eu deveria cozinhar. Não comentou nada sobre aquela noite, nem sobre o que conversamos. Eu não tinha mais nada a dizer; servi o seu café e almoço e, agora, estava preparando o jantar para os clientes que ele aguardava.

Depois do jantar pronto, a cozinha limpa e a sala de jantar posta, fui para o meu quarto, para tomar um banho e colocar o vestido de empregada para a recepção. Aquela roupa era apenas mais uma parte da humilhação.

Estava no banheiro quando uma sensação de estar sendo observada fez com que os pelinhos do meu corpo se arrepiassem. Não olhei, mas podia jurar que o Arnold estava me observando, afinal, estávamos apenas os dois na casa.

Continuei meu banho calmamente. Meu corpo não era o mesmo, havia recebido algumas cicatrizes quando estive em cativeiro. Estava mais magra e abatida. Meus olhos não tinham mais brilho... Tinha morrido aos poucos a cada dia que havia ficado sob o domínio daquele homem.

Assim que desliguei a água, ouvi a porta do quarto sendo fechada. Agora eu tinha certeza de que ele estava me olhando. O que eu não entendia era o porquê, já que a única intenção dele era me humilhar.

Saí do banho, arrumei-me e fui para a cozinha, deixar tudo em ordem para a hora que os convidados chegassem. Assim que entrei, deparei-me com uma cena hilária: Julian fuçando em minhas panelas. Sem que ele percebesse, fui até ele e disse:

— Bu! — Desnecessário dizer que a tampa voou longe. Não aguentei e caí na gargalhada.

— Cacete! Que susto, Sara. — Eu ria tanto que não conseguia me controlar. — Você ainda fica rindo? — disse ele, sorrindo também.

— Sim! Por favor, me desculpe, eu não queria provocar tamanha histeria.

— Não sou histérico, só levei um susto. Estava concentrado — disse, sorrindo.

— Nas minhas panelas? Grande concentração.

— Porra, mulher, você cozinha bem!

— Aprendi com minha mãe. — Lembrar dela ainda me causava uma dor enorme.

— Você falou dela ontem no jardim... Ela já partiu?

— Sim, há muitos anos... Mas ainda sinto a falta dela.

— Sei como é...

— Sabe? — Não sabia nada dele, mas gostaria.

— Sim. Fui criado pelos meus avós, que também partiram dessa para uma melhor.

— Lamento suas perdas. — A gente sempre acha que a grama do vizinho é mais verde, mas a verdade é que o processo de vida e morte acontece com todos.

— Não fique triste.

— Não estou triste, apenas com saudades.

— Tudo bem. Quero te fazer uma pergunta... — Claro que ele queria, principalmente depois da conversa da outra noite.

— Faça. — Esperei pela bomba que viria.

— Pensou na proposta que te fiz? — Não havia pensado, porque achei que não estava falando sério.

— Honestamente?

— Por favor.

— Não. Achei que era apenas uma maneira de aliviar a situação.

— Jamais brincaria com você.

— Mas o que vou fazer lá?

— Eu vou ajudá-la. Quem sabe ser minha secretária particular? — Pensei naquela proposta descabida dele.

— Particular como? — perguntei, duvidosa.

— Relaxa, Sara. Sendo minha secretária, eu poderia te ajudar e te ensinar a trabalhar com propaganda.

— Você realmente está falando sério? — perguntei, sentindo um pouco de esperança.

— Sim, eu estou. — Olhou-me com muita ternura e levantou a mão, para tirar o fio de cabelo da minha testa.

— Sara, eu estou... — Arnold entrou na cozinha e fez com que Julian se afastasse.

— Estou atrapalhando algo? — disse, irônico.

— Não, mister Scoot. O senhor precisa de alguma coisa?

— Quero saber onde estão minhas roupas que vieram da lavanderia hoje de manhã. — Aquilo me pegou de surpresa. Não recebi nada.

— Nada foi entregue hoje.

— Não?

— Não, senhor.

— O jantar está pronto?

— Sim. A mesa está posta e tudo preparado para servir.

— Ótimo. — Ficamos os três parados na cozinha, sem ter o que dizer ou fazer.

— Eu vou me vestir. Você vem, Julian?

— Não, obrigado. A companhia na cozinha está bem agradável. — Olhou para mim e piscou.

Segurei a vontade de sorrir; não era um bom momento, e a tensão na cozinha era palpável. Julian era uma graça, no entanto, não queria que aquilo fosse problema para os dois. Fiquei na minha e aguardei.

Julian estava encostado na bancada, de braços cruzados. Arnold estava na porta, com a mão na cintura... E eu? Bem, eu não sabia se olhava para a panela, para Julian ou para Arnold. Fiquei parada na cozinha, olhando os armários com cara de paisagem. A situação não ficou assim por muito tempo; Julian, claro, soltou uma piada:

— Então, cara... Você vai ficar aí, de toalha, esperando os clientes? — O comentário me fez olhar para o Arnold.

Minha nossa! Eu tinha que dizer: o homem estava ainda mais lindo. Aliás, os dois eram. Altos, com olhos azuis e corpo bem definido. No entanto, as semelhanças começavam e terminavam aí; ao contrário do lado humorístico de Julian, Arnold era sério. O que me assustava, porque, na época em que nos conhecemos, ele não era assim. Vendo os dois juntos, eu podia dizer com clareza

que um era a sombra e o outro a luz. Talvez fosse por isso que os dois eram tão amigos.

— Desde quando você gosta de ficar na cozinha com empregados? — perguntou, com desdém.

— Desde que eles se tornaram mais agradáveis que os anfitriões. — Oh! Aquilo não acabaria bem...

— Julian...

— Não, Sara, vou ficar aqui e te fazer companhia até os clientes chegarem. Tenho certeza de que ele pode se vestir sozinho.

— Tudo bem. Já que sou um tanto indesejado, vou me arrumar.

— Isso, amigo, vai lá. E não esquece de passar uma colônia doce, você está precisando. — Sorriu do seu comentário sarcástico e me deu uma piscadela.

— Vá se foder, Julian.

— Obrigado, fui bem servido esses dias. — Fiquei tensa com aquele comentário.

Mesmo não participando ativamente da festinha, pude ver e ouvir tudo o que acontecia naquela sala. Passei um dos piores momentos da minha vida trancada naquela cozinha... Gritos, gemidos e ofegos eram a melodia da noite.

— Ah, sim... Aquelas duas eram extraordinárias. Nunca fodi mulheres tão gostosas. — Naquele momento, ele olhou para mim.

Naquele situação eu não me enquadrava, afinal de contas, nós nunca transamos. Dávamos apenas alguns amassos. Algumas vezes cheguei a duvidar de sua masculinidade. Com o tempo, percebi que queria apenas honrar a palavra que tinha dado ao Collins.

— Er... Foi bom, sim, mas não foi a melhor — comentou Julian. Estava de saco cheio daquela conversa.

— Bom, eu vou ver se está tudo em ordem na sala. — Estava saindo da cozinha quando o Arnold me abordou.

— Que foi, Sara? O cara que te fodeu não fez um trabalho decente? — Parei a caminho da sala e respirei fundo.

A vontade que eu tinha de chorar era enorme, porém, não o faria. Havia passado os últimos anos me humilhando e sendo humilhada... Não mais! Agora

tinha uma nova chance, e eu a abraçaria. Lentamente me virei para olhar Julian e dar a resposta:

— Eu aceito, Julian. Assim que você solicitar, estarei lá. — Saí da cozinha o mais rápido possível.

Definitivamente não aguentaria ficar naquela casa mais nenhum dia... Não com ele me atormentando e me humilhando daquela maneira. Estava no meu limite. Como qualquer ser humano, a minha cota estava cheia.

Julian

— Eu não consigo acreditar que você a tratou daquela maneira. — “Será que o cara nunca foi apaixonado por ela?”, pensei.

— Não se meta nisso, Julian! Você não sabe de nada.

— Você que pensa que eu não sei nada... Eu sei mais dela do que você.
— Não ia ficar ali, batendo boca com aquele cara.

— Do que você está falando? — Não respondi. Continuei andando em direção à sala. — Julian? Me responde, cara? — No seu pedido havia um apelo.

Parei para olhar nos olhos do homem em que eu tinha mais que um amigo; era um irmão para mim.

— O que você quer?

— O que você quis dizer com isso?

— Já perguntou a ela? Porque você está perguntando para a pessoa errada.

— Julian, por favor!

— Não, Arnold. Dessa vez, você vai ter que andar sozinho.

— Para onde você vai levá-la?

— Para a JAZ. Ela precisa de um emprego que a remunere bem e dê a ela uma qualidade de vida melhor.

— Não faça isso, estou implorando a você.

— Deixei claro que, dessa vez, você está sozinho. — Fui para a sala me sentindo um crápula por esta fazendo aquilo com ele.

O problema de toda a situação era que ela não tinha culpa. Apesar de não

saber da história na íntegra, eu podia dizer que aquela moça tinha sido abusada e enganada. Faria qualquer coisa para ajudá-la, porém, teria que saber tudo o que tinha acontecido.

Entrei na sala e a vi arrumando um vaso de flores. Elas já estavam perfeitas, não tinha o que fazer. Aquilo só demonstrava o quanto ela estava nervosa. Aproximei-me dela e cochichei no seu ouvido:

— Obrigado! — Ela se assustou.

Aconteceu tudo muito rápido: com o susto, esbarrou no vaso, e, para não deixá-lo cair, joguei-me em cima dela e o segurei. A união dos nossos corpos me deixou excitado. Ela era linda e macia. Tinha olhos azuis profundos e sem brilho, que me olhavam com muita intensidade. Perdi-me no momento e me aproximei de sua boca. Quando encostei meus lábios nos dela, a campainha tocou.

— Por favor, Julian. — pediu com a voz trêmula.

— Conseguimos salvar o vaso. — Levantei-me de cima dela e o coloquei no lugar.

— É o que tudo indica. — Além de linda, era tímida, e ainda tinha um traço de ingenuidade.

Agora eu conseguia entender o porquê do Arnold implicar com Fabiana. As duas realmente eram parecidas; tirando os olhos azuis de Sara, as semelhanças eram impressionantes.

Capítulo 1:

Arnold

Não tinha a intenção de vê-la no banho. Queria apenas minhas roupas, porém, quando chamei por ela e ela não respondeu, fui ao seu quarto. O barulho do chuveiro ligado atçou minha curiosidade. Claro que não pude ver completamente através do box, mas o pouco que vi me deixou perturbado.

Aquela mulher me tinha completamente. Sempre teve. O que eu sentia por ela ainda era forte, nunca havia morrido. Saí do quarto de pau duro e me sentindo mais perdido que um dia senti. Será realmente que haveria uma explicação para tudo o que havia acontecido? Eu não conseguia pensar com clareza, não queria aceitar que houvesse uma justificativa...

Sentia-me perdido andado de um lado para o outro dentro do meu quarto, tentando achar uma resposta para todas aquelas dúvidas que tinha. Enfurecido comigo mesmo por estar em uma situação como aquela, fui até a cozinha, para falar com ela. Assim que cheguei, encontrei Julian com ela, sorrindo e fazendo suas piadas. Não entrei...

Fiquei apenas observando a forma como ele se aproximava dela, o jeito que ele a olhava, e como conversava com ela facilmente. Ver os dois juntos me doeu. Nunca imaginei que o meu irmão se interessaria por ela. Agora, tinha um grande problema nas mãos: o fato de ele estar interessado a afastaria de mim. Aquilo não ia acontecer... Eu não podia deixá-lo atrapalhar meus planos.

Entrei na cozinha e acabei discutindo com os dois. Meu ciúme estava me matando, então, a minha única forma de defesa era o ataque. Pude perceber o quanto a machuquei falando das putas daquela outra noite. Embora o meu plano fosse perfeito, agora parecia pobre e infantil. Ver a dor em seus olhos foi uma facada no meu coração.

Não esperava aquela reação dela, e isso me deixava ainda mais intrigado. Depois que discuti com Julian, fiquei completamente confuso com as insinuações. Zen já havia me dito que ela tinha estado na ONG... Agora, eu precisava saber quando havia sido e o que tinha acontecido com ela. Irritado por emoções tão conflitantes, voltei para o meu quarto e me vesti com a primeira roupa que vi.

Assim que desci as escadas, deparei-me com o a cena de Julian sobre a Sara, quase a beijando. Voltei a sentir uma dor insuportável. O que eu sentia por ela era uma relação de amor e ódio. Era doentio.

A campainha tocou, fazendo com que o beijo não acontecesse. Ele saiu de cima dela e ela correu para atender a porta. Suspirei aliviados e entrei na sala, sentindo-me desconfortável pela primeira vez perto do meu irmão.

— Você a quer... — Eu sabia... O conhecia bem o suficiente para saber que sim. Se ele mentisse para mim, minha relação com ele jamais seria a mesma.

— Não vou negar que estou atraído por ela — disse, olhando-me nos olhos. — Isso seria um problema, Arnold? — “Sim, um dos grandes”, pensei.

— Afaste-se dela, Julian. Essa mulher desgraçou a minha vida. — Estava enfurecido de ciúmes, sentimento que nunca tive em relação a ele.

— Não sei do que você está falando. — Andou até o bar e se serviu de uísque. — Eu nunca sei, não é mesmo, Arnold? — Sua voz pingava sarcasmo. Até aí, nenhuma novidade. — Nunca soube o que tornou você esse homem frio e sombrio... — Queria poder falar com ele antes que a situação saísse de controle, porém, tínhamos uma noite longa e um contrato para fechar como prioridade.

— Não é o momento.

— Nunca é.

Aquela situação com ele me matava. Odiava que nossa relação estivesse sendo posta à prova. “Definitivamente, aquela mulher veio ao mundo para ser a minha desgraça”, pensei.

— Ela está demorando. Onde estão os clientes? — perguntou, preocupado.

Seu tom preocupado deixou os pelos da minha nuca arrepiados. O sentimento dele por ela era muito mais do que sexual. Definitivamente, aquilo não acabaria bem; seria a nossa desgraça, e pior: eu perderia um irmão no processo. Os clientes entraram na sala, e ela não apareceu.

— Olá, mister Dolson. Como vai? — Ele não estava sozinho - era normal naquelas reuniões.

— Vou bem, meu rapaz. E você? — Cumprimentamo-nos, apertando as mãos.

— Estou ótimo. Espero que o senhor não se importe de ser recebido em minha casa.

— De forma alguma, meu rapaz. Nós, do Kansas, gostamos das coisas caseiras. — O cara vestia chapéu, jeans e botas de couro.

A conta dele seria importante para a JAZ. Era um fazendeiro renomado, trabalhava com gado de corte e na reprodução de touros. Tinha os melhores, e muitos deles eram usados nos torneios. O cara tinha fama, dinheiro e influência. Se nossa parceria desse certo, traria mais clientes para a empresa.

— Foi o que imaginei. Por favor, sente-se. — Olhei em volta, para ver se via Sara. Ela tinha que começar a servir as bebidas.

Enquanto Julian conversava com os clientes, fui até a cozinha, para procurar por ela. Tudo estava calmo e organizado. Onde diabos ela tinha ido sabendo que os clientes tinham chegado?

Fui até o seu quarto e nada. Comecei a ficar preocupado... Depois daquela conversa na cozinha, podia esperar qualquer coisa dela. Procurei-a pela casa inteira, e nada dela. “Impossível! Como uma pessoa simplesmente desaparece?”, pensei.

— Arnold, onde está Sara? — A voz de Julian demonstrava toda a preocupação.

— Não sei. Ela sumiu.

— Ninguém some assim.

— Preciso de alguém para servir.

— Vou ver isso com a Fabiana. — Pegou o celular, para fazer a ligação. Sara entrou na cozinha, pela porta dos fundos.

— Desculpe o atraso. — Estava branca como papel. — Vou começar o serviço. — “Não tão rápido...”, pensei.

— Onde você esteve? — Ela não ia sair daquela sem me dar explicações.

— Não sabia que os seus clientes eram os Dolsons, do Kansas.

— Você os conhece?

— E quem não? Todo mundo que mora lá os conhece. — Ela andava de um lado para o outro na cozinha.

Estava muito inquieta. Alguma coisa muito séria tinha acontecido. Quando eu ia perguntar, Julian voltou.

— Consegui... — Parou quando a viu. — Você está bem? — perguntou a ela, preocupado.

— Sim, estou. Vou começar a servir os clientes.

— Consegui uma ajuda para você. Fabiana vai enviar uma das meninas que trabalha com ela...

— Posso fazer, não há necessidade de outra pessoa...

— Agora ela está a caminho. — Aproximou-se dela, pegou em seu queixo e a fez olhar para ele.

— Cancele. Posso dar conta do trabalho.

— Tudo bem.

Aquela cena me deixou louco de ciúmes, no entanto, contive-me. Precisava pensar com calma para resolver a situação.

— Você está realmente bem?

— Estou sim, Julian. Obrigada. — Ele não a soltou.

Com o polegar, alisou o queixo dela e passou a língua nos lábios. Para mim bastava daquela cena.

— Vamos voltar para a sala, Julian. — Saí irritado da cozinha. Tinha que haver uma maneira de tirar Julian da situação sem que a nossa amizade ficasse abalada.

O jantar foi maravilhoso. As negociações foram feitas, e, agora, tínhamos

que esperar a contraproposta dos Dolsons. Julian foi fabuloso na apresentação e demonstrou com muita propriedade toda a campanha. Os números eram convincentes, tinha tudo para dar certo. Depois que todos saíram, ficamos sentados no sofá, cada um perdido em seus pensamentos.

Em doze anos, nunca havia me sentindo desconfortável na presença dele. Sempre, depois de todos aqueles tipos de reuniões, saímos para beber e foder... Naquele dia, estávamos sem assunto, sem saber o que fazer, e pior: com a mulher que os dois desejavam na casa.

— Estou interessado nela. Ela tem um jeito delicado, meigo e gentil que me conquistou... Não sei o que aconteceu com vocês. Posso ver o quanto você a odeia e a humilha. — Olhei para ele, sentindo-me o mais canalha de todos os homens. — Vou ajudá-la... Não só por mim, mas por ela, também. Ela merece isso, merece essa chance. — Ele estava decidido, podia ver que aquilo era sério para ele... Odiei ver nós dois naquela situação.

— Julian, eu...

— Boa noite, Arnold — cortou-me, despedindo-se.

Vi quando meu melhor amigo e meu irmão saiu, fechando a porta atrás de si. Dentro do meu coração eu tinha certeza que aquela seria a última vez que meu amigo estaria na minha casa. Aquele dia foi horrível, e, ao que tudo indicava, o resto da noite seria muito pior. Fui até o bar, peguei uma garrafa e comecei a beber.

Sara

De todos os lugares no mundo, jamais imaginei que ele me encontraria com tanta facilidade. Agora, ele sabia onde eu estava, com quem estava e como chegar até mim. Quando ele me tocou dizendo que havia me encontrado novamente, quase vomitei em cima dele. Tive que respirar fundo várias vezes para que nada saísse do controle. Odiava aquele homem com todas as forças que eu tinha. Ele fez da minha vida a desgraça que era.

Queria poder fugir para longe, mas para onde eu iria? O que eu faria da minha vida sem dinheiro e emprego? Tinha que haver uma solução... Ele poderia ir lá a qualquer momento e me prender novamente.

Organizei toda a cozinha, perdida em meus pensamentos, medos e pesadelos, quando ouvi um estrondo na sala. Meu coração parou de bater.

Minhas mãos gelaram e minhas pernas ficaram trêmulas.

— Sara! — O grito dele foi tão alto que me apavorou.

Saí correndo da cozinha em direção a sala. Não sabia o que ia encontrar. Ao entrar na sala, parei, sem entender. Meu coração batia rápido, com medo do que veria. No entanto, a única coisa que encontrei foi Arnold, sentado no sofá e com a cabeça apoiada nas mãos.

— Por quê? — Não respondi. Havia tantos porquês que eu não sabia por onde começar.

— Sobre o que quer saber? — Levantou a cabeça e me encarou.

— Aquele dia... Por que não foi ao nosso casamento? — Então, aquele era o momento da verdade.

Atravessei a sala e fui ao bar. Pela primeira vez na minha vida, servi-me de um copo de uísque e bebi. Iria precisar, para a conversa que teríamos. Tomei meu tempo organizando meus pensamentos.

— Ele tinha um motivo de me manter virgem.

— Não entendi. “Ele” quem?

— O Collins. — Aquele nome me deixava com um gosto amargo na boca.

— Seu pai? — perguntou, confuso.

— Não sei se você pode chamar aquele monstro de pai. — Naquela altura, eu tinha certeza de que o que tinha matado a minha mãe havia sido a decepção.

— Estou desesperado, Sara. Nos últimos quinze anos, não fiz outra coisa a não ser me remoer em dor e ódio... — Dor eu não acreditava, mas o ódio estava claro para mim.

— Meu pai era um jogador, não sei dizer com certeza se minha mãe sabia... Acredito que ela tenha morrido assim que descobriu o que ele ia fazer comigo.

— Estou ficando cada vez mais desesperado para saber o que aconteceu naquele dia. — Seu semblante demonstrava o que ele sentia.

— Na noite anterior, eu estava terminando de arrumar minhas coisas quando ele foi até o meu quarto... — Parei, lembrando aquela noite horrível...

“Sara! Preciso falar com você, minha filha”... Olhei para a porta, vendo meu pai parado com os ombros tensos e um olhar temeroso nos olhos. Não entendia o que ele queria, no entanto, o segui até a sala. Quando entramos, um dos capangas da fazenda do Dolson estava sentado, nos aguardando. Eu sabia quem era, porque já tinha o visto com mister Dolson algumas vezes pela cidade. “Aqui está o pagamento, pode levar”... Não entendi sobre o que meu pai estava falando. O homem que estava sentado se levantou e veio até mim. Então, olhei para o meu pai, querendo perguntar a ele sobre o que se tratava... No entanto, a única coisa que vi foram as suas costas. O homem agarrou o meu braço com muita força. Voltei meus olhos em direção a ele e pedi para que me soltasse... Ele não fez...”

— Tentei brigar, chutar, gritar; nada deu certo. Enfiou um pano fedido no meu nariz, e, depois daquilo, não vi mais nada.

— Sara... Eu... — Ele não tinha palavras. — Eu nunca imaginei isso...

— Ainda não terminei, Arnold. — Faria-o ouvir tudo o que eu havia passado. — Quando acordei, meu corpo parecia estar em outra dimensão. Pernas bambas, uma dor latente na cabeça e muito enjojo... Abri meus olhos, mas não vi nada. Minha visão estava embaçada e o lugar estava escuro. Demorei me adaptar. Não sabia há quanto tempo estava ali... O cheiro era horrível. Eu só soube ao certo onde estava quando um cavalo relinchou. Alguns minutos depois, comecei a ver melhor, e aí sim pude perceber que estava em um estábulo. Quando tentei dar um passo, percebi que meus pés e mãos estavam amarrados. Naquele momento, o mister Dolson entrou no celeiro, com mais cinco homens.

— Meu Deus!

Peguei aquela maldita garrafa e me servi de mais um copo de uísque. O destilado desceu queimando minha garganta. Precisava relaxar, para continuar contando a ele toda aquela desgraça.

— Você quer? Acho que vai precisar.

— Você nunca foi de beber.

— Sempre tem a primeira vez.

— Dose dupla, por favor. — Foi a primeira vez que ele me pedia algo com educação.

Fui até ele, servi-o de uísque e voltei a me servir mais uma vez.

— Pode me dizer sem muitos detalhes? Não sei se posso ouvir tudo isso.

— Você vai, porque não acreditou no amor que eu sentia por você. Você me abandonou na hora em que mais precisei... Aquele era o momento de você me procurar e saber o porquê de ter feito aquilo com você.

— O que você queria que eu pensasse, Sara? Depois de tudo o que eu fiz para que ficássemos juntos, você não apareceu no dia do nosso casamento...

— Foi exatamente por isso! — gritei com ele, indignada. — Você só se preocupou com o seu orgulho ferido... Em nenhum momento a sua preocupação foi comigo, com o que eu sentia, com o porquê de eu não ter ido ao nosso casamento... Não passou na sua cabeça que eu te amava e que poderia ter acontecido algo muito ruim comigo?

— Como, porra?! Eles filmaram você com a boca no pau do cara... O que você queria que eu fizesse depois de ter visto aquele vídeo?

— Não sabia que eles tinham me filmado. — “Deus! Agora eu entendo o quanto aquilo foi ruim para ele”, pensei.

— Foi horrível... O lugar era sujo, o homem era velho. Eu não queria pensar, não queria ouvir e nem falar mais nada que fosse sobre você. Voltei para a faculdade no mesmo dia e nunca mais voltei para a cidade, nem mesmo para visitar meus pais.

— Como eles estão?

— Bem. Sempre que podem, vêm me fazer uma visita.

— Que bom... — “Como queria que minha mãe estivesse viva...”, pensei.

— Como o seu pai morreu, Sara?

— Tentando me salvar. Ele foi atrás de mim e disse que faria uma denúncia à polícia se não me liberassem... Inútil. O desgraçado me perdeu em uma mesa de jogo e depois quis se retratar, mas, naquela altura, nada que ele fizesse mudaria as coisas. Dolson ficou louco com a ameaça e mandou matá-lo.

— Jesus! Não posso ter um cliente como esse na nossa empresa.

— Ele me encontrou, não queria que isso acontecesse... Fui o mais longe que pude daquele homem.

— Foi por isso que você sumiu?

— Sim, ele queria o dinheiro que devo a ele.

— Você deve?

— A dívida do Collins era alta. Mesmo eu sendo cativa dele por cinco anos, ainda o devo. Ao menos é o que ele diz...

— Você ficou lá por cinco anos? — Sua incredulidade me deixou irritada.

— O que acha? Que estive passeando pela fazenda? Eu fui marcada como gado... Fui estuprada por todos os capatazes daquele lugar; eu era uma prostituta, para servir todos aqueles homens dia e noite. Meu corpo foi marcado de todas as formas. — Levantei-me do sofá e desabotoei o uniforme de empregada que vestia.

Virei as costas para ele e mostrei a marca de ferro quente que foi feita nas minhas costas. Eram as iniciais da fazenda dos Dolsons. Fui marcada por eles da mesma forma que eles marcavam os gados.

— Veja isso, Arnold! Olhe bem o que fizeram comigo! Você se preocupou com você, com o seu ódio... Nunca se preocupou comigo, nem parou para pensar no que poderia ter acontecido.

— Você está sendo injusta! Passei os últimos anos da minha vida pensando em você... Você viu alguma mulher nessa casa? Ou uma criança correndo por aqui? Nunca houve outra, Sara! Nunca! Porque sempre amei você... Mesmo achando que você tinha me traído, não deixei de te amar. — Aquilo me deixou perplexa.

— Você me ama? Quem ama cuida! Vai atrás, procura saber da pessoa... Quem ama não humilha, não se vinga, não destrói.

— Eu estava louco, Sara, ensandecido! Queria você perto, para que pudesse humilhar você da mesma maneira que fui humilhado...

— Acha que foi fácil, para mim, ficar plantado naquele altar, esperando pela

mulher que nunca viria?

— Você é muito cheio de si para achar que seu sofrimento foi maior que o meu...

— Não foi isso que eu quis dizer!

— Mas foi o que você pensou e fez!

— Sara...

— Não, Arnold... Estou cansada, preciso dormir. Boa noite.

— Não vá! Eu amo você! Vamos tentar, Sara... Por favor, estou implorando! Vamos tentar no conectarmos novamente? — Aquele pedido me fez parar.

— Não, Arnold... Na outra noite você esteve com uma mulher na minha frente! Sabe o quanto aquilo me machucou? Deus! O quanto desejei que você fosse o meu primeiro... — Comecei a chorar ao me lembrar das vezes em que insisti para que ele me tocasse. — Tantas vezes que cheguei a implorar para que você fizesse amor comigo...

— Eu ainda posso ser o seu primeiro. — Ele era surdo? Não ouviu nada do que eu havia dito?

— Não sou mais virgem, Arnold.

— Mas nunca fez amor antes. — Aproximou-se, colocando suas mãos no meu rosto e, com os polegares, secou minhas lágrimas.

Fechei meus olhos com o toque de suas mãos. Como amei aquele homem, como desejei estar com ele e ter uma família... Seus lábios tocaram os meus, muito suavemente. Estar com ele era como estar em casa. Eu estava voltando à vida.

O beijo começou lento e suave, porém, a química que sempre tivemos voltou com força total, fazendo com que se tornasse quente e intenso. Suas mãos estavam em todos os lugares do meu corpo. Desejei aquele momento por tanto tempo... Ele se afastou e colocou sua testa na minha.

— Fique comigo... Vamos tentar. — Ele também estava chorando. Seus olhos azuis, profundos, estavam cheios de lágrimas.

— Como sua empregada? Ficar aqui para você me humilhar?

— Não... Ficar aqui para ser minha esposa, dona do meu coração, da minha vida, rainha da nossa casa...

— Não acho que vai dar certo. Não vamos conseguir, Arnold.

— Nós vamos nos curar, Sara. Você sofreu, eu sofri, estamos sofrendo... Um pode curar o outro.

— Ou nos machucarmos ainda mais.

— Impossível, baby. — Encerrou a conversa, beijando-me novamente.

Um turbilhão de emoções me assaltou naquele momento. Eu queria estar com ele, porém, não deveria. Entre nós havia muita mágoa, além do Dolson. Nunca mais seríamos os mesmos. A Sara daquela época não existia mais, e o Arnold também não. A vida foi dura com nós dois. Seguimos caminhos diferentes. Ele era formado, bem-sucedido e um advogado renomado. Eu era um fantasma do meu passado e uma empregada... Jamais daríamos certo juntos. Afastei-me lentamente de sua boca.

— Não posso, Arnold. — Virei as costas e saí da sala.

— Não faça isso, Sara... — Ignorei o seu apelo.

Estava confusa, magoada e indecisa. Continuei indo em direção ao meu quarto. Ele não foi atrás... Agradei por isso. Precisava ficar sozinha, para pôr os meus pensamentos em ordem. Assim que entrei no meu quarto, fechei a porta e chorei. Todos os meus sonhos foram em torno do Arnold, tudo que eu desejei para minha vida era com ele ao meu lado. Embora ainda o desejasse, não poderia ficar com ele. Dolson mataria a nós dois.

O resto da semana passou sem mais incidentes. Arnold não voltou a falar comigo. Ele fazia suas refeições e se trancava no escritório durante todo o dia. Pensei muito na nossa conversa, e a única conclusão a que cheguei era de que não havia mais nada para nós dois. Mesmo eu o amando tanto, os anos passados foram cruéis comigo. Eu estava quebrada e dilacerada, não havia maneira de termos uma relação saudável.

Na sexta-feira à noite, Julian me ligou dizendo que passaria para me pegar sábado, às 10 da manhã. Fiquei eufórica... Desde que havia chegado a São Francisco, queria ir à praia, mas nunca tive oportunidade.

Deixei a casa organizada de forma impecável. Não queria deixar margem para o Arnold falar mal do meu trabalho. Depois de deixar algo para ele comer no fim de semana, limpei a cozinha e fui dormir.

Na manhã seguinte ajeitei minhas coisas e saí da casa para esperar por Julian do lado de fora. Não me despedi do Arnold, afinal, ele sabia que no fim de semana era minha folga. Não demorou muito para Julian chegar.

— Bom dia, Sara.

— Bom dia, Julian — respondi, entrando no carro.

— Você está bem?

— Estou sim. Aonde vamos? — Estava ansiosa para saber o roteiro.

— Já estive em uma vinícola?

— Não.

— Vou levar você em Napa Valley. Tenho certeza de que vai amar o lugar.

— Obrigada!

— Depois, podemos ir à praia.

— Não tive a oportunidade de conhecer. Adoraria.

— Então, coloque o cinto e curta a paisagem.

Como ele pediu, curti a paisagem. A viagem até a vinícola foi impressionante! Eu estava fascinada pelo lugar.

— Está gostando?

— Adorando! O lugar é incrível.

Passeamos pelas videiras e almoçamos no restaurante que havia na vinícola. Nunca fui de beber, mas amei os vinhos que experimentei. No final da tarde, sentia-me um pouco embriagada.

— Está ficando um pouco tarde. Então, pensei em irmos até Santa Cruz. Dormimos lá e voltamos para São Francisco amanhã, no final do dia. O lugar é lindo e tem a melhor praia da região... O que você acha? — Tinha bebido um pouco, mas estava bem ciente da minha situação.

— Não sei, Julian...

— Olha... Se for questão de grana, pode ir parando, mocinha. Eu te convidei, eu pago

— Você é incorrigível!

— Eu sei. — Sorriu, mas ficou sério em seguida. — Vou respeitar você, Sara. Vamos ficar em quarto separados. Estou apenas levando uma amiga para passear. — Não entendia meu medo, porém, sua explicação me deixou aliviada.

— Eu não trouxe nada para passar a noite fora... — comentei, um pouco sem jeito.

— Confie em mim, vou dar um jeito nisso assim que chegarmos lá. —

Piscou e sorriu.

— Ok, podemos ir. — Sorri de volta.

— Essa é a minha garota. — Entramos no carro e seguimos viagem.

Chegamos a Santa Cruz ao anoitecer. Ele parou em frente ao Hotel Paradox e nós descemos. O lugar era lindo e sofisticado. Não gostei; pensei que ficaríamos em um lugar mais simples.

— O que foi, Sara?

— Não tem nada mais simples?

— Qual o problema?

— Estamos na praia... E se ficássemos em uma cabana, ou num chalé? — Aquele não era o meu mundo. Não me sentiria confortável naquele hotel.

— Acho que podemos dar um jeito nisso. — Abriu a porta do carro e eu entrei.

Dirigiu pelo centro da cidade, procurando por algo como eu havia descrito. Aproveitei o momento para curtir a cidade. O lugar era incrível, e havia um parque enorme à beira-mar. A montanha-russa era gigante!

— Minha Nossa!

— Já andou em uma montanha-russa?

— Apenas uma vez, mas nada comparado a essa.

— Vamos nos hospedar, tomar um banho e, depois, passear pela cidade. Se você quiser, podemos ir lá e experimentar.

— Está falando sério?

— Estou.

Andamos mais um pouco pela cidade, e, em seguida, ele parou em um motel chamado Ocean Pacific Lodge. O local era aconchegante e distinto, exatamente como eu queria.

— Acho que é o melhor que vamos encontrar.

— É perfeito.

— Vamos fazer o nosso registro. — Segui-o para a recepção.

Naquela época do ano, o lugar estava lotado. Era calor, e todo mundo aproveitava as férias para ir à praia. Tivemos muita sorte em conseguir os quartos.

— Do outro lado da rua há uma loja de departamento. Você se importa de compararmos algo lá, para passarmos a noite?

— De forma alguma. Loja de departamento é o que há de melhor. — Sorri para ele e caminhei em direção à loja.

— Você está falando sério?

— Sobre o quê?

— Sobre a loja de departamento.

— Claro que estou.

— Você é uma em um milhão, Sara. — Não entendi o seu comentário. Dei de ombros e o segui para a loja.

Não me sentia confortável com ele pagando tudo, inclusive minha roupa de baixo. Evitei pegar qualquer coisa além do necessário, então, peguei uma peça íntima e um vestidinho de Verão. Para mim, era suficiente. Olhei em volta, para ver se o encontrava. Tinha o necessário, porém, ele parecia querer comparar a loja inteira. Enquanto ele procurava o que vestir, sentei-me perto dos caixas e o aguardei.

Julian

Fantástica! Quando disse que ela era uma em um milhão, não exagerei. Nenhuma das mulheres que eu conhecia vestiria roupas de uma loja de departamento. Ela era a única. Ah... Havia a Bia, que eu acreditava que também não dava importância para isso.

Entramos na loja, e ela foi direto para a sessão feminina. De longe, percebi que havia escolhido apenas um vestido e uma peça íntima. Então, como sabia que mulher gastava para cacete, resolvi escolher por ela... Escolhi uma roupa de banho, um pijama, mais uma peça íntima e uma roupa extra. Não conhecia seus gostos, mas tinha um bom, então, apostei na minha escolha.

Quando fui para o caixa, percebi seus olhos em minha sacola. Ela abriu a boca para questionar, e, depois, fechou. Boa menina. A briga seria inútil. No caixa separei, as minhas roupas das dela.

— Julian...

— Nem tente, Sara. É uma briga inútil. — Calou-se e não disse mais nada.

Voltamos para o motel. Na porta do seu quarto, dei a ela sua sacola.

— Aqui. Isso é para você vestir e ficar confortável.

— Obrigada, Julian — agradeceu, pegando a sacola, porém, não olhava para mim, e sim para o chão.

Aproximei-me dela, coloquei a mão em seu queixo e ergui seu rosto, para que me olhasse.

— Não fique constrangida. São apenas roupas, Sara.

— Tudo bem. — Sorriu, ainda sem graça.

— Passo para te pegar logo depois do banho. Vamos sair para jantar e andar de montanha-russa.

— Eu não demoro.

— Leve o tempo que precisar. — Com a mão em seu queixo, acariciei seu lábio com o polegar.

— Vou me arrumar. — Afastou-se e entrou.

— Até mais tarde.

Entreí no meu quarto, puto comigo. O que eu estava pensando ao levá-la para Santa Cruz? Foi uma ideia muito idiota. Estava na cara que ela ainda amava Arnold. Eu não podia me envolver, no entanto, quanto mais longe eu ficava dela, mais perto eu queria estar. Deus! Que bagunça era a minha cabeça.

Entreí no banheiro, tirei minha roupa e fui para a ducha. Eu tinha que manter minhas mãos longe dela. Não podia me deixar levar. Aquela boca sedosa e o olhar perdido e ao mesmo tempo ingênuo me deixavam louco e de pau duro.

Olhei para o pau em questão e falei:

— É, Eugênio... Aquela mulher é carta fora do baralho, meu amigo. O coração dela tem dono, e é o meu melhor amigo.

Indignado, ignorei meu pau e tomei banho. O maldito ficava balançando de um lado para o outro, exigindo atenção. Eu não podia... Não podia bater uma punheta pensando na mulher que amava o meu melhor amigo... Aquilo poderia ser considerado uma traição minha? Talvez não... Ele não a amava, disse para me afastar dela...

Louco para sair daquela situação, pensei nas loiras que Arnold levou para o apartamento. Oh, sim! Aquelas duas eram quentes como o inferno. Seios fartos e

bicudinhos, lambidas gostosas... Tesão puro duas gatas juntas! Pensando naquela xoxota gostosa de Suzan, comecei a dar alívio para Eugênio. O carinha gostava do jogo cinco-contra-um. Não desviei minha atenção das duas até gozar. O alívio não demorou a chegar. Satisfeito, terminei meu banho, vesti-me e fui ao encontro de Sara.

Bati em sua porta e aguardei ela me atender. Alguns minutos depois ela abriu a porta, deixando-me de boca aberta. Nunca a tinha visto com os cabelos soltos. O vestido que ela usava, apesar de simples, caiu-lhe muito bem. O volume do cabelo a deixou fantástica!

— Uau!

— Para, Julian... Vestido de departamento, lembra?

— Juro para você que nem dá para perceber. — Eu ainda estava babando naquele corpo e cabelo.

Há quanto tempo eu não ficava com uma morena? Deus! Eu nem me lembrava mais. Arnold, com aquele lance de loiras, afastou-me das morenas.

— Permita-me dizer... Você está linda, Sara.

— Obrigada. — Corou lindamente.

“Cristo! O que diabos aconteceu para o Arnold deixar essa mulher maravilhosa?”, pensei.

— Podemos ir, Julian?

— Ah...Sim, claro. Vamos. — Saiu, fechando a porta do quarto.

Fomos jantar em um restaurante à beira-mar. O local estava lotado de turistas. Sentamos em uma mesa que tinha a vista para o mar.

— Gostou da mesa?

— Excelente! A visão daqui é magnífica.

— É, sim. — Ela era uma visão magnífica; ofuscava tudo em volta.

O garçom veio nos atender e nós fizemos o pedido. A comida parecia ser deliciosa. Ao menos, o lugar lotado dizia isso.

— Sei que você não me trouxe aqui só para passear — comentou, sem tirar os olhos do imenso oceano à nossa frente.

— Sim e não. Na verdade, eu queria levar você para passear, pois queria conversar com você... Então, apenas uni o útil ao agradável.

— Eu o conheci quando tinha quinze anos. Ele foi o meu primeiro

namorado.

— Eu nunca soube sobre você.

— Eu imagino o porquê.

— Sara... Se você não estiver à vontade, não precisa me dizer nada.

— Mas eu vou. Sei que você quer saber.

— Não vou negar... Eu quero, e muito. Porém, não vou forçar a barra. Apenas estou confuso com a maneira como ele a trata. Eu nunca o vi agir daquela maneira.

— Ele foi pedir ao meu pai para namorar comigo. Meu pai era um homem insensível. Quando ele permitiu que nós dois namorássemos, foi surpreendente para mim. Arnold estava indo para a faculdade, e acabou adiando esperando que, no ano seguinte, eu fosse com ele. — Sorriu, sem humor. — Foi inútil a espera... Meu pai proibiu. Disse que eu só iria casada. Conversamos muito, e, no fim, ele decidiu ir. Foi difícil no começo, a distância era ruim... Mas não nos separou. Pelo contrário: nos uniu ainda mais.

— Eu conheci o Arnold assim que ele chegou à faculdade... — Balancei a cabeça, chocado com aquela revelação. — Ele nunca me falou sobre você.

— Estranho isso... Estávamos juntos há dois anos... — Parou, pensativa, ainda olhando para o mar. — Um ano depois, ele voltou e fez o pedido para o Collins. Meu pai, ainda frio, deu a bênção a nós dois. Tudo fazia parte do plano.

— Plano? — Quanto mais ela falava, mais perdido eu ficava.

— Sim... As regras que ele nos impôs eram do Arnold nunca me tocar, de me manter virgem até o casamento.

— Que loucura!

— O Arnold cumpriu com a palavra dele. — Agora, ela sorriu. — Eu tentei várias vezes fazer com que ele quebrasse aquela promessa, mas tudo foi em vão.

— Agora entendo o porquê de ele nunca sair comigo...

— Marcamos a data do casamento para o começo do ano. Tudo estava indo perfeitamente bem, até a noite anterior ao casamento. — Eu não queria ouvir... — Vou poupar você, Julian. — Graças a Deus! Eu não aguentaria. — Meu pai me perdeu em uma mesa de jogo para um fazendeiro renomado do Kansas. Ele me fez de prostituta por cinco anos, para pagar a dívida.

— Meu Deus!

— Mister, mistress. — Daria uma boa gorjeta para aquele garçom; não podia ter chegado em uma hora melhor.

Apesar de não querer ouvir todos os detalhes, eu a ajudaria. Iria falar com Fabiana, para saber como agir. Aquela história não ficaria assim, o desgraçado não sairia impune. Jantamos em silêncio. A comida realmente era deliciosa.

— Você quer sobremesa? — perguntei, assim que ela terminou a refeição.

— Não! Minha nossa! Eu estou satisfeita, não aguento comer mais nada...

— O que acha de andarmos pela praia e depois irmos na montanha-russa?

— Depois do jantar? Não acho uma boa ideia. — Sorriu.

Faria o que ela quisesse, jogaria-me da ponte se pedisse. Exagero? Podia até ser, mas nunca havia sentido por alguém o que estava sentindo por ela. Era gostoso estar com ela, sua companhia era muito agradável.

Fomos passear à beira-mar e voltamos a conversar.

— Então...

— Então o quê?

— Vai trabalhar comigo?

— Vou, sim, Julian. Mas vou logo avisando: eu não entendo nada de publicidade.

— O que tinha vontade de fazer quando toda essa tragédia aconteceu?

— Arquitetura. Era o meu sonho, e também foi o da minha mãe.

— Não pensa em voltar a estudar?

— Não. Ao menos, não agora.

— Entendo... Quer começar quando?

— Pode ser no começo do próximo mês?

— Por que tanto tempo? — Não entendi... Por que ela queria continuar sendo humilhada por Arnold?

— Porque preciso do pagamento do Arnold. Provavelmente não tenho mais casa, e, sem grana, não tenho onde morar. — Jesus! A situação era ainda pior do que eu imaginava.

— Você pode ficar no meu apartamento.

— Qual? Aquele que você e o Arnold usam para motel? Não, obrigada. — “Hm... Que idiota eu sou”, pensei.

— Desculpe, Sara.

— Está tudo bem, Julian, só estou um pouco amarga.

— Não... Dessa vez, eu errei. Não queria me referir àquela noite, estava apenas tentando achar uma solução. — Eu poderia oferecer a minha casa, mas duvidava que fosse aceitar.

— Tudo bem.

— E se você... E... — Merda! Eu realmente iria oferecer a minha casa?

— E se...?

— Se você ficasse na minha casa? — Não respondeu de imediato.

Se ela estava pensando no assunto, era um progresso. Meu coração batia violentamente, enquanto esperava sua resposta. Seria minha definição de paraíso ela morando comigo. Quer dizer... Não comigo, mas na minha casa.

— Não acho uma boa ideia. — Tudo o que eu não queria ouvir.

— E por que não? — Insisti na resposta. Aquela eu fazia questão de ouvir.

— Não quero que a nossa amizade destrua a sua com o Arnold.

— Bom ponto. — Aquele era o um problema que eu e ele teríamos que resolver.

Se bem que: se ele não a queria, então, qual era o problema de ela ficar comigo? Por que ele queria tanto que eu me afastasse dela? O que foi que aquela garota havia feito para desgraçar a vida de Arnold, como ele a acusava de ter feito? Tudo o que ela disse para mim não fazia o menor sentido para ele tratá-la daquela maneira. “Jesus! Em que confusão me meti...”, pensei.

— A proposta segue de pé. Quanto ao Arnold, vou me encarregar disso.

— Não posso aceitar.

— Diga apenas que vai pensar... — Parou e me olhou diretamente nos olhos.

— Eu não vou fazer isso com vocês dois. — Teimosa, mas, se aprendi a lidar com Fabiana, ela seria fuchinha.

— Ainda segue de pé a proposta.

— Você é inacreditável. — Saiu irritada.

O problema dela e da Bia era que elas encontraram homens que não aceitavam “não” como resposta. Então, não importava o quanto dissessem “não”, porque, no fim, iam acabar perdendo a batalha. Eu era um homem paciente; sabia, como ninguém, esperar. E também vencia a pessoa pelo cansaço.

Sabia ser chato quando queria.

Era tarde quando voltamos ao motel. Aquela era a pior parte - ou a melhor, dependendo da situação. Nos filmes e novelas, o casal sempre se beijava na hora da despedida. Não vou negar que esperei o meu beijo, porém, a despedida foi apenas um “boa noite, obrigada e até amanhã”. Que droga! Irritado, entrei no meu quarto e fui dormir.

Sara

Confusa era pouco, eu estava completamente transtornada. Julian tinha um jeito único; ele era galante, sedutor e muito divertido. Tinha tudo o que uma mulher desejava em um homem, porém, eu não era aquela mulher. Meu coração pertencia a outro homem. Fui arrebatada pelo Arnold... Desde então, jamais existiu outro, e duvidava que algumas vez existiria.

Era divertido, bonito, sedutor, controlador e muito possessivo. Sempre gostei de seu jeito. No entanto, o homem que havia se tornado era completamente diferente... Frio, cruel, esnobe e perverso. Jamais imaginei que veria todas aquelas características no homem que eu amava. Uma pessoa que sempre foi de bem com a vida... Era difícil de aceitar tamanha mudança.

Dentro daquele quarto de motel, chorei por sua ausência. Como gostaria que ele estivesse comigo naquela cidade magnífica... Desejei que fosse ele me levando para passear. Não que eu não gostasse de Julian, porém, para mim, a situação era errada de várias maneiras. Adormeci em meio aos pensamentos conflitantes.

Na manhã seguinte, acordei um pouco mais animada. Não via a hora de irmos à praia! Levantei, tomei um banho e fiz minha higiene. Abri a sacola que Julian havia me dado e peguei a roupa de banho que ele havia escolhido. Fiquei chocada ao ver! De maneira alguma usaria aquelas peças. Minhas cicatrizes eram perceptíveis, a marca nas costas era de dar medo! Não havia maneira de colocá-los.

— Acorda, Bela Adormecida. Vai perder todo o sol da manhã. — Ele realmente era uma graça.

Dividida entre o que era sensato e o que me deixaria confortável, coloquei o biquini com uma camiseta por cima. Seria chamada de caipira por todos... Quanto a isso, não me importava. O que me preocupava era o nojo que veria se

eles vissem a marca da minha vergonha.

Abri a porta e dei de cara com Julian.

— Bom dia! — Olhou-me de cima a baixo. Remexi-me no meu lugar, incomodada com sua análise.

— Excelente dia. O sol está brilhante, o dia está quente e o mar está maravilhoso.

— Já esteve lá? — Sorri com sua animação.

— São quase onze da manhã, Sara.

— Não pode estar falando sério... — Sorriu, tirando o cabelo dos meus olhos.

— Estou.

— Por que não me chamou quando acordou? — Tranquei a porta, sentindo-me uma completa idiota.

— Porque achei que você precisava de um descanso.

— E perder todo esse espetáculo? De jeito nenhum!

—Essa é minha parceira! Vamos lá, gata... Primeiro café; depois, praia.

— Sem chance. Quero ir para praia... Depois eu almoço.

— Tem certeza?

— Você ainda duvida? — Sorri e fui em direção à praia.

Não consegui me segurar. Parecia uma criança no mar. A água estava quente. A sensação da areia nos pés era indescritível. Depois de tantos anos, eu finalmente estava na praia. Meus olhos lacrimejaram devido às emoções que estava sentindo. Ninguém jamais saberia o quanto aquela sensação de liberdade era importante para mim. Viver cativa por tantos anos me tirou tudo o que eu tinha e o que mais as pessoas prezam: a liberdade.

O direito de ir e vir, de comer quando quisesse, de beber o que queria... De tomar banho, de andar, de falar e, principalmente, de respirar o ar puro. Poder estar ali significava muito mais que ir à praia. Pela primeira vez, sentia-me livre. Absolutamente livre!

Arnold

Ela não se despediu de mim... Aliás, mal falamos nos últimos dias. Depois que soube o que aconteceu com ela, liguei para um amigo que era detetive. Pedi para ele uma investigação completa sobre o Dolson. Eu faria aquele desgraçado pagar por tudo o que a fizera passar. Aquele homem acabou com o nosso futuro e destruiu a vida de Sara. Ele pagaria...

Passei a noite inteira a esperando voltar. Ela não apareceu. Peguei meu celular várias vezes pensando em ligar para Julian, no entanto, não tinha o direito de fazer aquilo. Ela era livre, e ele também. Não! No fundo do meu coração, eu sabia que aquilo era uma grande mentira. Ela pertencia a mim, e eu a ela. Eu a queria de volta, e a teria... Nem que para isso eu tivesse que reconquistá-la. “Fiz isso uma vez e fui bem-sucedido... Por que desta vez seria diferente?”, pensei. Estávamos machucados? Sim, mas toda a dor foi causada pelo fato de estarmos separados. A distância destruiu nós dois, e, por mais que as feridas estivessem abertas, o amor que sentíamos um pelo outro curaria.

Não havia outra maneira de pensar, nem de agir. Eu a traria para minha vida novamente. Esperei por ela até de madrugada, e nada de ela aparecer. Fui dormir, rezando para que nada acontecesse entre os dois. Seríamos três corações quebrados e machucados.

Acordei na manhã de domingo, sentindo-me completamente exausto. Fiz tudo o que podia para ocupar minha mente: trabalhei, malhei, nadei... E nada de ela aparecer. Aparentemente, aquele seria o domingo mais longo que já tive na minha vida. Contava os minutos e os segundos, andava de um lado para outro pensando em tudo o que conversamos... Entre um pensamento e outro, voltava a certeza de que precisava trazê-la de volta para mim.

No final da tarde, eu não estava louco, estava ensandecido. Perdi a minha mente e todas as chances que me restavam de pensar com clareza. Quando resolvi ir atrás dos dois, ela chegou. O alívio que senti foi sem precedentes. Corri até a cozinha no momento em que ela abria a porta. Estava radiante e tinha tomado um pouco de sol. Naquele dia ela seria minha; estava decidido, e não voltaria atrás. Havia esperado tempo demais para fazer a coisa certa. Não esperaria mais...

Sara

O final de semana foi indescritível. Passamos o dia na praia e acabamos almoçando ali mesmo. No fim do dia, voltamos para casa. Julian foi um

cavalheiro, e sua companhia era formidável. Quando chegamos na porta da casa de Arnold, vi que todas as luzes da casa estavam acesas. Duvidava que conseguiria passar ilesa. Provavelmente, ele não perderia a chance de me humilhar mais uma vez.

— Não tem que entrar. Você sabe disso.

— Eu preciso, e já conversamos sobre esse assunto. — Ele era muito insistente quando queria.

— Tudo bem... Qualquer coisa, me ligue. Estarei aqui em minutos.

— Obrigada por tudo, Julian.

— Não tem que agradecer. — Deu-me um beijo no rosto, despedindo-se.

Saí do carro, completamente perdida. Não fazia ideia do que me esperava do lado de dentro. Quando entrei, ele estava na cozinha.

— Oi.

— Oi. — Seu “oi” foi tímido.

— Você está bem, Arnold? — Aquela reação não era normal.

— Agora, estou. E você? Está tudo bem?

— Estou, sim. — Deus, como eu amava aquele homem! — Eu vou para o meu quarto. — Ele estava de bermuda, camisa e descalço. Uma verdadeira tentação.

— Espere...

— Você está com fome? — perguntei, sem olhar para ele.

— Faminto.

— Eu não demoro. — Passei por ele, indo em direção ao meu quarto.

Não entendi a sua recepção. Aliás, não entendia por que ele estava tão receptível. Coloquei meu uniforme e voltei para a cozinha. Ele ainda estava lá, encostado na bancada.

— O que vai querer comer?

— O que você quiser fazer. Não precisa ser muito elaborado, um lanche é o suficiente...

— Vou fazer. — Comecei a tirar as coisas da geladeira, quando o senti atrás de mim.

— Eu quero algo quente, Sara. — Sua voz rouca, no meu ouvido, provocou arrepios em todo o meu corpo.

— Arnold... — Quando me virei, sua boca assaltou a minha.

Suas mãos vieram para a minha bunda, levantando-me do chão. Cruzei minhas pernas em sua cintura, e ele nos levou para o seu quarto. Nossas bocas estavam grudadas - e permaneceram assim por todo o caminho. Eu estava sem fôlego, mas seu beijo era tudo o que eu precisava.

Chegamos ao quarto, e ele nos jogou na cama. Sua necessidade por mim era tão grande quanto a minha por ele. Tentei abrir sua camisa sem causar estragos, porém, foi inútil; eu estava com sede, com necessidade de estar assim com ele há muitos anos. Pouco me importei com os botões; pude ouvi-los quicando no chão do quarto.

— Eu te amo, Sara, sempre amei você...

— Eu também amo você, sempre amei. — Silenciou-me, voltando a me beijar.

Estava tão impaciente quanto eu; em vez de tirar meu uniforme, rasgou-o.

— Achei que você gostava do uniforme...

— Eu gosto, você fica quente nele.

— Você acha?

— Não vou negar que era para outro propósito, mas, quando você o colocou, fiquei de pau duro... Você fica quente e sexy com ele.

— Hm... — Sua boca desceu para o meu pescoço, mordendo a pele. Suas mãos vagavam pelo meu corpo, deixando-me excitada.

Depois de tantos anos, estávamos juntos... Aquela seria a primeira vez que eu faria amor. Tínhamos muito que conversar, havia muita coisa para esclarecer... No entanto, naquele momento, eu queria estar em seus braços. Ser tocada por suas mãos, beijada por sua boca, ser amada pelo seu corpo...

Sua boca desceu para o meu seio, e, por cima do tecido da lingerie, ele mordeu o mamilo. Lembrava-me perfeitamente de quando ele havia feito isso pela primeira vez: a sensação que eu tive foi intensa, exatamente como agora.

— Ah...

— Você gosta disso, Sara... Quer mais forte?

— Sim... — Mordeu ainda mais forte.

A dor era gostosa e intensa. Friccionei meu centro em suas pernas, tentando chegar ao orgasmo. Minha vagina latejava e doía, implorando para tê-lo dentro de mim. Cravei minhas unhas em suas costas e comecei a arranhá-lo.

— Gosto disso, minha gata. — Esfregou-se ainda mais em mim, porém, não era o suficiente.

— Mais, Arnold! Por favor!

— Não ainda... Quero estar dentro de você quando gozar.

— Por favor!

— Sempre apressada... Não quero que seja uma trepada. Vamos fazer amor lento... Vou provar cada pedacinho do seu corpo. Vou lamber, morder e chupar cada centímetro de sua pele.

— Eu quero você, Arnold... — Estava ofegante.

— E você me tem — disse, esfregando-se em mim.

— Você entendeu! — Puxei sua cabeça para mim e coleí a minha boca na sua. — Necessidade pura e simples.

Naquele momento não queria pensar, não queria ser racional e não queria saber se era certo ou errado. Eu queria apenas estar com ele.

Capítulo 14

Arnold

Assim como a Fabiana teve sua justiça, minha Sara teria a dela. Jamais tinha imaginado que algo como aquilo havia acontecido a ela. Havia errado muito em julgá-la, e passaria o resto da minha vida tentando consertar o estrago que fiz a nós dois.

Foquei no agora, no momento que estávamos tendo. Quantas vezes havia sonhado estar com ela assim? Quantas noites mal dormidas tinha passado imaginando como seria o seu corpo quente e suave embaixo do meu?

Agora, estávamos ali, e eu me sentia o homem mais realizado do mundo. Estava disposto a lutar por ela. Faria qualquer coisa para tê-la na minha vida como minha esposa.

Fiquei de joelhos e terminei de tirar suas roupas. Doeu-me o coração ver tantas cicatrizes em um corpo tão belo. Se ela quisesse, pagaria os melhores cirurgões plásticos para eliminarem cada uma daquelas cicatrizes. Era impossível ela não lembrar do que aconteceu se vendo nua todos os dias.

Delicadamente, passei o dedo em cada uma delas e as beijei. Em sua barriga havia cinco. Não tinha a menor ideia do que havia causado aquelas cicatrizes, e, para ser honesto, não tinha certeza se gostaria de saber.

— Esporas. — Trinquei meu maxilar ao imagina a dor e tortura que ela havia sofrido.

— Se o seu pai não estivesse morto, eu me encarregaria disso.

— Esquece isso, Arnold.

— Nunca! Ele vai pagar, Sara... Por cada uma das suas cicatrizes, pelos mil oitocentos e vinte cinco dias em cativeiro, por cada lágrima derramada... Juro para você, nem que seja a última coisa que eu faça em minha vida. Vou pô-lo na cadeia e farei com que fique lá por muitos anos.

— Arnold... — Calei-a com a minha boca.

Nada me faria mudar de ideia, nem mesmo ela. Aquele desgraçado acabou com nossas vidas, destruiu os nossos sonhos, a confiança que tínhamos um no outro... A única coisa que ele não destruiu, graças a Deus, foi o amor que sentíamos um pelo outro - aquilo era inabalável.

Sem tirar a minha boca da dela, tirei os meus sapatos e desci o zíper da

minha bermuda. Meu pau estava duro como pedra, louco para estar dentro daquela bocetinha que ele tanto almejou.

Minhas mãos foram para o seu centro. Toquei-a suavemente. Para mim, aquela seria a primeira vez dela e eu a trataria como virgem; seria doce, suave e gentil. Faria amor, aproveitaria cada instante daquele momento. Ela estava pronta, molhadinha, apenas esperando por mim.

Ajuntei meu pênis, para penetrá-la, quando ela me parou.

— Você está sem camisinha. — Fiquei sem ação com seu comentário.

— Não vou amar você protegido.

— Você não se importa de estar dentro de mim depois de tudo o que aconteceu?

— Não, amor. — Penetrei-a, olhando em seus olhos.

Aquela era a minha primeira vez, também. Nunca tinha feito amor e nunca havia penetrado uma mulher sem camisinha. Tê-la sem nada entre nós era o céu. Ela era quente, úmida e apertada. Meu pau deslizava com facilidade em seu canal. Não iria rápido, queria aproveitar ao máximo o prazer e o momento de estar dentro dela.

— Você é quente — disse, colocando meu rosto no seu pescoço.

— Você é apertada. — Mordi o lóbulo de sua orelha. — Está tão molhadinha... — Avançava e tirava dela lentamente.

Queria saborear cada segundo daquele momento. Eu a amava lentamente, sentindo sua boceta se contraindo e apertando meu pau. Seus lábios se separaram e sua respiração saiu rasa. Ela estava vindo. Prendi minha respiração, evitando vir com ela. Queria que aquele momento durasse um pouco mais.

— Goze, amor. Aperte meu pau com sua bocetinha. — Investi um pouco mais rápido e trinquei o maxilar, evitando gozar.

— Arnold! Ah...

— Isso, meu amor... Goze para mim. — Estava me afogando na sensação de estar assim com ela.

Beijei sua boca, segurando com a língua seus gemidos. Não parei os movimentos, prolongando ainda mais o seu orgasmo. Mordi seu lábio inferior, e, depois, chupei-o. Com a mão esquerda, toquei seus seios e apertei seu mamilo, com força. Ela gozou novamente.

— Gosta disso, meu amor?

— Ah... — Continuei apertando o seu mamilo e sugando sua língua.

O barulho de pele contra pele e o deslizamento dos nossos corpos juntos eram a melhor sensação do mundo. Sem conseguir esperar mais, acelerei meus movimentos, colocando a boca no seu seio. Chupava e mordia, sem perder o ritmo.

— Oh... Oh... — Apoiei minhas mãos na cama e investi forte.

A visão dos seus lábios inchados pelos beijos, os seios vermelhos pelas mordidas e o pescoço marcado pelos chupões me levou ao limite. Meti mais rápido... Duas... Três... E gozei.

— Sara! Porra... Oh... — Era o céu, o paraíso.

Levei alguns minutos para controlar minha respiração. Comecei a beijar seu pescoço, acariciando-a com o nariz e passando a língua. Quando subi para o seu rosto vi suas lágrimas.

— Sara? Amor... Eu te machuquei? — Levantei-me de cima dela, para poder olhar melhor. — Amor? Sara, por favor, fale comigo! — Ela abriu a correnteza.

Fiquei pasmo com a ação dela. Para mim, foi fabuloso estar dentro dela; estar com ela assim foi o que sempre desejei.

— Sara, estou perdendo a minha mente aqui... Por favor, querida, o que foi?

— Eu... Oh, Deus... — Ela não dizia coisa alguma.

— Amor, respire fundo, acalme-se...

— Preciso... Ir... — Levantou da cama e correu para o banheiro.

Completamente chocado, fiquei na cama. Não sabia como agir naquela situação. Olhei para a cama, verificando se havia sangue; não tinha nada. Não podia ficar ali, parado. Alguma coisa precisava ser feita. Levantei da cama, peguei meu celular e fui para o corredor. Procurei o número do Zen e disquei.

— Arnold?

— Zen, preciso de sua ajuda.

— Calma, homem. O que aconteceu de tão sério para estar me ligando a essa hora? — Tirei o telefone da orelha, para olhar as horas; eram quase duas da manhã.

— Desculpe, Zen... Jamais ligaria para você a essa hora se a situação não fosse séria.

— Tudo bem... Aguarde um minuto. — Esperei até que voltasse. Se havia

uma pessoa no mundo que podia me ajudar, seria ele.

— Pode falar.

— Como estão as crianças?

— Agitadas. Só dormiram há poucos minutos.

— Você parece cansado.

— Não foi para isso que você ligou, foi?

— Não, só não queria parecer desinteressado...

— O que está acontecendo, Arnold?

— Estou precisando de ajuda.

— Isso você já disse.

— Certo... Eu e Sara estamos juntos. — Ficou em silêncio por um longo tempo.

— Interessante...

— Preciso de sua ajuda... Não sei como lidar com ela. Acabamos de fazer amor, e ela saiu correndo para o banheiro... Zen, eu não sei como agir, não sei o que dizer a ela. Ajude-me.

— Conforte-a, dê apoio a ela. Converse sobre o que aconteceu, permita que ela coloque tudo para fora. Force-a, de uma forma sutil, falar sobre tudo. Não vai ser fácil ouvir, mas você precisa fazê-la falar... É importante para ela saber que, mesmo depois de tudo o que aconteceu, continua sendo a mesma para você.

— Meu Deus, Zen! O homem que fez isso a ela é o que a JAZ está fechando contrato... Ele esteve aqui na minha casa, ele a viu!

— Não entendi. Repete, por favor?

— Dolson a usou como escrava sexual na fazenda.

— Allah! Pare com as transações! De maneira alguma quero esse homem envolvido nos nossos negócios.

— Preciso denunciá-lo! Preciso que ela faça o boletim de ocorrência, Zen...

— Olha, Arnold... Cada uma delas age de uma forma diferente. Fabiana foi relutante, no início, em prestar queixa... Ela não queria ir à delegacia, foi um processo longo de cura. Geralmente, para mulheres que sofrem abuso, é difícil aceitar e falar sobre o assunto. Não sou especialista nisso, vivi de perto essa situação apenas com a Fabiana... Porém, se tem alguém que pode ajudar Sara... Essa é minha rainha.

— Você acha? Não sei se é certo. Fabiana, agora, tem as crianças para cuidar...

— Por sua culpa ela está sobrecarregada.

— Minha culpa? Que diabos eu fiz?

— Tirou a Sara, não quis que ela viesse trabalhar aqui conosco...

— Talvez agora isso seja possível. Você já contratou alguém?

— Não, Fabiana não confia em ninguém para deixar as crianças.

— Olha, vou querer a minha mulher à noite em casa, mas, durante o dia, ela pode ser de grande ajuda com as crianças...

— Vou ficar eternamente grato. Ela poderá descansar durante o dia, para enfrentar a maratona à noite.

— É tão ruim assim, Zen? — Comecei a repensar em ter filhos.

— É fabuloso, Arnold. É a melhor coisa que já me aconteceu na vida. Fabiana é tudo o que eu jamais pensei em ter como esposa, meus filhos são a minha vida... Sou um homem realizado em todos os sentidos. — Acreditei nele; nunca tinha o visto tão feliz. Era contagiante.

— Parabéns, meu amigo. Estou muito feliz por vocês dois.

— Obrigado meu amigo.

— Espero que, agora, dê tudo certo para mim e ela.

— Vai dar, Arnold. Se a vida colocou vocês dois juntos novamente, é porque está escrito. Maktub, meu amigo.

— Obrigado, Zen. Vou atrás dela agora.

— Boa sorte.

— Até mais. — Desliguei o telefone e voltei para o quarto.

Olhei para a porta do banheiro, que ainda estava fechada. Não bati, simplesmente entrei. Ela estava ajoelhada, com o rosto dentro do vaso e vomitando muito. Não queria acreditar que havia feito aquilo a ela; deveria ter ido devagar, ter pensado melhor antes de levá-la para a cama...

— Sara, pequena, fale comigo! O que aconteceu com você? — Ajoelhei-me ao seu lado e segurei o seu cabelo. — Você está me deixando preocupado...

— Não posso, Arnold. Estou quebrada, isso vai acabar comigo e com você.

— Passei os últimos quinze anos sem você, não mais! Vou cuidar de você,

vamos procurar toda a ajuda possível e eu vou estar ao seu lado.

— Toda noite é isso... Quando me olho no espelho, vejo todo o estrago que fizeram com o meu corpo. Aquela marca nas minhas costas me traz os fantasmas que eu gostaria de esquecer...

— Quanto às marcas, podemos ir a um cirurgião. Vou pagar todo o tratamento possível para que elas possam ser removidas. Quanto ao seu lado psicológico, tenho amigos que podem nos ajudar. — Tinha que tentar, não iria desistir dela. — Sara, amor... Olhe para mim. — Ela não olhou.

Fui até a pia, molhei uma toalha e a limpei. Passei em sua boca, em sua testa suada e em sua nuca. Depois, peguei-a no colo e a levei para a cama.

— Não consigo esquecer... Foram noites e dias horríveis. Eles me usaram de todas as formas, me machucaram, riram e se divertiram às minhas custas...

— Você está segura agora.

— Não estou. Ele me encontrou novamente, ele vai vir atrás de mim... — disse, em completo desespero. Que Deus me desse forças para ajudá-la...

— Como você saiu?

— Para ele, eu não servia mais. Havia perdido trinta quilos, mal conseguia ficar de pé... Então, ele disse que eu podia ir embora, no entanto, teria que pagar o restante da dívida.

— Como ele sabia que você pagaria?

— No fundo, ele achava que eu acabaria morta. Não havia como sobreviver no estado em que eu estava.

— Como conseguiu?

— A dona Margareth, lembra-se dela?

— Muito vagamente...

— Ela me acolheu. Na verdade, foi a única.

— Vou ser eternamente grato a ela. —Abracei-a e beijei sua cabeça. Tentei passar, naquele gesto, toda a segurança que ela precisava.

— Ela faleceu...

— Faleceu?

— Ela teve um infarto. — Ao menos, não havia sido mais uma vítima daquele desgraçado.

— Lamento por isso, Sara. — Pensei nas suposições por um segundo... —

Como veio parar em São Francisco?

— Fiquei sabendo da Female Network. Eu não era aceita na cidade... As pessoas não falavam comigo e ninguém me dava emprego. Então, resolvi pedir ajuda na ONG.

— Dolson não te procurou mais?

— Quando ele viu que eu estava bem, exigiu o pagamento. Tive que vender a casa dos meus pais, as joias da minha mãe... E ainda fiquei devendo um bom dinheiro. Então, quando eu não tinha mais nada, fugi vindo para cá... Deu certo, até a noite do jantar.

— Era por isso que precisava do dinheiro?

— Eu disse que era para pagar a dívida, mas, na verdade, queria sair do país... Ir para a América do Sul ou qualquer lugar distante.

— Amor, nós vamos conseguir sair disso juntos! Vou processá-lo por todo o mal que fez a você...

— Não! Por favor, Arnold, esquece isso. — Seu olhar era de puro terror.

— Jamais! Ele feriu você, a manteve em cativeiro, abusou e estuprou... Não há maneira de esquecer isso!

— Ele vai acabar matando nós dois...

— Veremos.

— Arnold...

— Já chega, Sara! Não me reconhece mais? Não sabe o quanto é inútil me fazer mudar de ideia? — perguntei, lembrando a ela o dia em que fui à sua casa para pedir ela em namoro.

— O que vai ser agora? — perguntou, sem jeito.

— O que você quiser... Desde que seja minha mulher, eu aceito qualquer coisa. — Voltar a tê-la em minha vida era tudo o que eu queria.

— Não estou segura aqui.

— Vamos dormir. Amanhã iremos resolver tudo, está bem?

— Tudo bem... — “Graças a Deus”, pensei.

Sabia que seria difícil, mas estava disposto a tentar e faria qualquer coisa por ela, por nós. Ajeitei-me na cama e a coloquei sobre o meu peito.

— Arnold?

— Sim?

— Por que está fazendo isso? — Pensei em sua pergunta por um momento, e a única resposta que eu tinha era essa:

— Porque quero ser o seu infinito.

Sara

Não sabia o que tinha acontecido. Ele foi tão carinhoso! No entanto, quando tudo acabou, senti-me tão suja por estar com ele... Eu não o merecia; estava quebrada e machucada. Aquele homem horrível fez coisas impossíveis de se esquecer. Meu corpo estava marcado para sempre... Minha mente estava poluída de demônios. Eu iria destruir nós dois se ficasse.

Sabia que, se eu sumisse, iria machucá-lo, e, daquela vez, a culpa seria minha. Não podia fazer isso novamente... Foi errado me deixar levar e fazer amor com ele.

Olhei para o seu rosto, gravando todo o seu contorno. Ele era lindo quando novo, porém, agora era magnífico. Sua barba cerrada o deixava charmoso. Lágrimas caíram dos meus olhos enquanto eu pensava no que teria que fazer agora. Nunca quis deixá-lo... Ele sempre foi para mim, o meu príncipe encantado. A história se inverteu, agora, eu era o sapo e não a princesa.

Levantei lentamente da cama, evitando ao máximo fazer movimentos bruscos, e saí do quarto. Eu estava quebrada, cheia de dor, mágoas e ressentimentos. Ele estava com sede de vingança... Se continuasse ali, estaríamos os dois mortos em poucos dias.

Desci até o meu quarto, arrumei todas as minhas coisas e fui tomar um banho. Tinha que sair antes de ele acordar, ou ele não me deixaria ir. Tomei um banho rápido, sequei-me e, quando saí do banheiro, ele estava deitado na minha cama, com os braços cruzados.

— Tenho dinheiro, influência e muita persistência. Não há lugar no mundo que eu não a encontre.

— Arnold...

— Podemos fazer isso de um jeito fácil ou podemos fazer isso da minha maneira. Então, Sara, como vai ser?

— Você não entende, Arnold.

— Eu entendo. Entendo que você está sofrendo, que você está com medo, que está ressentida e magoada... Entendo que você está ferida, que se sente suja e que não se acha digna... O que eu não entendo é por que você acha que fugindo vai ser mais fácil do que tentar se tratar. — Ele realmente sabia de tudo aquilo? Duvidei dele.

— Você nunca vai saber! Nunca estive lá...

— Eu sei. Fabiana, esposa do Zen, foi abusada, como você. No caso dela, ficou quase um ano em coma e ainda estava grávida quando tudo aconteceu... Ela ficou com um problema na perna, tem cicatrizes no corpo e teve um longo processo de reabilitação. Hoje, é aquela mulher vibrante. Conseguiu pôr na cadeia os homens que a fizeram mal... Ela lutou, Sara, e é isso que eu quero para você: quero que você lute!

— Não sabia disso. — Pensei naquela mulher linda de tirar o fôlego. Não conseguia acreditar que ela tinha passado por tudo aquilo: era impossível.

— Falei com o Zen. Ele quer que você a ajude com os bebês. Eu achei a ideia muito boa.

— Não vou ficar, Arnold. — Fui até a cama e peguei minhas roupas, começando a me vestir.

— Você acha realmente que vou deixá-la sair daqui assim? Acha que vou deixar isso fácil para você?

— Vai me prender contra a minha vontade, Arnold? Vai me manter cativa? — Peguei pesado, e sabia disso. No entanto, era a minha vida, e eu resolveria como vivê-la.

— Está sendo covarde, Sara! — Levantou da cama, irritado. — Estou aqui para você, dando tudo o que você precisa... Principalmente segurança. Você está indo embora porque está com medo.

— Ele vai matar nós dois! Não vou ficar aqui e pôr sua vida em perigo!

— Podemos ficar no apartamento... Ele não vai te achar lá.

— Onde? Naquele lugar onde você transou com aquelas duas mulheres? — Ele e o Julian tinham um péssimo hábito de me oferecer aquele prostíbulo particular.

— Não vou me perdoar por isso, Sara. Sei que errei em fazer aquilo, mas estava com ódio, achando que você tinha me deixado...

— Que bom, Arnold, porque também não vou esquecer.

— Achei que você tinha me perdoado. Ontem, quando fizemos amor, pensei que tinha nos dado outra chance. — No seu olhar eu podia ver o medo que tinha de me perder.

Eu seria considerada a cadela do ano por estar fazendo aquilo com ele, no entanto, tudo era para protegê-lo de mim e do Dolson.

— Esperei anos por aquilo, Arnold... Eu também tinha o direito de querer, não acha? O fato de ter ido com você para a cama não quer dizer que o perdoei. Aquilo foi apenas sexo! — Terminei de me vestir, sem olhar para ele.

— Não acredito em você. Sou um homem, não um moleque. Acha que não sei quando a mulher me deseja? Acha realmente que eu não sei o quanto aquilo foi diferente para mim e para você?

— Não foi nada de mais, Arnold. — Não olhei para ele... Queria sair daquela casa o quanto antes.

— Mentira! Você mente muito mal... Faça-me acreditar, Sara, e eu deixarei você ir embora. — Reuni todos os sentimentos ruins que tinha dentro de mim e o olhei.

— Não vou ficar, Arnold, e a noite de ontem não passou de uma boa foda. — Peguei minha mala e saí do quarto, deixando-o completamente chocado.

Não demorou muito para as lágrimas caírem. O meu desespero era enorme. Conhecia o Dolson, sabia do que ele era capaz, tinha visto isso de primeira mão. Não havia nada que me faria ficar e colocar Arnold em perigo. Não podia permitir aquilo... Não com ele.

Andei algumas quadras, quando um carro encostou ao meu lado. Meu coração disparou e minhas pernas começaram a tremer. Era como nos velhos tempos: sempre que andava na rua, olhava em todas as direções, para ver se não estava sendo seguida. Aparentemente, ali não seria diferente.

— Onde essa moça linda está indo? — Sorri ao ouvir sua voz.

— Embora, Julian — respondi, ainda caminhando.

— Achei que você tinha se decidido ontem.

— As coisas mudaram...

— Sabe... Fica muito chato eu ter que dirigir inclinado assim. Por que não entra e eu te dou uma carona?

— Arnold ligou para você?

— Aconteceu alguma coisa? Ele humilhou você novamente?

— Não quero falar no Arnold. — Continuei caminhando.

— Eu vou ficar com torcicolo, Sara.

— Então, continue seu caminho, Julian.

— Você vai me fazer bater o carro... Eu irei para o hospital todo machucado e correndo risco de vida. — Com aquela, tive que rir.

— O que você quer, Julian?

— Para começar, que você entre dentro do carro. Então, podemos tomar um café, porque ainda não tomei o meu. Depois, onde você quiser ir eu a levo. — Ele era uma graça.

— Eu não tenho para onde ir. — Aquela era uma realidade da qual eu ainda não tinha me dado conta. Provavelmente, àquela altura, o meu apartamento tinha sido invadido.

— Minha proposta ainda está de pé. — Era bem ruim levar problemas para Arnold... Por que levaria para Julian, também?

— Não posso, Julian. — Ele acelerou o carro, estacionou próximo ao meio-fio e desceu.

— Bom, agora podemos conversar... Se bem que eu preferia fazer isso tomando café. Fico um homem muito rabugento de estômago vazio. — A cara que fez foi hilária. Sorri ao ver sua desenvoltura para tentar me convencer.

— Você é bom nessa cara de cachorro que caiu da mudança.

— Acredito que faça parte do meu charme. — Sorriu, mexendo as sobrancelhas.

— Ou é uma técnica de persuasão.

— Então, deu certo? — Gargalhei alto. Ele era uma figura.

— Acredito que sim.

— Vamos lá, entre no carro, como uma boa menina. — Abriu a porta do carona, esperando que eu entrasse.

— Julian... — Eu ia argumentar, mas ele me interrompeu.

— Eu ganhei, lembra? — Era inútil discutir.

Entrei no carro, e nós fomos para o Starbucks. A primeira vez em que saí com Arnold, também fomos a uma cafeteria daquela rede. Minha mãe havia morrido, precisava muito de alguém para conversar, e ele apareceu. Como a vida

era estranha... Tínhamos tudo para sermos felizes naquela época, então, tudo aquilo aconteceu... Agora, nos reencontramos e não podíamos ficar juntos.

— Sara, está me ouvindo? — Voltei a ao presente quando ouvi meu nome.

— Hm... Desculpe. Pode repetir?

— Já chegamos. Vamos descer? — Olhei em volta, desacreditada.

— Acho que cochilei.

— Vamos tomar um bom café. Tenho certeza de que vai despertar você.

— Claro. — Entramos, e, enquanto ele foi para a fila, fui atrás de uma mesa para nós.

Naquela hora do dia era quase impossível encontrar uma mesa disponível. Subi as escadas, para ver se na parte de cima havia uma vazia. No canto direto, ao lado da janela, havia uma. Sentei-me, esperando Julian. Não demorou muito para ele chegar.

— Aqui está. Não sabia do que gostava, então, lhe trouxe um macchiato.

— É o que eu tomo. Obrigada, Julian.

— Trouxe uma torta de chocolate com morango e um cupcake.

— Está excelente. Nem precisava de tanto, estou sem fome. — Suspirei, tomando o primeiro gole.

— Gostou?

— É o melhor.

— Concordo. — Ele ficou pensativo. — Sara... — A frase ficou suspensa. Não queria conversar novamente. Estava cansada de tentar argumentar e dar justificativas. — Não me olhe dessa forma, Sara. Quero ajudar você.

— Agradeço, Julian, mas eu já te disse que não posso aceitar.

— Não pode ou não quer?

— Não posso. — Suspirei, pensando em uma maneira de dizer tudo aquilo para ele sem que me levasse à loucura.

— Diga-me. Dê-me uma razão, Sara.

— Conversamos ontem... Muito, mas, aparentemente, não foi suficiente.

— Estou quebrada, Julian. Não tenho perspectiva de vida nenhuma... Sofri todos os tipos de abusos que você possa imaginar. Não posso ficar no mesmo lugar por muito tempo sem que ele me encontre. Passei os últimos anos da

minha vida evitando ter qualquer contato com outra pessoa, para evitar colocá-la em risco. Não quero, não posso e não devo colocar você e Arnold em risco.

— Entendi tudo o que você me falou, mas cabe a mim decidir se estou disposto ou não a correr esse risco. É a minha decisão, sou eu quem decido, não você. — Pela primeira vez, vi-o falar sério.

— O homem que me manteve cativa é o seu cliente... Mister Dolson. — Ele me olhava, incrédulo.

— Por que não me disse nada?

— Não devo me envolver... Pelo contrário: preciso me manter distante.

— Arnold sabe disso?

— Sim, contei a ele no dia do jantar.

— Então, você não tem com o que se preocupar... Arnold vai colocá-lo na cadeia em questão de dias.

— Não estou disposta a dar queixa.

— Você não pode estar falando sério! Sua omissão é absurda! Vai deixar aquele canalha impune? Aquele homem não só separou vocês dois, como praticamente acabou com sua vida...

— Julian...

— Chega, não vou discutir com você.

— Você e o Arnold têm passado muito tempo juntos. — Peguei minha bolsa e levantei da cadeira. — Sobrevivi até hoje, sem ninguém para me dizer o que fazer e quando fazer. Obrigada pelo café, mas estou de saída. — Ele segurou minha mão e sorriu.

— Gosta de um escândalo, Sara? Porque não dou a mínima para isso. — Levantou e me pegou nas costas.

— Que diabos está fazendo, Julian? Coloque-me no chão! Agora!

— Não. Vou levá-la a um lugar onde você vai saber que seu problema é mais comum do que você possa imaginar. — Todos de dentro da cafeteria nos olhavam.

Quando chegamos na parte de baixo, os aplausos começaram. Julian parou e se curvou, agradecendo à multidão. Dava para ficar mais constrangedor? Estava morta de vergonha, sendo carregada por um ogro como se fosse um saco de batatas...

Capítulo 1!

Julian

Ela era tão teimosa quanto Fabiana, o que, para mim, não adiantava em nada: faria as coisas a minha maneira, de qualquer jeito. Corria o risco de ela me odiar por estar a fazendo passar aquela vergonha, no entanto, minha preocupação era com sua recuperação, e não se ela ia ou não ficar com raiva de mim - o que, para ela, era perda de tempo. Sempre acabava fazendo o que era certo... Resumindo: o que eu queria.

Quando cheguei ao carro, destravei as portas e a coloquei no chão.

— Bom, vou dizer o que vai ser agora... Eu vou colocá-la no carro, e, se você sair enquanto eu estiver fazendo a volta, eu a pego e coloco no porta-malas. Entendeu? — Estava me olhando de boca aberta. — Você entendeu?

— Você não pode fazer isso! Não vou com você a lugar algum.

— Eu posso, e eu vou. Agora, a pergunta é: aonde você vai? No banco, como uma menina comportada, ou no porta-malas, como uma mala sem alça?

— Absurdo! Você não tem esse direito!

— Como você quiser. — Apertei o botão que abria o porta-malas. Quando ela viu que a minha intenção era realmente de colocá-la lá dentro, redimiui-se.

— Tudo bem, eu já entendi! Estou entrando.

— Essa é a minha menina. — Ela tinha que aprender que eu sempre ganhava.

A minha intenção era de colocá-la junto com Fabiana. Eu tinha certeza de que, se havia alguém que poderia ajudá-la, essa era a baixinha marrenta. Aquela mulher tinha uma tenacidade absurda. Embora fosse minha amiga, aquela teimosia dela às vezes era irritante. No entanto, nem por isso gostava menos dela. Ela tinha eu e Zen no dedinho mindinho... Pelos dois, eu faria qualquer coisa - e, agora, Sara entrava na lista.

Tivemos um excelente final de semana. Conversamos sobre tudo o que aconteceu com ela - ou quase tudo. Ela estava decidida a ir trabalhar comigo. “Agora, da noite para o dia, as coisas mudam dessa maneira? De jeito nenhum!”, pensei. Não ia desistir assim, tão fácil.

— Onde vai me levar? — Estava ressentida; sua voz demonstrava isso.

— Em um lugar onde vão ensinar você a voltar a viver.

— Não preciso disso.

— Precisa e vai ter. — Teimosa e relutante.

Não me preocupava... Assim que ela visse meus sobrinhos e a vida que Fabiana tinha, perceberia que a vida dava voltas, que as pessoas mudavam e que era possível lutar para se recuperar e se livrar de traumas.

— Chegamos — disse, ao estacionar em frente à bela mansão dos Kahil.

— Uau! — Sim; a casa era impressionante.

— A Fabiana que projetou.

— Ela é engenheira?

— Não. Ela desenhou no papel como queria e o engenheiro fez a planta. Ela acompanhou a construção passo a passo... Deixou Zen e eu loucos no processo, porque, quando ele estava ocupado, ela me ligava e eu tinha que vir.

— Ela parece ter vocês todos na ponta dos dedos.

— Ela tem. Foi a primeira mulher, além da mama, a vir para nossas vidas. Ela é uma mulher incrível e de muita garra. Você vai adorar conhecê-la.

— Eu a vi apenas no hospital.

— É verdade, eu tinha esquecido... Bom, vamos entrar.

Em frente à casa havia coqueiros e um tanque iluminado. À noite, a água caía em cascata; era lindo de se ver. A casa era cercada por água. As paredes eram de vidro e as vigas de aço inoxidável. Nunca tinha visto nada tão bem elaborado e tão belo. Agora, eu só queria saber como ela ia dar conta de três crianças em volta de tanta água.

— Você parece distante.

— Não, pequena! Estava apenas apreciando. Todas as vezes que venho aqui, não deixo de me encantar pelo lugar.

— Posso entender... É magnífico.

— É, sim... Zen faria qualquer coisa por ela. Daria a ela o mundo, se pudesse.

— Ele deve amá-la muito.

— Ele a ama, mais do que um dia vi alguém amar outra pessoa.

— Fico feliz por eles. Isso é raro hoje em dia... — Senti um tom nostálgico em sua voz.

— Vamos entrar. — Ela me seguiu.

O barulho de criança chorando era a música da casa.

— Uau! Parece que alguém está com problemas.

— Ela está precisando de ajuda. Zen não acha ninguém de confiança para ajudá-los.

— Ele me convidou, porém, Arnold se opôs e ele acabou desistindo.

— Tenho certeza de que agora ele não vai negá-la.

— Não vou ficar.

— Deixa de ser boba! Ela está precisando de ajuda, e você também...

— Olá. — E lá estava a minha marrenta preferida.

— Ei, baixinha! Tudo bem? — cumprimentei-a, dando um beijo em sua testa.

— Não tão perto, Julian. — O cara era muito possessivo. Ele estava com o pequeno Zen no colo.

— Relaxa, homem! É você quem ela ama.

— Eu confio nela, não confio em você perto dela. — Aquilo, pela primeira vez, doeu.

Ele sempre me disse aquilo, e eu sempre soube que era brincadeira. No entanto, daquela vez, senti uma facada no peito. Olhei para Sara, que estava com os dois olhos bem abertos.

— Relaxa, Sara, ele está brincando. — E, pela primeira vez, fiquei sem jeito. Talvez fosse a minha consciência falando mais alto... Sei lá... Vai entender...

— Sara, deixe esses dois ogros aí e venha ver as crianças. Você veio para me ajudar, não é? Estou precisando de ajuda, e não confio em outra pessoa para ter perto dos meus filhos. — Ela podia teimar comigo, mas eu duvidava que pudesse com a Fabiana.

— Eu não sei, Fabiana. Não estou segura, e não quero trazer problemas para a sua casa...

— Estou sabendo do que aconteceu, Sara — disse, Zen a ela. — Arnold me ligou avisando. Quero te dizer que contratei uma equipe de segurança... Não há maneira de ele entrar no condomínio sem que eu seja avisado, ou passar pela

minha segurança.

— Não quero causar transtorno, não posso ficar. Entenda, doutor Kahil, é um perigo para sua família que eu tenho certeza que o senhor não vai querer correr.

— Quanto ao que eu estou disposto ou não, eu decido. Se quiser, o emprego é seu. Gostaria que ficasse e ajudasse, a minha rainha. — Quase ri da cara que ela fez.

Acho que ela não esperava o trio parada dura. Nós três éramos iguais nesse ponto: sempre fazíamos o que queríamos. Aquilo foi o que nos uniu, desde a faculdade. Ela agora estava em dúvida se ficava ou se ia embora. Aquela seria minha última tentativa; se ela não quisesse ser ajudada, nada a faria ficar.

— Por favor, Sara, ajude-me com as crianças. — A cara que a Fabiana fez foi hilária. Ela realmente estava desesperada.

— Não sei...Não acho...

— Bom... Já que você se decidiu, venha comigo. Vou mostrar o quarto que você poderá ficar. — Eu queria fazer a dança da vitória, mas me contive.

Sara ainda estava na dúvida, podia ver isso nela. Olhava para todo mundo, completamente perdida. Para ela, devia ser muito difícil essa acolhida; a confiança. O medo sempre falava mais alto, devido aos traumas. Porém, ela tinha que entender que as pessoas que estavam em sua volta queriam apenas ajudá-la.

— Tudo bem, eu vou te ajudar.

— Graças a Allah!

— Que maravilha! — Eu só podia imaginar o quanto estava sendo difícil para os dois.

— Onde está mama?

— Na ONG. Fabiana, não volta mais.

— Está falando sério? — perguntei, para ela.

— Sem chance! Quero cuidar dos meus filhos e preciso fazer isso em tempo integral. — Fiquei pasmo com aquela notícia.

— Como você conseguiu isso? — perguntei a ele, incrédulo.

— Não fui eu, foram as crianças. — Hilária: essa era a cara de Zen.

— Entendo...

— O que é, Julian? — perguntou ela, irritada.

— Nada, não...

— Desembucha.

— Nada, não... É que é você quem dá folga aos funcionários, não a que tira.
— Lembrei-a do dia do parto.

— Seu olhar era impagável; eram duas fendas. Achei que, se pudesse, avançaria em mim

— Que folga? — perguntou Zen, confuso.

— Ele sempre achou que eu deveria tirar umas férias quando estava grávida.

— Todos nós, minha rainha.

— Ah, não! Não era sobre isso que eu falava, Fabiana — comentei, louco para dar umas boas risadas. — Estava falando do dia em que você...

— Ah, sim, do dia em que dei folga para as moças da recepção. Pois é, achei que elas precisavam. — Agora eu havia chegado no limite: ela estava branca como papel.

— Então... Agora, que você tem Sara para te ajudar, não vai dar folga a ela, não é?

— Acredito que podemos combinar um dia de folga.

— Obrigada, Fabian. Espero ser digna de tamanha confiança.

— Você é, querida. — Agora, ela me fulminava com os olhos. — Então, Julian... Você não vai trabalhar hoje? — Eu sabia que ela estava com medo que eu ficasse e falasse para o Zen que ela deu folga aos funcionários no dia em que deu à luz. Aquele descuido dela fez com que ela tivesse os trigêmeos em casa.

— Não, estou bem aqui. — Sorri para ela e dei uma piscadela.

— Ah, claro. Vou subir com a Sara, para mostrar o quarto das crianças. — Ela veio até mim e simulou me dar um beijo, dizendo: — Se quiser manter suas bolas no lugar, não abra sua boca. — Encolhi apenas em ouvir sua ameaça

— Vou lembrar disso.

— Tenho certeza, querido. — Deu dois tapinhas em meu rosto, beijou ao Zen e subiu com Sara.

Quando as duas subiram com as crianças, Zen se sentou e ficou me encarando. Odiava quando ele fazia aquilo, parecia um pai pegando o filho fazendo arte.

— Que foi, Zen?

— Sente-se, quero conversar com você. — Claro que queria...

Eu tinha certeza de que Arnold tinha falado com ele. O que eu não entendia era: por que ele se dava o trabalho? Não foi ele mesmo quem disse para eu me afastar, porque ela tinha desgraçado a vida dele? Fui até o sofá e me sentei.

— O que faz com a Sara?

— Ela estava na rua quando a vi. Parei o carro e a trouxe para cá.

— Falou com o Arnold?

— Não. Depois do jantar, fui embora e desde então, não nos falamos mais. Por que a pergunta?

— Porque não estou entendendo...

— Estou perdido.

— Ele me ligou ontem, dizendo que os dois estavam juntos, e hoje você aparece aqui com ela. — Não acreditava... Não depois de tudo o que ele havia me dito.

— Zen, ele me disse para ficar longe dela. Falou que ela tinha desgraçado a vida dele... Hoje, quando a encontrei, tive que colocá-la força no carro. Ela não queria falar comigo, não queria vir aqui. Eu realmente a forcei.

— Agora eu que estou confuso.

— Uma merda que eles estão juntos! — disse, levantando-me do sofá. — Ele contratou duas garotas de programa e transou com elas na frente de Sara... Desde que essa moça foi trabalhar para ele, ele a tem humilhado de maneira que nunca imaginei que seria capaz.

— Você está apaixonado por ela? — perguntou, incrédulo.

— Não! — Eu estava? Achava que não. — Não sei... Talvez interessado em ajudá-la...? — A resposta saiu como uma pergunta.

— Você está. Se envolveu com ela. — Passei as duas mãos no rosto, não querendo acreditar naquilo.

— Isso é uma loucura, Zen. Estou apenas tentando ajudá-la.

— Certo... E pretende fazer isso mentindo para você mesmo?

— Não estou envolvido com ela, nunca a... — Eu a havia tocado; aliás, quase a tinha beijado.

— Isso é uma grande confusão. Somos amigos, quase irmãos.

— Não me dê lição de moral, Zen. Foi ele quem a deixou, humilhou e ainda a trata com desprezo. É como se ela fosse um lixo...

— Nunca vi o Arnold, tratar alguém da forma que você acabou de descrever.

— Juro por Deus! Eu também nunca vi, e foi exatamente isso que me aproximou dela.

— Não justifica...

— Não me julgue, Zen.

— Não estou julgando você, estou tentando entender o que aconteceu de ontem para hoje.

— Não sei. Quando perguntei, ela disse que não queria falar do Arnold.

— Ele a ama, Julian. Me disse isso ontem, ao telefone.

— Ele faz isso de uma forma errada! Humilhar essa mulher não é demonstração de amor. — Aquilo não podia estar acontecendo...

Jamais tinha imaginado que o Arnold, meu melhor amigo, ainda a amava. Eu enganei a minha mesmo o final de semana inteiro!

— Por que ele não me disse nada? Por que me manteve no escuro esse tempo todo, Zen?

— Eu não sei, Julian... Ele me falou dela no dia do meu casamento. Depois disso, apenas na clínica, quando a viu.

— Isso não poderia estar acontecendo... — Estava atormentado.

— Olha, deixe-a aqui. Evite vê-la ou...

— O quê? — Ele deu de ombros.

— Vocês sempre dividiram as mulheres... — Deu de ombro novamente.

Fiquei pasmo com aquela alternativa. Uma coisa era dividir uma vagabunda; outra era dividir minha mulher. Será que ele não via a diferença?

— Nunca! — Gritei, me levantando do sofá.

— Acalme-se, homem. Foi apenas uma ideia.

— Uma ideia? Se eu estivesse apaixonado pela Fabiana, você iria me propor

algo assim?

— Se você ousar colocar minha mulher em outra conversa como essa novamente, corto relações com você! — Agora ele estava furioso.

— Pois é exatamente assim que eu me sinto, porra! Você quer que eu compartilhe a mulher por quem estou apaixonado? Você não consegue diferenciar uma situação da outra?

— Eu não sei, Julian! Nunca dividi mulher minha, estou apenas tentando achar uma solução.

— Não foi uma boa ideia.

— Tudo bem. — Ficou calado.

Minha cabeça parecia que ia explodir. De todas as coisas que poderia acontecer, aquela era a que eu menos esperava. Jamais feriria algum dos dois me envolvendo com a mulher que eles amavam.

— Estou perdido. — Nunca passou pela minha cabeça que Arnold ainda a amava.

— Acalme-se. Vocês vão encontrar uma maneira de sair dessa situação.

— Vou pegar a mala dela no carro... — Saí daquela sala, parecendo louco.

O que diabos eu faria agora? Como eu iria sair daquela situação? Eu perderia, sem dúvida nenhuma. Ele a amava, ela o amava... Onde eu ficaria naquela história? Como um step? Nunca!

Tirei suas coisas do carro e levei para dentro. Não voltei a vê-la. Precisava colocar minha cabeça em ordem e saber exatamente como agir. Não poderia estragar uma amizade verdadeira de anos por causa de uma mulher, mesmo que ela fosse a mulher por quem eu estava apaixonado.

Fabiana

Gostei de Sara logo de cara. Ela era uma mulher linda de tirar o fôlego. Minha sogra achava que se parecia comigo... Observando-a agora, podia dizer que tínhamos algumas similaridades.

Ela tinha muito jeito com crianças; era de um carinho e uma calma muito grande, porém, mesmo com tanto jeito, havia algo nela que me perturbava: tinha olhos sombrios. Eu não iria desistir até saber o que havia por trás daquilo.

Depois de uma semana, criamos uma certa intimidade, afinal de contas, eu confiava nela para cuidar dos meus filhos. Foi de grande ajuda e finalmente pude descansar um pouco. Zen voltou a trabalhar naquela semana.

Comecei a tentar falar com ela aos poucos, perguntando de sua família, se tinha irmãos ou algum parente próximo... Ela apenas respondia: sim ou não. Não se abriu comigo. Estava morta de curiosidade e sabia que algo muito ruim havia acontecido a ela.

Zen me contou por cima que ela havia passado pela ONG e que era conhecida de Arnold. Fiz várias perguntas a ele, mas se esquivou de todas elas e, por fim, disse que eu teria que perguntar para Sara. Odiei aquilo, mas entendia sua posição... Se aquilo envolvia seus amigos, ele não abriria a boca.

Ela tinha acabado de dar banho nas crianças, e eu de amamentar, quando voltei a questioná-la.

— Sara, você veio do mesmo estado que Arnold? — Estava organizando o quarto das crianças. Não olhei para ela.

— Sim. — Ela continuava fazendo a organização.

— Vocês se conheciam antes?

— Sim. — Ah! Aquilo já estava me irritando.

— Sara, vamos lá para baixo. Precisamos aproveitar que eles estão dormindo e comer algo.

— Claro.

Descemos juntas e fomos direto para a cozinha. Bah estava preparando o jantar. Ela não gostava de mim, no entanto, nós mantínhamos o respeito. Eu não a provocava, e nem ela a mim, afinal, ela era funcionária da Alima, não minha.

Tínhamos mais três funcionárias para ajudar na casa. De primeiro, eu fui relutante, achava um exagero. Agora, sabia o quanto era necessário.

— Sente-se, Sara. Vou fazer algo para nós comermos.

— Deixe eu te ajudar.

— Não. Você se senta e eu pego a comida. — Fui até a geladeira e peguei tudo o que precisaríamos para um lanche antes do almoço. — Bom... — disse, depois de tudo posto na mesa. —... Acho que o suficiente para um lanche.

— Mais que suficiente. — Ela se serviu de um copo de café e tomou.

— Sara, eu não sei se contaram a você que sou a fundadora da ONG que

você esteve. — Parou a xícara a meio caminho da boca.

— Não. Eu não sabia, achei que apenas Dr. Kahil estivesse envolvido.

— Não. Minha ONG tem uma parceria com os médicos da clínica.

— Eu sabia da parceria, não que você era fundadora.

— Então... — Iria direto ao ponto, odiava rodeios. — Fundei a ONG devido ao que aconteceu comigo no passado. Fui abusada, espancada e largada em uma casa por dias. Depois, me enviaram a uma clínica clandestina, onde meu tratamento foi negligenciado. Só depois foi que me enviaram para um hospital de verdade.

— Por que está me contando isso?

— Porque só há um motivo para você ter estado lá. Você foi abusada, como eu fui. — Ela ficou branca como papel. — Não se sinta envergonhada. Sei bem como você se sente. Primeiro, você se sente culpada; depois, com vergonha; se isola; depois, acha que todos querem algo de você e, por último, vem a omissão.

— Fabiana, é complicado.

— Eu sei, estive lá. Não é fácil confiar, não é fácil achar que existem pessoas que querem ajudar... E o principal: não é fácil voltar a amar. Zen teve uma paciência enorme comigo... Hoje sou grata a ele, por tudo que fez por mim.

— É difícil, Fabiana. Fui abusada não apenas uma vez, mas várias, por vários anos. Todos os dias meu corpo era usado e machucado. Tento voltar a viver, mas não vejo nenhum sentido em lutar.

— Eu também não via, mas, veja, eu também estava sozinha. Sem família, amigos ou um lar... Zen era a única pessoa próxima e que me estendeu a mão.

— Estou perdida. Não sei o que fazer e como agir. — Começou a chorar. Partiu-me o coração ao ver.

— Você precisa de justiça, lavamos a alma com isso. Preste queixa! A pessoa que fez isso a você vai prestar conta com a justiça e pagar pelo que fez.

— Eu tenho medo de ele vir atrás de mim... Ele vai matar todos que eu conheço para conseguir isso.

— Então, evite que vidas sejam perdidas: denuncie.

— Estou apavorada. — Coloquei a minha mão na sua e apertei.

— Vou estar ao seu lado, vou ajudar você. Temos médicos, advogados e dinheiro. Vai ficar tudo bem.

Ela se levantou, veio ao meu lado, abraçou-me e chorou. Eu, como uma perfeita manteiga derretida, chorei junto. Vivi aquilo, sabia em primeira mão o quanto era ruim aquela situação... Eu a ajudaria, porque era o meu dever, como ser humano e como mulher.

Na semana seguinte à nossa conversa, comecei a pensar que talvez minha ajuda não fosse suficiente. Ela precisava do apoio de um profissional. Insisti várias vezes para ela prestar queixa, mas sempre se negava. Apesar de ficar irritada, eu teria que respeitar. Agiria com ela da mesma forma que Zen agiu comigo: com cuidado, carinho e muito respeito por sua dor. Ainda sim, eu queria tentar...

— Sara.

— Sim?

— Mesmo você trabalhando aqui, pode ter o apoio da Female.

— Não entendi...

— Um psicólogo. Não quer conversar e falar do que aconteceu com ele?

— Não. Eu estou bem. — Ela estava relutante. Não podia culpá-la; também fui relutante.

— Tem certeza? Ajudaria muito ter um profissional te orientando.

— Tenho, sim. Não quero ajuda profissional. — Deixei aquela conversa para outra hora.

— Vou me deitar... Se precisar de mim, me chame.

— Bom descanso.

— Obrigada.

Entreí no meu quarto me sentindo derrotada. Como eu gostaria de ajudá-la!

— Olá, minha rainha. — Era impressionante! Depois de quase seis anos de casados, sua voz ainda me deixava excitada.

— Olá, amor. Como foi seu dia? — Subi na cama para beijá-lo.

— Interessante...

— O quê?

— Sua recepção. — Sorriu gostoso.

— Você achou? — Coloquei meu corpo sobre o dele e comecei a beijá-lo a sério.

— Vamos parar por aqui, certo? — Controlado... Sempre controlado.

— Tem certeza? — perguntei, mordendo seu pescoço.

— Absoluta. Você não pode fazer sexo ainda.

— Sabe de uma coisa?

— Hm?

— Acho que vamos parar nos três. A quarentena está me matando. Ele caiu na gargalhada. Foi tão contagiante que acabei rindo com ele.

— Me sinto o homem mais realizado desse mundo. Então, se você quer somente os três, eu estou de acordo.

— Certo... Agora, podemos fazer sexo?

— Você é inacreditável.

— Você é culpado. — Deitou-me ao seu lado e me abraçou.

Fim da conversa; nada de sexo. Apesar de estar louca de tesão, eu entendia e teria que esperar. Porém, não por muito tempo... Em breve, me fartaria naquele corpo.

Sara

Eu entendia a preocupação de Fabiana, e não discordava. Precisava apenas de tempo para amadurecer a ideia. Era difícil, para mim, estar na frente de pessoas completamente desconhecidas e me abrir. Falar sobre o que aconteceu era reviver tudo o que passei... Não seria fácil. Queria muito poder contar com Arnold... Conversar sobre os meus medos, sobre minhas angústias e dúvidas...

Mais uma vez o destino me afastava do homem que eu amava. Primeiro, sem o meu consentimento; agora, por vontade própria. Deixei meu medo levar a melhor. Falei coisas horríveis para ele, e apostava que ele nunca mais iria querer me ver.

À medida em que o tempo ia passando, mais à vontade eu me sentia perto dos Kahil. Fabiana era uma pessoa de fácil convívio. Zen era um homem incrível e muito perspicaz. Todas as vezes que Julian ia lá, ele me avaliava. Deixava-me constrangida de uma maneira que nem sabia explicar. Jamais me envolveria com Julian... Não que ele não fosse digno, mas porque o meu coração pertencia a Arnold.

— Pela primeira vez desde que as crianças nasceram, não ouço o choro delas.

— Você nem bem chegou e já começou com as piadas? — Definitivamente, Fabiana era a única que dava conta do Julian.

— Olá para você, também, marrenta.

— Oi, e já volto. — Foi para a cozinha, revirando os olhos.

— Como você está, Sara? — Aproximou-se e me deu um beijo no rosto.

— Estou bem, e você?

— Bem, também.

— Que bom. — Sem saber o que dizer, comecei a juntar as coisas das crianças, que estavam espalhadas.

— Quando é sua folga?

— Não sei. Não conversamos sobre isso, ainda.

— Pensou sobre a queixa? — Suspirando, parei o que estava fazendo e o encarei.

— Sim... Eu vou dar a queixa.

— Que maravilha! Porra! Estou feliz com sua decisão, Sara. — O abraço que me deu me deixou sem fôlego.

— Eu preciso respirar, Julian!

— Desculpe... Você não tem ideia do quanto estou feliz por você.

— Vai ficar tudo bem, Sara.

— Espero que sim, Julian. Estou com medo e insegura.

— Não fique... Arnold vai acabar com ele.

— Não sei se ele vai querer ser meu advogado. — Pensar que ele não estaria comigo me fazia querer desistir.

— Claro que sim. Ele é advogado da minha família. Agora, me dê um abraço. Estou feliz por você ter se decidido. — Abracei Fabiana.

Naquele abraço, tentei expressar tudo o que sentia por ela e o quanto era grata por sua ajuda. Jamais teria conseguido sozinha. Ela se tornou uma grande amiga. Conversava pouco com ela, mas o suficiente para dizer coisas que, para mim, eram de suma importância. Cheguei a comentar com ela sobre a festinha de Arnold. Não entrei em detalhes sobre a nossa relação... Não porque não

confiava nela, mas porque me fazia mal.

— Obrigada por tudo, Fabiana. — Ela sabia que meu agradecimento era muito mais do que meras palavras.

— Eu que tenho que agradecer. Você fez mais por mim do que eu por você.

— Precisamos comemorar!

— Comemorar o quê?

— Amor! Sara resolveu dar queixa! Não é maravilhoso?

— Parabéns, Sara. Quero que saiba que você terá todo o nosso apoio.

— Obrigada, Zen. Estou nervosa, mas decidida.

— É normal, querida. O primeiro passo, e o mais importante, você já deu. O resto vai vir naturalmente. Você vai conseguir superar o medo e a insegurança.

— Então...Vamos comemorar?

— Você não pode beber, minha rainha.

— Eu agradeço, mas prefiro não comemorar. — Sabia que estava sendo estraga-prazeres, mas, sem Arnold ali, aquilo não fazia nenhum sentido para mim.

— Tudo bem... Então, podemos ao menos pedir uma pizza? Estou morrendo de fome.

— Quando você não está, Julian?

— Você anda muito má comigo, Bia.

— Eu sou tão boazinha! Quase um doce — disse, piscando os olhos para ele.

Zen caiu na gargalhada. Não pude deixar de sorrir. Definitivamente, os dois juntos formavam uma dupla infalível. Julian pediu a pizza e nós fomos jantar. Alima e Filipe chegaram para jantar conosco. Há muito tempo eu não tinha uma confraternização em família. Apesar de não ser a minha, era assim que eu me sentia. A única pessoa que faltava era Arnold - e também era de quem eu sentia mais falta.

Todos os dias eu pensava em ligar para ele, e todos os dias eu me acovardava. O medo que eu tinha de ser rejeitada por ele era enorme. Não sabia se podia lidar com aquilo. Definitivamente, não queria testar os limites. Dei a ele o espaço que ele precisava... Não podia culpá-lo. Fui dura e cruel na nossa despedida.

O mês passou, e, com ele, minha sanidade. Estava ao ponto da loucura, sem saber nada sobre ele... Se estava bem, se estava se alimentando corretamente, se sua roupa estava sendo enviada para a lavanderia... Todos esses pequenos detalhes, mas que, para mim, se tornaram significantes. Desejava cuidar dele, cuidar de suas coisas, arrumar sua casa, fazer sua comida. Não sabia o quanto mais aguentaria daquela distância. Nada para mim fazia sentido se ele não estivesse ao meu lado.

Capítulo 10

Arnold

Entrar em casa depois de um dia longo de trabalho e não encontrá-la era meu mais novo pesadelo. Fiquei com ela uma semana em casa e já havia me acostumado com a sua presença. Era horrível saber que ela estava tão perto e, ao mesmo tempo, tão longe. Eu ligava todos os dias para o Zen, para saber dela. Soube por ele que ela estava lá e que Julian a tinha levado. Eu e ele estávamos em uma relação estritamente profissional. Nunca imaginei que nossa amizade ficaria daquela maneira. Precisávamos conversar; eu só não sabia por onde começar. Meu celular tocou assim que servi o primeiro copo de uísque. Quando olhei no visor e vi o número da casa do Zen, meu coração acelerou. Com o pensamento de que poderia ser ela, atendi o celular, esperançoso.

— Alô?

— Arnold? Sou eu, Fabiana. — Era a última pessoa com que eu gostaria de falar.

— Oi, Fabiana. Tudo bem?

— Tudo, sim. E você?

— Bem, obrigado. — Não sabia mais o que dizer...

— Sara aceitou abrir o boletim de ocorrência. — Fechei meus olhos, aliviado pela decisão que ela tomou.

Finalmente teríamos justiça pelo que foi feito a ela e a nós.

— Estou indo aí. — Estava há dias louco para falar com ela.

— Não!

— Como não? — Não gostei daquilo, mas tinha que respeitar, afinal, era a casa dela.

— Escute o que vou dizer a você, Arnold.

— Estou ouvindo — respondi, irritado.

— Sara é o tipo de mulher que não se deixa levar. Ela é forte e decidida. Ninguém consegue fazê-la mudar de ideia.

— Não estou conseguindo acompanhar.

— Ela precisa de espaço, sem cobranças. Ainda está insegura e com muito

medo... Acho que o mais sensato nesse momento é deixá-la sozinha, para que ela possa colocar os pensamentos em ordem.

— Não consigo aceitar isso. — Odiava ficar longe dela, ainda mais quando eu tinha certeza de que precisava de mim.

— Entendo você perfeitamente. Estive ao lado dela, tentando convencê-la de todas as formas a procurar ajuda profissional. Na verdade, minha conversa com ela foi mais um monólogo. Ela mal me respondia.

— Mas ela precisa

— Sabemos disso, mas ela está irredutível.

— O que posso fazer? — Faria qualquer coisa para ajudá-la.

— Bom... É por isso que estou te ligando. Falei com o Zen, ele quer que você a acompanhe.

— Não precisava nem pedir.

— Imaginei isso. Mas, veja, ela ainda não decidiu quando... Por isso, acho que você não deve vir agora. Vamos esperar ela marcar um dia para que você possa falar com ela como proceder.

— Entendo...

— É difícil para ela, Arnold. Eu a entendo perfeitamente. Falar sobre tudo o que aconteceu é como voltar a viver a situação. Conseguimos sentir a dor, o pânico e o asco da situação.

— Ele vai pagar, Fabiana. Por Deus, eu juro que vai.

— Me corta o coração vê-la nessa situação... Quando ela nos disse que daria a queixa, não quis nem comemorar. Ela está fechada e arredia, não permite que ninguém se aproxime.

— Merda!

— Bom, só queria deixar você a par da situação... Preciso ver meus filhos.

— Obrigado, Fabiana.

— Até mais, Arnold.

— Até. — Tentei aceitar tudo o que a Fabiana me disse e me mantive longe.

Os meus dias eram cansativos e minhas noites longas. Cada dia que eu passava longe dela era uma tormenta. Três meses! Três malditos meses! Dei a ela o tempo que precisava, no entanto, aquilo era demais.

Todos os dias eu elaborava algo para fazer, todos os dias eu reunia coragem

para vê-la - e todos os dias eu desistia. Sempre pensando em seu bem-estar... Aceitei o que Fabiana me dizia e agi como ela me instruía. Pelo Zen, soube que ela tinha melhorado - e muito. Estava menos apreensiva e mais receptiva. Odiava aquela situação de correio. Usar o meu amigo para conseguir notícias da minha mulher era uma situação que eu não desejava para ninguém.

O detetive que contratei não encontrou nada que pudesse incriminar o Dolson. A única chance que tínhamos era o boletim de ocorrência que Sara iria fazer. Passei horas falando com Fabiana ao telefone, instruindo-a da melhor maneira possível. As leis da Califórnia eram diferentes das do Brasil. Aqui o Dolson pegaria prisão perpétua pelos crimes cometidos contra Sara e não haveria condicional para ele.

Depois de muita conversa e persuasão, ela finalmente aceitou marcar uma data. Fiquei muito feliz ao receber aquela notícia... Finalmente eu a veria. Como advogado da família Kahil, eu a representaria. Porém, como exigido por Fabiana, manteria minha postura de profissional. Como ela mesmo disse: sem pressionar.

Iniciaria o processo o mais rápido possível e colocaria aquele desgraçado na cadeia o quanto antes, nem que eu gastasse até o meu último centavo, nem que eu usasse todos os recursos que tinha, nem que eu ficasse devendo favores para todos os conhecidos... Mas aquele homem passaria o resto da vida apodrecendo na cadeia.

Peguei o carro e fui em direção à mansão Kahil. Minha casa para a de Zen era numa distância de poucos quarteirões. Estacionei o carro na frente da casa e desci. Meu coração parecia sair pela boca. A sensação era a mesma do dia do nosso casamento. Entrei na sala e a vi. Ela estava nervosa...

Podia ver o quanto estava pálida. Queria poder abraçá-la e beijá-la, porém, não o faria: tinha prometido para Fabiana que a trataria como cliente.

— Boa tarde. — Ouvi um coro de “boa tarde”.

— Você está pronta, mistress Collins? — Falar com ela formalmente era uma merda.

— Estou. — Mentira! Podia ver o quanto ela estava desesperada.

— Bom, saiba que você terá o tempo que precisar. Não há necessidade de ficar insegura, estarei ao seu lado para ajudá-la caso haja alguma dúvida. Você fará exame de corpo de delito e eles irão tirar fotos de suas cicatrizes para constar nos autos do processo.

— Ok.

— Alguma pergunta?

— Será um homem ou mulher?

— Será um delegado. Não quero que sinta vergonha, você foi vítima de uma atrocidade. Não teve culpa de nada.

— Acho que não posso lidar com isso. — Eu ia responder, porém, fui interrompido pelo Julian, que acabara de chegar.

— Você precisa ter coragem, querida. Precisamos colocar aquele homem atrás das grades. Pensa em quantas mulheres passaram pelo que você passou e, infelizmente, não tiveram a sorte que você teve de ficar livre.

— Estou com medo, Julian. — A forma como ele a olhava me disse mais do que desejei saber.

— Acalme-se, homem — pediu-me Zen.

— Você sabia. — Não foi uma pergunta.

— Soube no dia em que ele a trouxe. — Olhei para o meu melhor amigo, sentindo-me traído.

— Foi conivente com isso? — perguntei, incrédulo.

— Escute, Arnold...

— Me escute você! Você sabia que eu a amava, sabia que tínhamos ficados juntos... Sua mulher me pediu para que desse a ela espaço, no entanto, o queridinho dela podia vir todos os dias, não é mesmo?

— Está passando dos limites.

— Claro, Zen. Você vai dar razão, mesmo ela não tendo, não é mesmo?

— Meu amigo, por favor!

— Não me chame de amigo, Zen. — Aquilo me quebrou. Tudo o que eu conhecia como família havia sido arruinado.

— Arnold, por favor, tente entender meu lado!

— Seu lado? Você só pode estar de brincadeira.

— Não está sendo justo! Avisei a ele que isso não daria certo.

— Estou indo embora, Zen. Vocês vão ter que contratar outro advogado para ajudá-la. — Virei as costas. Estava indo em direção à porta quando ela me chamou.

— Onde vai, Arnold? Não vai me acompanhar?

— Acredito que você não precise dos meus serviços, mistress Collins. Boa sorte.

— Arnold, o que aconteceu? Por favor! Eu preciso de você, não vou conseguir fazer isso sozinha. — Olhei para Julian, que nos observava como um falcão.

— Você não precisa de mim.

— Isso não é verdade! Eu preciso de você, sempre precisei.

— Não posso, Sara.

— Você prometeu, disse que seria meu infinito... Não me abandone. — Fui até ela e enxuguei suas lágrimas. — Amo você, Arnold. Sempre amei. — Não aguentei mais: puxei-a para mim e a beijei.

Ela colocou seus braços em volta do meu pescoço e aprofundou o beijo. Eu não esperava aquela reação dela. Ao longe, ouvi um suspiro desesperado; podia apostar que era de Julian. Aquilo não foi certo... Ele sabia que tínhamos uma história: ela era minha, sempre foi e sempre seria. Terminamos o beijo e ficamos de testa colada.

— Eu te amo.

— Eu também te amo.

— Arnold... — Olhei para Zen, o homem que um dia chamei de amigo.

— Não, Zen. Estou sozinho. — Voltei a olhar para ela novamente.

— Podemos ir?

— Escute, por favor!

— Não quero ouvir mais. Se coloque em meu lugar, você quase esteve lá! Lembra? Eu me lembro... Deixou todos aqui loucos para poder voltar... Você lembra onde eu estive? Ao seu lado, Zen!

— Não faça isso, amigo! Você é como um irmão para mim.

— Você não soube dar valor, Zen. Ela é o meu mundo, como a Fabiana é o seu. Vocês se uniram para tirar ela de mim... Não vou perdoá-lo, Zen. Nunca!

— Arnold, o que está acontecendo?

— Não é nada, amor. Vamos à delegacia, podemos conversar no caminho.

— Arnold, precisamos conversar. — Aquele era meu irmão, amigo de festa, de farra, meu companheiro de trabalho, meu sócio, minha família...

— Sara, nos dê licença, por favor.

— Está tudo bem, Arnold?

— Não muito, mas vai ficar. — Esperei que ela saísse e olhei para Julian. —
Fale.

— Precisamos conversar.

— Agora?

— Você me disse para ficar longe dela, porque ela tinha acabado com sua vida... Você a humilhou, a tratou mal... O que você queria que eu pensasse?

— Que ficasse longe. Não era para pensar, era para se afastar.

— Não foi assim, Arnold. Aconteceu, cara.

— Não me venha com essa, Julian! Ela é minha! Sempre foi, e vai ser sempre...

— Eu entendi, Arnold. Nunca a toquei.

— Nunca fez porque aposto que ela nunca deu espaço.

— Vamos com calma, Arnold. Não quero perder sua amizade.

— Tarde demais, Julian. Estou decepcionado com você e com o Zen.

— Não faça isso! Vamos conversar e tentar achar uma solução,

— Arnold. Julian acabou de dizer que nunca avançou. Não podemos controlar o coração, essas coisas acontecem.

— Queria ver se fosse com você. Ele apaixonado pela Fabiana... Eu duvido que você estaria aqui, agora, tendo essa conversa.

— Essa comparação está começando a me irritar.

— Imagina como eu estou me sentindo...

— Somos amigos, Arnold. Por favor, repense sua decisão.

— Não a toquei, Arnold! — Ele estava sofrendo.

Pela primeira vez na vida, estava vendo Julian sofrer por uma mulher... O pior daquela situação era que a mulher por quem ele sofria era a minha mulher.

— Mas quis, teve a intenção. — Com essa, ele não disse nada. Não precisava; eu tinha visto na minha casa. — Estamos atrasados, preciso levá-la.

— Por favor, Arnold!

— Deixe ele, Julian. Nada do que você disser agora vai fazê-lo mudar de ideia. — Saí de perto dos dois e fui até ela.

— Vamos, Sara. Estamos atrasados. — Olhei para a Fabiana, e saí.

Não sabia o que pensar ou como resolver aquela situação. Estava chocado e chateado com tudo aquilo, para não falar decepcionado. Nunca esperei aquilo de Zen... Foi conivente, aceitou que Fabiana me mantivesse longe da Sara. Não era à toa que não gostava dela.

— Arnold, você parece chateado. Está tudo bem?

— Entre, pequena. Vamos conversar sobre isso depois. — Fechei a porta do carro e dei a volta para entrar.

A caminho da delegacia, queria ficar calado, para pôr meus pensamentos em ordem. Não queria colocá-la em uma situação desconfortável, e, também, não era o momento para termos aquela conversa. Estava decido a lutar por ela e sabia como fazer, porque a conhecia desde que ela tinha quinze anos.

Coloquei a música do U2, porque sabia que ela gostava. Escolhi “Unchained Melody”. A música dizia tudo o que eu queria falar e saber. Pelo canto do olho, pude ver que ela tinha um pequeno sorriso nos lábios. Balancei a cabeça, concordando. Então, era isso: eu a reconquistaria... Fiz uma vez e faria novamente.

Fomos até a delegacia ouvindo todas as músicas que ela gostava. Tentei deixá-la o mais confortável e, tranquila possível. Sabia que uma maratona como aquela seria muito difícil e intensa para ela, então, resolvi não dizer nada. Não era o melhor momento para abordar aquele assunto.

Passamos um dia frustrante. Ela chorou durante todo o depoimento. Como seu advogado, tive que me segurar, porém, por dentro, estava tão quebrado quanto ela. Ouvir tudo o que foi feito com ela, em tantos detalhes, foi horrível. No exame de corpo de delito, ela exigiu que fosse uma legista. Eles entenderam a situação e chamaram por uma.

O processo correria o mais rápido possível. Claro que isso só era possível porque tínhamos todos os dados e sabíamos onde encontrar o desgraçado. Agora, estava na mão da justiça. Era diferente do Brasil; não ia ser tão rápido como o de Fabiana foi, porém, a pena seria a máxima, o que no Brasil não ocorreria. Os culpados pelo que fizeram com Fabiana pegaram no máximo 20 anos de cadeia. Ao que tudo indicava, não ficariam mais de cinco anos presos.

Achei aquela sentença absurda! Um desgraçado como aqueles teria que ficar no mínimo vinte anos - o que aconteceria com Dolson na Califórnia. Claro que não terminava ali... Teria que passar pelo longo processo no julgamento, no entanto, o pior ela já havia feito.

— Como você está?

— Exausta. — E muito abatida, também.

— O pior já passou. — Ele concordou, acenando.

Tentei pensar em algo que pudesse fazer por ela... Terminar o dia de uma maneira mais leve seria muito bom.

— Está com fome? Você mal comeu.

— Estou sem fome. — Lembrei-me quando a Fabiana disse que seus diálogos era um monólogo.

— O que acha de terminamos o dia tomando um vinho e ouvindo uma boa música?

— Pode ser — concordei. Levei-a para um restaurante em que gostava muito de ir.

O lugar era sofisticado. Tinha uma comida e atendimento excelente. Entramos, e a maîtresse nos levou a uma mesa. Uma música clássica tocava, fazendo com que o ambiente se tornasse aconchegante.

— O que vai querer tomar? — perguntei, assim que nos trouxeram a carta de vinhos.

— Não conheço muito de vinhos, você pode escolher. — Uma mancada: esqueci-me que ela não bebia.

— Prefere champanhe?

— Vamos comemorar o quê?

— Seu recomeço, sua liberdade e a justiça que você vai ter.

— Tudo bem — disse ela, com um pequeno sorriso.

Chamei o garçom e fiz o pedido da bebida e um tira-gosto. Ela não podia ficar sem comer, ainda mais bebendo. A bebida foi servida e eu peguei minha taça, levantando em direção a ela.

— A você. — Brindamos um novo começo.

— Arnold, o que foi aquela discussão entre você, Zen e Julian? —

Não queria falar sobre aquele assunto com ela.

— Um mal-entendido entre amigos.

— Não aconteceu nada. — Então, ela sabia.

— Deixa para lá, Sara. Não quero falar sobre isso.

— Eu quero falar.

— Sara, por favor!

— Nunca houve nada entre nós, Arnold.

— Não foi o que eu vi na minha casa. Ele quase beijou você, e teria feito se a campainha não tivesse tocado. — Corou e baixou os olhos.

Aparentemente, nenhum dos dois sabia que eu tinha visto a cena. Eu vi, e

aquilo me matou.

— Vocês passaram um final de semana juntos. — Sentia um gosto amargo todas as vezes que pensava naquele fim de semana.

— Fomos a uma vinícola, e, depois, para Santa Cruz.

— Ficaram juntos?

— Nunca houve nada.

— Como disse antes, não quero falar sobre isso.

— Vai duvidar de mim e de seu amigo? Acha que traímos você?

— Você está aqui. Se eu achasse que vocês tiveram algo, esse jantar não estaria acontecendo.

— Então, por que discutiu com eles?

— Coisas de homens. Por que não paramos com essa conversa e falamos sobre outras coisas?

— Sobre o que quer falar?

— Sobre você. O que vai fazer agora?

— Não sei...

— Por que não volta a estudar? Você sempre quis fazer arquitetura.

— Não tenho dinheiro para isso. Perdi tudo o que eu tinha para aquele monstro. — Teria se ficasse comigo...

— Posso ajudar você.

— Você vai? — Ela ainda duvidava daquilo?

Não tinha como ir devagar; tinha que ir com tudo, odiava ficar pisando em ovos para tomar posse daquilo que era meu.

— Chegou o momento de falarmos de nós dois.

Eu tinha planos para ir devagar, de tentar te reconquistar... No entanto, eu não preciso esperar para fazer isso. Posso fazer isso mesmo você ficando comigo. Quero isso, Sara. Quero você na minha vida, como minha amiga, companheira e esposa.

— Tenho medo que não dê certo, Arnold.

— Você me quer? Quer estar comigo?

— Eu quero. Sempre quis você, Arnold, isso nunca mudou. Só não sei como as coisas vão ser... Estou quebrada, tentando me levantar... Só que tem dias que

parece ser tão difícil!

— Quero estar ao seu lado... Quero te dar carinho quando você se sentir abandonada, quero te dar conforto quando você estiver com medo, quero te amar, te mimar... Quero dar o mundo a você, Sara.

— Estou com medo de tudo acabar. Não sei se algum dia vou voltar a ser aquela mulher por quem você se apaixonou. — Levantei-me e sentei ao seu lado. Peguei em sua mão, e, olhando em seus olhos, falei tudo o que sentia por ela.

— Durante todo o colegial observei você. Fui relutante em me aproximar, porque sabia que em breve iria para a faculdade. No dia em que a vi sentada na grama, não me segurei e me aproximei. O que me fez apaixonar por você não foi seu corpo, ou seus olhos... Foi sua simplicidade, sua ingenuidade, seu carisma, sua força e, principalmente, seu caráter. Não me importo que você esteja quebrada, eu vou juntar os seus pedaços. Se você cair, eu vou te levantar. Se você se afogar, serei seu sopro de vida. Se estiver com medo, vou abraçar e te mostrar o quanto você está segura.

— Eu te amo tanto... — Aproximou-se e me beijou.

Aquele não era o lugar certo para uns amassos. O restaurante estava lotado naquela hora. Relutante, me afastei dela.

— Princesa, estamos em um lugar público.

— Preciso de você, Arnold. Preciso agora de você. — Gemi em completo desespero.

— Sara, não faça isso comigo...

— Agora... Faça amor comigo, fique comigo.

— Se eu levar você para minha casa, você não vai sair de lá. —

— Observei sua reação.

— Vou poder continuar ajudando Fabiana? — Trinquei o maxilar ao pensar naquela possibilidade. — Confie em mim, Arnold — disse, colocando as duas mãos no meu rosto.

— Eu confio em você, o problema é que minha confiança nele foi abalada.

— Então, acredite quando digo que nada vai acontecer. — Deus! Como aquilo era difícil para mim...

— Case-se comigo, Sara. Seja minha esposa.

— Está fazendo isso por que está com medo.

— Sim, e também porque te amo. As duas coisas.

— Tudo bem, eu me caso com você. — Meu coração deu uma batida dolorosa.

— Agora? — Eu que não iria esperar!

— Agora como?

— Vamos lá, amor... Vamos a Las Vegas, nos casamos e, depois, fazemos uma grande festa.

— Agora? Você ficou louco?

— O que nos impede? — Sorri, e aquele sorriso era o que eu conhecia muito bem.

— Eu não tenho um vestido.

— Compararemos um assim que chegarmos lá — disse, já levantando a mão para chamar o garçom.

Uma euforia tomou conta de mim. Aquele era o momento de tê-la para mim e deixar isso registrado, para que todos pudessem saber a quem ela pertencia. Peguei a conta. Fomos para o carro em meio a amassos. Aquela mulher me tinha por completo. Seu beijo era faminto; o meu era desesperado.

— Você dirige. — Dei as chaves a ela.

— Por eu?

— Porque vou precisar fazer uns arranjos no caminho.

— Tudo bem, mas vou logo avisando que sou barbeira. — Ri alto daquilo.

— Sem problemas. Agora, vamos.

— Para onde?

— Para o aeroporto.

— Não vamos pegar nenhuma bagagem?

— Não. Seremos dois loucos apaixonados em Las Vegas. — Sorri e peguei meu celular, para alugar o jatinho.

Chegamos ao aeroporto SFO quase duas horas depois. Ela dirigia com muita cautela. Gostei disso: sentia-me mais seguro ao saber que ela era cautelosa no trânsito.

— Onde estaciono?

— No estacionamento pago. — Ela estacionou e nós descemos.

Fomos direto à empresa que fretei o jatinho. Fomos atendidos pela recepcionista e imediatamente levados para o hangar.

— Estou nervosa, nunca andei de avião antes.

— Não fique, estarei ao seu lado. — Aproximei-me dela e cochichei em seu ouvido: — Faremos amor nas alturas. — Ela corou lindamente.

Deus, como eu amava aquela mulher! Aquela ingenuidade e aquele ar romântico que sempre teve ainda existiam nela; bastava apenas cultivar para voltar a florescer.

Embarcamos e fomos atendidos pela comissária de bordo.

— Boa noite, mister e mistress Scoot. Iniciaremos o serviço de bordo logo depois da decolagem. Sejam bem-vindos e tenham um bom voo.

— Obrigado.

— Obrigada.

— Gostei do “mistress Scoot”. Não ainda, mas, em questão de horas, será oficial.

— Também gosto da ideia. — Beije seus lábios, adorando a sensação de finalmente estar com ela.

Na hora da decolagem, ela ficou tensa. Segurei sua mão, fazendo círculos com o polegar, tentando diminuir a tensão que ela estava sentindo. Logo depois, fomos autorizados a soltar o cinto de segurança e a comissária começou o trabalho de bordo.

— Desejam tomar algo?

— Um champanhe e morangos, se você tiver. Sirva-nos na suíte.

— Perfeitamente, mister Scoot. — Assim que ela saiu, levantei-me.

— Vamos começar nossa noite de núpcias. — Estendi minha mão a ela, fazendo o convite. Ela aceitou, e fomos de mãos dadas para a suíte.

O quarto não era grande, porém, era confortável. Para mim, pouco importava; desde que tivesse uma cama e um banheiro, o resto não era necessário. Olhei para a minha mulher e, em breve, esposa.

— Não vejo a hora de poder tocar você novamente.

— Então, faça.

— Ainda não. Vamos aguardar a comissária.

— Vou tomar um banho.

— Não... Quero o seu cheiro, podemos fazer isso depois.
— Estou suja... Ficamos o dia todo naquela delegacia.
— Vamos aguardar. — Eu entendia o lado dela. — Tomaremos banho juntos. — Fui até ela e beijei sua testa.
— Gosto da ideia.
— Gosta? — disse, beijando seu pescoço. — Do que mais você gosta?
— Hm... — Bateram na porta, e eu me afastei dela.
A comissária entrou, com a bebida e a comida.
— Nos chame assim que chegarmos a Nevada.
— Perfeitamente, mister Scoot. — Saiu, deixando-nos a sós.
— Tire suas roupas. — Estava tão excitada quanto eu. Rapidamente fez como pedi.

Tomei meu tempo estourando o champanhe. Observava-a enquanto se despia. Seu corpo era lindo! Havia engordado uns bons 10 quilos naqueles últimos meses. A calcinha era enorme... Não gostei daquilo. Quando era nova, era tão pequena que chegava a ser um fio. E ela tinha pelos... Definitivamente, precisava de uma geral. Assim que chegássemos em Las Vegas, eu a levaria para um spa enquanto providenciaria o casamento.

— Você mudou muito. — Envergonhada, tapou-se. — Não se esconda de mim, Sara. Não falo do seu corpo, falo de você.

— Eu sei.

— Quero minha mulher de volta... Aquela quente e sexy, aquela que se cuidava, que usava uma calcinha que me deixava louco. A mesma que usava uma calça jeans apertada, que me fazia ficar de pau duro só de olhar...

— Eu não tinha motivos. — Servi duas taças de champanhe e entreguei a dela.

— Agora, você tem. — Brindamos novamente.

— Estou tentando, Arnold.

— Eu sei, e estou aqui para ajudar ainda mais...

— Eu quero muito que dê certo, dessa vez.

— Vai dar, pequena. Nós dois, juntos, vamos lutar para que tudo dê certo. — Colocou o cabelo atrás da orelha, num gesto nervoso. — Deite-se na cama, pequena. — Eu a ensinaria a não sentir mais vergonha de mim. — Agora, abra

suas pernas.

— Arnold...

— Faça, pequena. Vou ser seu marido... Em poucas horas vai ter que parar de sentir vergonha. — Muito relutante, ela abriu as pernas.

— Quando vi sua boceta pela primeira vez... — disse, pegando um morango e uma taça de champanhe. —... Ela estava depilada. Lembro-me perfeitamente do quanto era rosada...

— Ah... — Gemeu quando encostei a taça no seu púbis.

— Preciso vê-la novamente... Saborear, chupar e lambe.

— Oh, Deus! — Passei o morango em seu clitóris.

— Paro de te acariciar se disser o nome de outro homem que não seja o meu.

— Ok.

— Perfeito. Agora, abra para mim.

— Arnold...

— Gosto muito do meu nome, meu amor, mas gosto mais quando você diz gozando... Agora, abra sua boceta para mim. — Ela fez, dessa vez mais rápido. Peguei o morango, massageei seu clitóris com ele e joguei o champanhe.

— Ah...

— Não feche. Quero você exposta para mim.

— Está gelado.

— Vai esquentar em breve. — Tirei o morango do clitóris e passei minha língua.

Ela deu uma rebolada na minha boca que me atiçou ainda mais. Tinha outras ideias antes de fazê-la gozar. Subi, lambendo seu púbis, sua pélvis e, depois, o seu umbigo. Circulei com a língua e dei mordidinhas em volta. Continuei subindo e lambendo cada parte de pele que era possível. No vale dos seus seios, lambi de um ao outro. Ela tinha muita sensibilidade nos mamilos.

Lentamente apertei um e passei a língua no outro. Mordi o mamilo e ela gritou, gozando.

— Ahhh! — A sensibilidade dela naquela área era incrível. Continuei mordendo e passando a língua, até ela parar de tremer.

— Você é uma menina muito desobediente.

— Me foda, Arnold. Por favor!

— Ainda não. — Rasgou minha camisa, fazendo os botões voarem em todas as direções.

— Quero você agora! — Desceu sua mão para o zíper da minha calça e abriu, tirando meu pau para fora.

— Porra, Sara!

— Me foda! — Entre uma respiração e outra, eu já estava dentro dela.

— Doce Jesus! Você é gostosa para cacete! — Investi duro nela.

Meu pau deslizava com facilidade em seu canal. Era uma sensação única foder a mulher que você amava, principalmente se você podia estar dentro dela sem a porcaria de uma camisinha.

— Mais duro, Arnold! — Aquele pedido era uma ordem.

Retirei-me dela e a virei de costas, empinando sua bunda para mim. Sem dar tempo de pensar, voltei a meter nela com força.

— Oh... Assim...

— Gosta disso, minha menina? Gosta quando meto assim em você?

— Sim, é gostoso. — Enrolei minha mão em seus cabelos e puxei sua cabeça para mim. — Oh... — Mordi sua orelha, acalmando a picada com a língua.

— Quero te dizer coisas sujas. — Adorava falar sujo no sexo, mas estava com medo de gerar algum mal estar.

— Diga...

— Tem certeza?

— Tenho... Diga!

— Eu vou dizer, minha putinha... Vou foder você duro, quero sentir sua boceta apertando meu pau enquanto meto gostoso em você.

— Sim, mete gostoso!

— Eu vou, minha cadelinha... E, depois que nos casarmos, vou foder esse cuzinho gostoso que você tem. Vou montar esse rabinho apertado até nós dois gozarmos juntos. — Enquanto segurava seu cabelo com uma mão, com a outra apertei seu mamilo.

Continuei investindo duro nela.

Capítulo 1

Sara

Precisava estar com ele assim, precisava que nos conectássemos novamente. Ele era o homem da minha vida, era tudo com o que eu havia sonhado um dia. Aproveitaria cada segundo que estivesse com ele. Nunca deixei de pensar nele... Sofri e chorei calada cada dia que passamos longe um do outro.

Agora, nossos corpos dançavam em perfeita sincronia. Pele contra pele, sexo contra sexo... Mãos, bocas e respiração rasa faziam parte do momento. Fechei meus olhos, saboreando a sensação que suas mãos sobre o meu corpo produziam. Não estava longe de gozar novamente.

— Arnold! — Deixei escapar um suspiro antes de apertá-lo com o meu canal e gozar.

— Venha, minha putinha, goze no meu pau. — Investiu mais forte e parou. Pude sentir a contração do seu pênis dentro de mim quando ele gozou.

— Sara... Oh... — Em seguida, desabou sobre mim.

Não aguentei seu peso e nós dois desabamos, ofegantes sobre a cama. Tentei controlar minha respiração, para pedir a ele que saísse de cima de mim. Não deu muito certo; o máximo que consegui foi gemer.

— Eu realmente não quero me mover.

— Sem... Ar... — disse, entre ofegos.

Assim que seu peso foi retirado de cima de mim, puxei ar para os meus pulmões. Estava exausta - não apenas pelo sexo, mas pelo dia tenso. Cansada emocionalmente pelo esforço, adormeci. Em seguida, senti meu corpo sendo virado.

— Hm... — gemi, querendo dormir um pouco mais.

— Fácil, amor. Vou apenas te limpar, para você dormir mais confortável. — Senti um pano úmido em minha vagina, e, depois, nada.

Acordei horas depois, com beijos molhados e gelados. O contato do frio com a pele quente fez com que os pelinhos do meu corpo se arrepiassem.

— Acorda, princesa. Estamos chegando.

— Hm... — Gemi em meu sono, querendo dormir um pouco mais.

— Você tem um cheiro maravilhoso. — Passou o nariz no meu pescoço levemente e inalou. — Lavanda e sol.

— Você também cheira maravilhosamente bem.

— Uhum... — Beijos doces foram espalhados pelo meu rosto.

Ajustou-se em cima de mim, e pude sentir seu membro duro e grosso no meio das minhas pernas. Rebolei um pouco, fazendo com que ficasse no lugar devido para me penetrar.

— Você me quer? — Aquela voz rouca de tesão perto do meu ouvido me deixou molhada.

— Sempre. — Penetrou-me lentamente e fizemos amor.

Quando aterrissamos em Las Vegas, era dia. O sol estava alto e o calor era escaldante. Aquela época do ano era quente, mas em Nevada parecia intensificar mais.

— Porra, como está quente aqui!

— Quente e seco. O clima daqui é terrível.

— Vamos para o hotel, vou deixar você instalada. Quero que vá ao spa e faça tudo o que vocês mulheres adoram fazer. Volto para buscá-la assim que tudo estiver pronto para a cerimônia.

— Não vai querer minha ajuda?

— Não. Vai ser tudo uma grande surpresa para você.

— Não há necessidade de você gastar, podemos ir a qualquer capela daqui.

— Parou, olhando-me atentamente.

— Para você, sempre vai ser o melhor. Vou te dar o mundo, Sara. De mim você vai ter tudo. — Segurou meu queixo e me beijou.

— Não seja exagerado, Arnold.

— Fique tranquila. Apenas aproveite o spa. — Aproximou sua boca do meu ouvido e cochichou: — Deixe minha boceta bem lisinha. Quero devorar você esta noite.

— Safado!

— Sempre, baby. — Sorriu e piscou para mim.

— Você é terrível.

Juntos, fomos levados para o hotel, pela empresa de taxi aéreo que Arnold havia alugado o jatinho. Paramos em frente ao Monte Carlo Resort Casino. Eu tinha visto aquele hotel pela televisão, mas nunca na minha vida pensei que um dia ficaria hospedada nele.

— Minha nossa!

— Você gostou?

— Não é caro ficarmos aqui?

— Posso pagar por isso, Sara. Eu disse: quando se trata de você, sempre será o melhor.

Quando entramos na recepção, comecei a me sentir inadequada; o lugar era luxuoso e tinha pessoas bem-vestidas por todos os lados. Eu estava de calça jeans e camiseta; definitivamente, nada apropriado.

— O que foi, amor?

— Não estou vestida adequadamente.

— Pare com isso, ninguém está observando você. É uma cidade turística e está calor, todos aqui se vestem mais à vontade.

— Não vejo ninguém de camiseta. — Estava começando a ficar irritada.

— Olha... Vamos nos instalar, e, depois, resolvemos isso.

— Tudo bem.

Ele fez nosso check-in e nós fomos levados para a suíte. Ficamos hospedados no décimo quinto andar. Tudo naquele lugar gritava dinheiro; do piso ao teto, era um luxo. Inadequada era pouco... Sentia-me uma ervilha no meio do milharal.

— Relaxa, amor. Vou providenciar nossas coisas, acabamos de chegar. — Concordei e aguardei. Ele me conhecia bem o suficiente para saber o quanto eu estava desconfortável naquele lugar.

Chegamos à suíte, e, assim que entrei, parei, chocada. Definitivamente, aquele não era o meu lugar. As paredes eram de papel bordô e havia um bar no canto direito, logo na entrada. Tinha uma sala com dois sofás, a cama, que dominava praticamente todo o ambiente, e uma hidro no canto esquerdo, próximo à janela. Sim, aquilo era inédito para mim: ela não estava dentro do banheiro. O mesmo ficava do outro lado do quarto.

— Gostou? — Eu não tinha palavras. Fiquei muda com a enormidade daquilo. — Acredito que seu silêncio diz tudo.

— É maravilhoso.

— Sim, um dos melhores de Las Vegas.

— Posso ver. — Caminhei até a hidro e vi que haviam colocado pétalas de rosas para decorar. — É impressionante.

— Você vai ficar bem?

— Vou, sim.

— Certo... Olha, o cartão do quarto é esse aqui. Com ele, você pode ir ao spa e se arrumar. Não sei... Talvez uma massagem? Uma depilação? Cabelo? Bom, o que você quiser fazer. Fique à vontade, vai precisar apenas entregar o cartão a eles.

— Só isso?

— Sim. No cartão vai ficar registrado o que for usado no hotel.

— Tudo bem. Acho que posso lidar com isso. — Aproximou-se e me abraçou.

— Claro que pode. O que é meu será seu, a partir de hoje. Eu tenho

dinheiro, Sara. Tenho uma empresa sólida e uma sociedade que está dando certo.

— Passei anos longe de você... Eu ainda vejo aquele garoto que compartilhava pipoca de micro-ondas.

— Eu ainda estou aqui, Sara... Apenas com alguns dólares a mais. Podemos fazer as mesmas coisas todos os dias. Posso voltar do trabalho com dois sacos de pipocas e deitarmos no sofá para assistirmos um filme no fim da noite. Podemos ir ao parque no domingo e tomar um sorvete, podemos ir ao cinema na sessão de sábado à tarde... Nada mudou, amor. Eu ainda sou o mesmo.

— Fico feliz que você tenha se dado bem na vida. Apenas não estou acostumada...

— Eu te entendo, mas você vai ter tanto quanto eu vou ter. O que meu será seu, Sara.

— Não quero falar sobre isso. — Aquele assunto de dinheiro me deixava muito desconfortável.

— Vamos ter que falar sobre isso. Estaremos casados em poucas horas.

— Não estou trazendo nada para esse casamento.

— Você está apenas não quer ver. — Irritada, saí dos seus braços.

— O que estou trazendo além de problemas? — Comecei a vagar pelo quarto, sentindo-me claustrofóbica naquele lugar.

— Você está trazendo minha vida de volta, minha amiga e companheira... Estará me devolvendo os anos que perdi. Irá levar vida a nossa casa. Vai me dar filhos... Essas coisas dinheiro algum no mundo pode comparar. — Parei de andar e olhei para ele.

— Você não se importa? — Aproximou-se e voltou a me abraçar.

— Não. Quero que você entenda que nada disso faz sentido se você não estiver comigo. — Resignada, rendi-me.

— Tudo bem.

— Hm... — disse, ao cheirar meu pescoço. — Você fica linda quando está irritada.

— Isso não tem graça.

— Não, você tem razão... Bom, agora eu posso ir? — Acenei, concordando.
— Tem certeza?

— Tenho, sim.

— Olhe para mim, amor. — Fiz. — Você tem certeza?

— Eu tenho.

— Vai me doer dizer isso a você, mas... Ainda está em tempo de desistir, se quiser...

— Nunca desisti, Arnold. — Baixou sua boca na minha e me beijou suavemente.

— Amo você, Sara. Não esqueça disso.

— Eu não vou.

— Quero muito ficar, mas eu preciso ir. Tem certeza de que está tudo bem?
— Sorri diante de sua insegurança.

— Tenho certeza. — Beijou-me novamente e saiu. Na porta, parou e, ainda de costas, perguntou:

— Vai estar lá, não é?

— Sim. Serei a moça de branco.

— Estarei esperando por você, como sempre estive.

— Estarei lá.

— Pode ir à loja comparar roupas, joias... O que precisar.

— Eu vou... Não trouxemos nada. — Não saiu; ainda estava de costas.

— Sara...

— Eu vou estar lá, Arnold. — Suspirou e tirou a tensão dos ombros.

— É a única coisa que te peço. — Saiu, sem olhar para trás.

Suspirei ao vê-lo sair. Precisava colocar meus pensamentos em ordem. Havia muita coisa para ver e fazer. Primeiro, eu precisava de roupas para ir ao spa; depois, precisava de um vestido para a cerimônia. Levantei-me da cama, tomei um banho e voltei a colocar a roupa que usava. Peguei o cartão e desci para o shopping.

O lugar era enorme. Precisei pedir informação para os seguranças do hotel. Cheguei ao shopping e procurei uma loja de lingerie; compararia uma especial para aquela noite. Arnold tinha razão... Estava na hora de voltar a viver. Por nós, voltaria a ser a Sara que sempre fui.

Voltei para a suíte, com tudo o que comprei. Não foi pouca coisa, no entanto, tudo era necessário. Gastei uma fortuna... Naquele lugar, era tudo muito caro. Tomei outro banho, vesti as roupas que tinha comparado e desci para o spa.

O lugar estava lotado de mulheres, de todos os tipos e estilos, de crianças a idosos, sem distinção.

— Posso ajudá-la? — perguntou a recepcionista.

— Sim. Preciso de um horário.

— O que quer fazer?

— Tudo. Cabelo, unhas, depilação, limpeza de pele e uma massagem. — Pensei em minhas cicatrizes. — Não... Sem massagem. No lugar, vou querer uma maquiagem. — Estava me sentindo a Julia Roberts no filme uma linda mulher. Completamente deslocada.

Durante as próximas oito horas, fui apertada, pintada, escovada e depilada. Quando tudo terminou, sentia-me leve e cansada de ficar tanto tempo em um só lugar. Dei à recepcionista do salão o cartão e o valor foi digitalizado. Arnold se arrependeria de me dar aquela liberdade... Uma mulher com um cartão sem limites era suicídio financeiro na certa.

Voltei para a suíte, para terminar de me arrumar. Em cima da mesa do bar havia um cartão e uma rosa.

*“Estarei à sua espera na capela. Um carro irá buscá-la às 20h em ponto.
Venha para mim, minha menina. Seja minha.*

Aguardo você! Seu infinito Arnold Scoot.”

Meus olhos se encheram de lágrimas ao ler o recado. Tentei respirar fundo, evitando que elas caíssem e borrassem a maquiagem. Enfim nos casaríamos! Fui até a cama e peguei o vestido que tinha comparado para a cerimônia. A cor era lavanda. Escolhi essa cor porque ele disse que eu cheirava a lavanda. O vestido era simples; um tomara-que-caia esvoaçante. Minha lingerie era um corselet branco. Minhas sandálias eram na cor prata, e, de acessório, apenas um par de brincos.

Olhei-me no espelho e quase não reconheci a mulher que refletia nele. Tinha brilho nos olhos, que geralmente estavam mortos. Meu cabelo estava brilhante e volumoso, como sempre gostei de usar. As maçãs do rosto estavam rosadas e os lábios bem desenhados.

Depois de tudo pronto, desci para a recepção do hotel. Quando cheguei na saída, havia uma limusine à minha espera. O motorista segurava uma placa com o meu nome escrito nela.

— Miss Collins?

— Sim.

— Mister Scoot está à sua espera.

— Obrigada. — Ele abriu a porta e eu entrei.

Seria muito difícil me acostumar com tanto luxo. Nunca, na minha vida, havia andado de limusine - ainda mais como aquela. Dentro daquele carro cabiam facilmente umas dez pessoas. Um champanhe estava aberto e servido. Não bebi. Depois do que haviam feito comigo, não bebia nada que não fosse aberto na minha frente.

Andamos por alguns minutos, tempo suficiente para apreciar a noite de Las Vegas. A cidade era incrível, praticamente iluminada pelos neons de propagandas. Tínhamos andado uns bons trinta minutos. Eu estava apreensiva... Não gostava de estar perto de desconhecidos e, principalmente, andar com eles. Paramos, a porta foi aberta e eu desci.

Arnold

Meu coração batia dolorosamente no peito. Eu tinha certeza de que o padre podia ouvir de onde estava. Mais uma vez eu estava em um altar, esperando para me casar com a mesma mulher de quinze anos atrás. O tempo passou; para mim e para ela. Agora, era o momento de nossas vidas se unirem novamente, e, dessa vez, para sempre.

As portas da capela se abriram e o meu passado, presente e futuro entrou. Estava linda de tirar o fôlego! A cor do vestido não poderia ter sido outro... Era perfeito; ela era perfeita.

Avancei, sem ter paciência para esperar ela chegar até mim, e peguei sua mão.

— Oi.

— Oi.

— Você está magnífica.

— Obrigada! Você também está. — Aproximei minha boca do seu ouvido e perguntei:

— Lisinha e rendada por baixo?

— Hm... Aguarde e você vai ver.

— Vamos correr, então. — Dei um sorriso a ela e a levei para o altar.

Julian

Estava sentado na minha mesa, olhando a conta bancária que eu e o Arnold tínhamos em conjunto. Havia um valor da empresa de táxi aéreo. Não tinha ideia para onde ele tinha ido. Entrei na internet e procurei pela empresa. Anotei o telefone e liguei.

A confirmação que tive apenas afirmava o que eu sabia que cedo ou tarde aconteceria. Provavelmente, os dois estavam se casando; isso se já não estivessem casados. Meu melhor amigo, um irmão para mim, se casou e eu não fui convidado.

Não pude controlar o sentimento que nasceu em mim em relação a Sara. Mesmo apaixonado, nunca a toquei - além daquela vez em que quase a beijei. Nunca passei dos limites ou me insinuei a ela. Eu a tratava com carinho; o mesmo carinho que tinha por Fabiana... Apenas o sentimento era diferente.

Eu estava em uma enrascada das grandes, e, de quebra, levei Fabiana e o Zen para a confusão. Peguei meu telefone e liguei para o Zen.

— Ei.

— Oi, Zen.

— Como você está? — Ao fundo, ouvi uma das crianças chorando.

— Estou atrapalhando?

— Não. Eles estão com fome, minha rainha está amamentando o Zen.

— Eles se casaram. — Ele ficou em silêncio.

— Eu não fui convidado. Para falar a verdade, eu nem sabia. — Seu tom de voz demonstrava o quanto aquilo o machucou. Eu sabia; feriu a mim, também.

— Eu também não. Descobri através da movimentação da conta.

— Como você está?

— Perdido, Zen. Não por ela, mas por ele. Ele é o meu irmão, Zen, não um simples amigo. Aquele cara era minha família, desde a faculdade. Não que você não seja... Você é meu irmão, mas ele é o meu amigo de farra, de festa. O cara estava comigo todos os dias.

— Eu entendo, Julian. Também estou desesperado com essa situação.

— Ajude-me, Zen... O que eu faço? Quero a nossa amizade de volta.

— Não sei o que te dizer, Julian... Mas, se serve de consolo, o tempo é o pai de todas as coisas. Dê um tempo a vocês dois.

— Estou a fim de sair, viajar. Tirar umas férias.

— E a JAZ?

— Temos excelentes profissionais ali, que podem dar conta até eu voltar.

— Eu não acho uma boa ideia. A distância pode nos afastar ainda mais. Espere ele voltar... Talvez, agora que ele está casado, se sinta mais seguro.

— Eu não posso ficar, mesmo que ele volte. Ver os dois juntos vai ser muito ruim, Zen. Preciso sair, preciso esquecê-la. — Odiava ter que fazer isso, no entanto, não tinha outra solução.

— Você não tem ideia do quanto eu lamento ver você nessa situação.

— Obrigado pela conversa.

— Você pretende ir quando?

— Assim que ele voltar. Não podemos deixar a JAZ sem nenhum diretor.

— Conheço você, Julian. Prometa que vai voltar. — Eu não ia prometer aquilo para ele, porque, no fundo, não tinha a intenção de voltar. — Porra, Julian! Prometa, homem... Diga que você vai voltar.

— Não posso, Zen. Até mais, meu amigo.

Desliguei o telefone e comecei a fazer os preparativos para a minha viagem. Não sabia quando voltaria, ou se voltaria... Mas uma coisa era certa: lá eu não ficaria.

Arnold

Estávamos dentro do elevador, indo para a nossa suíte. Agora, éramos o casal Mr. e Mrs. Scoot. Jamais imaginei que me sentiria tão realizado... Era como se meu mundo, agora, estivesse certo; como se a minha outra metade tivesse encaixado. Olhei para ela e me perdi no oceano dos seus olhos.

— Eu não sei o que há com elevadores, mas estou louco para foder você aqui dentro.

— Não estamos sendo vigiados por câmeras? — Levantei uma sobrancelha, questionando-a. — Quê?

— Você toparia?

— Por que não? — Ela se aproximou e tocou meu pau por cima da calça.

Não perdi tempo: encostei-a contra o espelho do elevador e levantei o seu vestido.

— Isso vai ser rápido, querida! Foda de coelho, definitivamente.

— Então, sem apresse! — Apertei o botão e parei o elevador. Tirei o meu pau para fora e rasguei sua calcinha. Toquei sua bocetinha, para saber se estava excitada.

— Minha putinha está molhada. — Guiei meu pau para sua entrada e enfiei, com uma única estocada.

— Oh...

— Gosta assim, minha vagabunda?

— Sim, sua putinha gosta! — Porra! Eu seria o homem mais feliz do mundo.

— Nos olhe no espelho enquanto eu meto em você. — Nossos olhos se cruzaram através do espelho.

Seus lábios estavam entreabertos, sua respiração era rasa... Ela tinha os olhos em fendas. Aquela foi a maior loucura que eu já havia feito em público e com ela. Segurei sua cintura e meti firme.

— Goze para mim, cadelinha. Venha junto comigo. — Coloquei uma mão no seu clitóris e massageei, investindo duro.

Seu canal apertou meu pau e eu gozei. Continuei investindo e a massageando, até que ela gozasse também.

— Arnold!

— Vem para mim, amor! — Suas pernas ficaram bambas, e eu a segurei.

— Fácil, amor. — O sinal do elevador apitou, indicando que haviam o destravado.

— Acho melhor você se retirar.

— Apenas por mais dois minutos. — Retirei-me dela e guardei meu pau melado nas calças.

O elevador voltou a subir. Fomos para a nossa suíte. Claro que a nossa noite

não terminaria ali; eu tinha muitos planos para nós dois.

— Você está com uma cara de canalha... — Ri do seu comentário.

— Você vai ver o canalha assim que entrarmos na suíte.

— Estou contando com isso, canalha.

Eu não andava; corria naquele corredor enorme. Minha necessidade de estar com ela novamente era sem medida. Entramos na suíte e fechei a porta.

— Agora o canalha vai ter o que tanto deseja. — Empurrei-a contra a parede e rasguei seu vestido.

— Arnold... — Sua frase ficou inacabada quando minha boca chupou seu peito. — Ah... — Era o que eu queria.

Terminei de rasgar o seu vestido, até tê-la completamente nua - ao menos, era o que eu pensava. Afastei-me dela, para ver o que tinha por baixo.

— Ah, cacete!

— Surpresa!

— Linda, amor. — O corselet era incrivelmente belo.

Ajoelhei-me na frente dela e tirei suas sandálias, que também eram lindas, e o resto da calcinha. Os nossos fluídos escorriam por suas pernas. Passei a língua, tomando o meu gozo e o dela.

— É bom, mas nada comparado ao seu.

— Isso é excitante.

— Você gosta? — Lambi novamente.

— Sim... — Coloquei uma perna dela no meu ombro e meti a boca na sua boceta. — Oh...

Eu fazia amor com sua boceta. Toda lisa e rosada... Seu sabor era incrível. Junto com o meu, deixou ainda mais exótico. Comi sua boceta como se fosse um animal faminto. Enfiei minha língua no seu canal e lubrifiquei meu dedo para colocar no seu cuzinho. Lentamente, fui preparando o seu orifício. Coloquei a ponta do dedo e sua perna dobrou.

— Segure.

— Isso não vai dar certo comigo de pé. — Pus-me de pé e a peguei no colo.

— Então, eu a levo para cama. Vou comer você em pé, deitada, sentada, de lado... Hoje farei você minha de todas as maneiras.

— Aceito. Agora, continue fazendo o que começou.

— Será um prazer, princesa. — Caí de boca na sua boceta novamente.

Lambia como se estivesse comendo o doce mais rico do mundo. Beijei sua boceta como se estivesse beijando sua boca; adorando-a. Estava faminto, desejoso por ela. Foi a primeira boceta que chupei, e seria a única. Coloquei meu dedo no seu orifício e voltei a prepará-la a sério. Iria foder aquela bunda gostosa assim que ela gozasse.

Suguei o seu clitóris e enfiei dois dedos nela. Suas pernas tremeram e suas costas levantaram da cama. Porra! Aquela era uma reação gostosa de ver. Coloquei um terceiro dedo e comecei a dar pinceladas, com a língua, em seu clitóris.

— Oh! Arnold! — Tomei tudo o que ela me deu. Não tirei a minha boca enquanto não estive satisfeito.

Lentamente tirei meus dedos de dentro dela e subi para beijar sua boca. Queria que ela sentisse o seu sabor e visse o quanto era bom.

— De quatro, cadela. Vou foder sua bunda. — Saí de cima dela, para tirar minhas roupas.

A visão dela naquela posição era o paraíso; aberta e exposta para o meu prazer. Voltei a subir na cama e fiquei de joelhos no meio de suas pernas.

— Já fez isso antes, baby? — Trinquei o maxilar, esperando a resposta.

— Não por livre e espontânea vontade. — Aquele desgraçado pagaria caro! — Arnold?

— Essa será sua primeira vez, amor. Empurre para fora quando eu a penetrar, e não tranque.

— Tudo bem. — Sua respiração era rasa.

— Sara... Se não quiser, não faremos.

— Cale a boa e me foda!

— Essa é a minha garota! — Guiei meu pau para o seu orifício e a penetrei.

— Argh...

— Fácil, princesa. — Segurei-a contra mim até que se acostumasse.

— Respire fundo, amor. — Não me mexi; não ia machucá-la.

— Mexa-se!

— Não até que você se acostume. — Ela não fez. Impulsionou para frente e se jogou para trás. — Cacete, mulher! Você vai se machucar.

— Me foda, Arnold! — Dei um tapa na sua bunda, puxei seu cabelo e a cavalei com vontade.

Montei nela como um peão montado num touro. Fodi-a do jeito que ela pediu e do jeito que eu gostava. Era assim que eu gostava de fazer sexo: duro, forte e selvagem. Agarrei seu cabelo, trazendo sua cabeça para trás, e mordi seu ombro enquanto a fodia.

— Assim, Arnold... Me foda forte!

— Gosta disso, minha cachorra? Gosta de ser montada por mim?

— Sim, gosto do seu pau me fodendo...

— Já disse o quanto você é quente falando sujo?

— Não...

— Eu amo ver essa boca linda falar sujo comigo. Adoro quando me manda foder você.

— Adoro ser fodida por você. — Aquela conversa surtiu efeito.

— Vem comigo, putinha. — Meti mais gostoso e duro. Gozei, gritando por ela. — Sara! — Coloquei a mão em seu clitóris e apertei, entre o indicador e o polegar.

— Ahhh! — Gozou, apertando meu pau com sua bunda. — Ficamos naquela posição, até que nossa respiração normalizasse.

— Doce, me solte, para que eu possa sair de dentro de você.

— Agora não posso. — Sem forças, comecei a rir. Ela me acompanhou.

Meu pau já estava mole dentro dela. Tentei me retirar, mas a sua bunda estava tão junta que foi impossível.

— Amor, deixa eu sair!

— Fica aí...

— Sara, eu estou cansado... Preciso me recuperar para a próxima rodada.

— Vai ter uma próxima?

— Se você deixar meu pau inteiro, sim.

— Ok. — Soltou a bunda. Saí de dentro dela, caindo ao seu lado na cama.

— Porra, mulher, você me cansa!

— Como se eu não estivesse exausta também...

— Hm... O que acha de tomarmos um banho?

— Vai me levar no colo?

— Está falando sério? Mal consigo me levantar.

— Então, vou ficar por aqui.

— Acho que eu também. — Puxei-a para perto de mim, colocando sua cabeça no meu peito.

— Amo você, Arnold. — Ela olhava a aliança que eu havia comparado para ela.

— Eu também te amo. — Coloquei a minha mão em que estava a minha aliança sobre a dela.

— Elas são lindas... Teve muito bom gosto.

— Eu sei... Me casei com a mulher mais linda do mundo.

— Bobo. — Rimos da piada sem graça e dormimos, um nos braços do outro.

Capítulo 18

Voltamos na manhã seguinte para San Francisco. Eu não podia me afastar do trabalho, e Sara não podia deixar Fabiana na mão. Discutimos que ela ficaria lá até que começasse a estudar. Depois, os Kahil teriam que procurar outra pessoa para ajudar com as crianças.

Meu coração estava apertado com a falta que eu sentia dos dois homens mais importantes da minha vida. Zen era meu irmão-amigo e o Julian era como um irmão caçula. Não sabia o que fazer ou como lidar com a situação. Estava me sentindo traído pelos dois.

— Amor, você está bem? — perguntou-me, assim que entramos no carro.

— Não muito... Estou sentindo falta dos meus amigos, mas, ao mesmo tempo, me sinto traído.

— Quantas vezes tenho que dizer a você que não houve nada?

— Não foi só você... Foi como os dois me esconderam a situação. Nenhum

dos dois agiu de boa-fé comigo.

— Não entendo...

— Você sabia que a Fabiana me proibiu de ir ver você?

— Está falando sério? — perguntou, incrédula.

— Estou. Ela disse que você precisava de um tempo... Respeitei isso, porque achei que tinha partido de você.

— Nunca faria isso. Achei que você tinha levado a sério tudo o que eu te disse no quarto...

— Nenhuma maldita palavra. Eu sabia que teria que ir com calma com você, por isso, respeitei o seu tempo.

— Mas, então...

— Ela nunca o proibiu de ir lá... Ele sempre foi o preferido dela. Zen sabia que tínhamos ficados juntos e foi conivente com a situação. Ele sabia que Julian estava apaixonado por você. — Não olhei para ela. Não queria ver se ela sentia algo por ele.

— Gosto dele, o acho divertido... Porém, nunca passou disso. Nunca senti atração nenhuma por ele.

— Vi vocês dois quase se beijando lá em casa.

— Não foi isso que aconteceu. Não vou negar que ele se aproximou, mas duvido que ele teria me beijado.

— Aposto tudo o que tenho que ele a teria beijado.

— Você não deveria fazer isso.

— Isso o que?

— Deixar um mal-entendido terminar com uma amizade tão verdadeira.

— O meu amigo se apaixonar pela minha mulher não é um mal-entendido.

— Depende da forma como você vê.

— Você não pode estar falando sério...

— Eu estou, porque o amigo em questão não deu em cima de mim. Arnold, não controlamos o que sentimos... Essas coisas acontecem. — Será que eu estava exagerando?

— Não sei como agir.

— Fale com ele, coloque tudo em pratos limpos. O amor que vejo em você

por ele é mais forte que um pequeno ciúme.

— Ciúme? Eu fui traído!

— Não foi! Quantas vezes eu tenho que dizer que nunca houve nada?

— Então, por que me esconderam? Por que me proibiram de ver você?

— Você conhece Fabiana melhor do que eu. Aquela mulher é uma força da natureza a ser considerada.

— Ela é muito chata, isso sim.

— Você não gosta dela?

— Não. Aquela mulher só me deu problemas, desde o momento em que a conheci.

— Ela gosta de você.

— Se ela te disse isso, ela mentiu. — Dirigi para a casa do Zen, para que ela pudesse falar com Fabiana e pegar as coisas dela que estavam lá.

O trânsito estava um caos. O congestionamento na Golden Gate era enorme. Depois de duas horas de muita paciência, chegamos à mansão Kahil.

— Vou esperar você aqui.

— Não vai entrar? — Sua incredulidade me deixou desconcertado.

— Não força, Sara. Não estou pronto para perdoá-los. — Colocou as duas mãos no meu rosto e me beijou.

— Estou ao seu lado, meu amor. Saiba perdoar... Você vai sofrer muito sem tê-los em sua vida. — Encostei minha testa na dela e fechei meus olhos.

Aquela era a mais pura verdade. De nada adiantaria ela estar ao meu lado se metade de mim estava aflita e machucada. Meus amigos eram uma extensão minha; eram tudo o que eu tinha como família - até mais que meus pais.

— Vou pensar sobre isso

— Promete?

— Prometo. — Beije seus lábios, e ela desceu.

Eu desci e me encostei no carro, pensando em tudo o que conversamos. Ainda estava muito machucado para falar com Julian, e, quanto a Zen, ele teria que colocar aquela mulher dele no lugar dela, principalmente quando o assunto fosse eu.

— Que porra você pensa que está fazendo? — Oh! O homem estava furioso.

— Hoje não, Zen. — Ele me agarrou pelo braço e me deu um soco na cara.

— Desgraçado! — Eu estava vendo estrelas. Tinha que dizer: o cara tinha um bom gancho de direita.

— Você foi o homem no meu casamento, estive ao meu lado quando me casei... Você! E você, seu maldito, não se deu o trabalho de me avisar que ia se casar!

— Por que você não coloca a sua mulher no lugar dela? Por causa dela eu quase perdi a minha mulher!

— Do que diabos você está falando?

— Perguntei à Sara se ela tinha pedido para a Fabiana dizer que não era para eu vir aqui... Mentira, Zen! Fabiana me proibiu de vir aqui por conta própria.

— Alhah!

— Não há Deus que dê jeito, pode acreditar.

— Não fiz isso por conta própria — argumentou Fabiana, vindo até nós. — Fiz isso para poupar Sara das humilhações que você a estava submetendo.

— Você não sabe de nada e se mete onde não é chamada.

— Calma, Arnold... Vamos tentar resolver a situação.

— Zen, não quero resolver nada... Se quisesse, teria entrado na sua casa. Portanto, estou apenas esperando a minha esposa e já estou de saída.

— Não fiz por maldade, fiz para protegê-la.

— Sei... Protegê-la de mim e ajudar o seu queridinho? Não! Muito obrigado, estou dispensando esse tipo de ajuda.

— Você transou com outra mulher na frente dela!

— Fiz, porém, os motivos não são da sua conta.

— Que motivos um homem pode ter para fazer isso?

— Isso é que dá quando a pessoa não sabe da história e se mete onde não é chamada. Você não sabe um terço do que eu passei nesses últimos quinze anos! Você não sabe de nada! Você é uma mulher mimada que se mete na vida dos outros!

— Arnold, me desculpe! Eu pensei apenas no bem-estar de Sara...

— Tanto faz, Fabiana. O estrago já foi feito. Você ajudou a quebrar a confiança que eu tinha no Zen e no Julian... Se tiver consciência, leve essa com você, porque a culpa é sua.

— Chega, Arnold!

— Claro, Zen, mas eu não estou na sua casa. Estou na rua, esperando a minha esposa. Portanto, ela é pública. Posso ficar aqui o tempo que eu achar necessário.

— Arnold, você prometeu. — pediu Sara. Não vi que ela tinha voltado.

— Você está pronta?

— Sara, me perdoe... Não sabia que a situação entre vocês era de tantos anos.

— Ele não teve culpa de nada, Fabiana. Estava tentando se proteger de mim.

— Eu não sabia, Sara... Por favor, me perdoe.

— Está tudo bem. Juro que está.

— Não, não está. Não posso perder o meu amigo por um mal-entendido. Por favor, Arnold, aceite as desculpas da Fabiana... Ela não fez por maldade... Foi pensando no bem-estar da sua esposa.

— Sempre te disse que essa mulher era problema. Ela quase acabou comigo, Zen! Afastou de mim a mulher que eu amo... Eu te liguei, Zen! Eu te pedi ajuda! Meu Deus! Estava enlouquecendo sabendo que ela estava a poucas quadras da minha casa e que fui proibido de entrar na casa do meu amigo para ver a mulher que eu amo.

— Arnold...

— Nunca, Zen... Nunca houve isso entre nós. Nunca nos proibimos de entrar um na casa do outro, pelo contrário; temos até a chave, para uma emergência. Consegue vê o quanto isso me feriu? Consegue ver o quanto foi injusto comigo? Eu ajudei a trazer seus filhos ao mundo, porra! — Não aguentei e acabei chorando.

Anos de lágrimas não derramadas, anos esperando por ela... E, quando finalmente a encontrei, tentaram nos separar. Anos de amizade sendo postos à prova.

— Meu amigo, por favor! Me perdoa, Arnold. — Me pegou pela nuca e me abraçou.

Ao longe, ouvi um carro... Conhecia o ronco daquele jaguar muito bem. Julian. O carro parou, e eu pude ouvir a porta se abrindo e fechando.

— Acalme-se. — Balancei a cabeça, prometendo a ele.

— Bom... Hoje tem festa e eu não fui convidado. — Ninguém disse nada. Pude sentir Zen tenso. Sua mão apertou minha nuca, como sinal.

— Não é uma festa, Julian.

— Como não? Meu melhor amigo se casa e não vamos comemorar? — Eu não sabia se dava um soco em sua cara ou se ria.

— Já que os dois ali estão em um momento íntimo, vou abraçar a noiva. — Tentei sair do aperto do Zen, mas ele me segurou.

— É apenas uma felicitação, cara. Porra, acalme-se.

— Sara, minha querida... Felicidades. Desejo, do fundo do meu coração, que vocês dois sejam felizes. Vocês merecem.

— Obrigada, Julian. Estou feliz que esteja aqui.

— Estou magoado por não ter sido convidado para o casamento.

— Foi uma pequena cerimônia, algo bem íntimo. Arnold prometeu uma festa para comemarmos... Contamos com a sua presença.

— Obrigado, querida. Será uma honra. — O silêncio continuou depois disso.

— Largue ele, Zen. Se não resolvermos isso na conversa, vou resolver na porrada. — Fui solto por Zen, e, em seguida, outros braços me acolheram.

— Parabéns, meu irmão. Lamento que a situação tenha sido tão desfavorável... Nunca passei dos limites com ela, juro para você. Quero que você seja feliz, que os dois tenham vida longa.

— Você a ama?

— Estou apaixonado por ela, mas não é amor.

— Como vamos ficar, Julian?

— Como sempre fomos... Como amigos, confidentes, parceiros e irmãos. Sem farra para você. — Tive que sorrir daquilo.

— Estou com medo de nunca mais sermos a mesma coisa um com outro.

— Nós seremos... Se você não permitir que o ciúme o cegue. Vou estar com vocês e vou sempre respeitá-los. Você sabe que eu jamais seria capaz de dar em cima da sua mulher ou da dele.

— Senti muito a falta de vocês... Estava me matando, Julian.

— A mim também, meu amigo. A mim também. — Abraçamo-nos, mas eu não me sentia confortável.

Acreditava que levaria algum tempo até as coisas normalizarem - ou, talvez, nunca acontecesse. Apenas de uma coisa eu tinha certeza: não podia viver sem aqueles dois. Eles acompanharam minha trajetória, lutamos juntos para montarmos a empresa e a clínica... Dividimos comida e moradia até que cada um se estabelecesse. A caminhada foi longa até chegarmos ali.

— Eu vou tentar, Julian. Juro, homem, que vou tentar manter nossa amizade intacta.

— Não se preocupe, eu entendo você. Juro que entendo.

— Obrigado. — Abraçamo-nos mais uma vez, e, dessa, o abraço tinha a sensação de recomeço.

Zen se uniu ao abraço. Ficamos assim por alguns minutos.

Não entramos. Estávamos exaustos e o dia seguinte seria longo. Não sabia como me sentia em relação a Julian, mas uma coisa era certa: sem aqueles dois na minha vida eu não seria feliz. Eles faziam parte da minha história de vida.

— Bem... Pela primeira vez, vou deitar na minha cama. — Minha esposa estava linda.

Vestia apenas uma camiseta minha. Não tem nada mais sexy do que sua mulher vestida com sua camiseta.

— Gostei do seu pijama.

— Eu também. — Subiu na cama e se deitou no meu peito. — Posso te confessar uma coisa?

— Sempre, e não precisa pedir.

— Já fiz isso. — Fiquei confuso com sua confissão.

— Fez o quê?

— Deitei em sua cama e vesti uma camisa sua.

— Quando?

— Quando vim arrumar o seu quarto. Precisava estar perto de você, sentir o seu cheiro, sentir seu corpo... — Gostei de saber daquilo.

— Fui um canalha com você, mas eu prometo que vou passar o resto da minha vida tentando me retratar.

— Tem um jeito ótimo para você fazer isso.

— Mesmo?

— Sim...

— Qual é?

— Quanto a isso... Vai ter que descobrir sozinho. — Riu, e aquele som era o que eu mais amava.

— Hm... Estão, acho que sei por onde começar. —Virei-me, ficando em cima dela, e a beijei.

Aquela era a melhor maneira de mostrar a ela o quanto eu estava disposto a fazê-la feliz. Daquela vez, não tínhamos sexo selvagem. Eu faria amor com ela... Lento e suave.

No terceiro dia de casado, quis fazer uma surpresa a ela. Logo depois que saí da empresa, passei no mercado, comprei pipoca de micro-ondas e duas latas de refrigerante e fui buscá-la na casa de Zen. Era assim todos os dias. Eu não queria que ela trabalhasse... Minha vontade era de que ela voltasse a estudar. Entendi quando ela me pediu para ficar até as crianças ficarem um pouco maiores. A verdade era que minha irritação com Fabiana era tanta que, só de pensar que minha mulher estava com ela o dia todo, ficava nervoso.

Mesmo depois de acertar as coisas com ele, não voltei a entrar na casa. Não fiz de pirraça, apenas não me sentia confortável. Teria que ir com calma... Apressar as coisas não adiantaria em nada e acabaria nos afastando ainda mais. Quando cheguei no portão da casa, ela já me esperava do lado de fora. Meu coração pulava de alegria todas as vezes em que eu a via. Desci do carro e a saudei com um beijo.

— Oi.

— Olá. Como foi seu dia?

— Chato. Senti sua falta.

— Também senti a sua.

— Podemos ir?

— Claro. — Abri a porta do carro, para que ela entrasse.

— Tenho uma surpresa para você,

— Adoro surpresas.

Logo que chegamos em casa, ela subiu para tomar banho e eu fui para a sala de TV, para organizar tudo para a nossa sessão cinema. Peguei todos os filmes que sabia que ela gostava e deixei tudo separado para ela escolher. Depois, fui para a cozinha, para fazer as pipocas e pegar gelo para pôr nos refrigerantes. Quando desceu, tudo estava pronto.

- Sessão cinema?
- Gostou da surpresa? — perguntei sem, jeito, com medo de dar bola fora.
- Eu amei! O que vamos assistir?
- Separei alguns DVD's. Escolha um. — Sentei-me, esperando que ela escolhesse.
- O que acha de assistirmos esse?
- “Chamas da Vingança”?
- Sim. Denzel é o que há de melhor.
- Ótima escolha.

Sentou-se ao meu lado, com a bacia de pipoca no colo. Então, era isso... O que nos fazia um casal não era apenas o sexo ou a troca de alianças, mas as coisas que compartilhávamos juntos. Eu e Sara sempre fomos ao cinema... Era um programa sagrado aos sábados. Estava decidido a reconquistá-la, então, o jeito mais certo de fazer era buscando as coisas que sempre gostávamos de fazer juntos.

Sara

Estávamos casados há duas semanas. Arnold sempre me preparava uma surpresa. Todos os dias fazíamos algo diferente, mas sempre lembrando as coisas que compartilhávamos no passado. Eu adorava cada uma delas. Julian esteve lá em casa duas vezes, e não vi nenhum desconforto entre os dois - a menos não que eu tenha notado. Gostei de saber que as coisas não mudariam entre eles.

Naquele dia era a minha folga. Aproveitei para ir às comparas... Se eu não fizesse, Arnold acabaria me arrastando. Não tinha mais nenhuma calcinha; ele tinha rasgado todas que eu tinha comparado em Las Vegas... E, quanto às antigas, jogou tudo fora. Então, estava saindo sem calcinha, mas antes de ir as comparas, faria uma visita ao meu marido.

Coloquei um vestido que eu tinha, era bem comportado, logo abaixo do joelho, e fui para a JAZ. Arnold havia comparado um carro para mim... Achei um desperdício de dinheiro, já que ele me levava e buscava no trabalho, porém, hoje seria de grande valia.

Dirigi até a empresa e estacionei o carro na porta. Não ia demorar muito,

seria uma visita de médico. Assim que entrei, fui salgada pelas recepcionistas.

— Bom dia, mistress Scoot.

— Bom dia. Meu marido está?

— Sim. A senhora pode entrar. — Na semana passada ela me apresentou a todas elas como sua esposa.

Felicidade não tinha nome, eu estava em completo êxtase. Claro que sabia que nem sempre as coisas seriam assim, porém os momentos maravilhosos seriam lembrados com muito carinho.

— Obrigada.

Segui o corredor e esperei o elevador. Quando cheguei ao seu andar, senti um aperto no coração, como se algo ruim fosse acontecer. Tensa com a sensação, esperei para ir à sua sala. Procurei pelo banheiro e fiquei lá, esperando me acalmar. Assim que ele me visse, saberia que algo me incomodava. Protetor como era, não me deixaria sair sozinha. Depois de me sentir melhor, fui até ele.

— Olá, mistress Scoot.

— Olá, mistress Brown. O Arnold está na sala dele?

— Sim. A senhora pode entrar.

— Obrigada.

Bati na porta e entrei. Ele estava ao telefone, quando me viu, sorriu e pediu para eu esperar alguns minutos. Sentei e esperei por ele. Naquele momento, tive uma ideia audaciosa: levantei-me, fui até a porta e a tranquei. Ele me avaliava como um falcão. Voltei a sentar no sofá.

Aos poucos, fui subindo meu vestido. Peguei uma revista e comecei a me abanar, como se estivesse sentindo calor. Não estava; tudo fazia parte da cena. Subi um pouco mais o vestido e comecei a ler a revista. Descruzei minhas pernas quando o vestido estava acima da coxa. Lentamente, desci minha mão para a minha vagina. Não olhei para ele, mas pude ouvi-lo engasgar. Comecei a me acariciar.

Percebi que ele já estava querendo terminar a conversa, concordando com tudo o que a pessoa dizia. Desci minha mão ainda mais e enfiei um dedo dentro da minha boceta. Ele resfolegou, e, daquela vez, eu o olhei. Seus dois olhos estavam em fendas. Oh! Eu tinha arrumado um grande problema.

Sorri para ele e coloquei o mesmo dedo que usei no meu canal na minha boca, chupando-o. Engasgou-se e começou a tossir. Não parei; desci minha mão

e abri minhas pernas completamente. Agora, ele podia ver tudo. Comecei a acariciar meu clitóris e mamilo novamente, da maneira que eu gostava quando ele fazia.

— Mister Sullet, aconteceu um imprevisto aqui na empresa e estão me solicitando. Volto a ligar para o senhor logo mais. — Concordava com a cabeça. Logo depois, desligou o telefone.

— Bem, bem, bem... Você está me saindo uma putinha de primeira, mistress Scoot. — Soltou a gravata e afastou a cadeira.

Ficou de pé e veio em minha direção. Pude perceber o grande vulto em suas calças.

— Não estou fazendo nada — disse, com cara de inocente.

— Agora, você vai. Fique de joelhos. — Rapidamente me ajoelhei, enquanto ele descia o zíper da calça e tirava seu pau para fora. — Chupe-o. — Coloquei-o em minha boca e o chupei.

Seu sabor era divino; amadeirado e exótico. As veias largas do seu pau acariciavam minha língua. Entrou no ritmo e começou a balançar os quadris. Ele latejava em minha boca... Podia apostar que ele estava perto de gozar. Suguei e mordi a cabeça levemente.

— Porra! — Retirou-se da minha boca. — Na mesa, agora! — Levantei-me e fui para a mesa.

Ele me virou de costas para ele, colocando meu peito sobre ela. Meu vestido foi levantando, e ele já estava dentro...

— Ah... — A sensação era indescritível.

— Era isso que você queria, minha putinha? Queria a vara do seu marido na sua boceta?

— Sim! Mais forte!

— Assim? — Investiu duro, fazendo meu quadril bater na borda da mesa.

Não me importava que ficasse roxo depois; era assim que eu queria... Duro e forte. Suas investidas aumentaram, fazendo com que meu orgasmo chegasse.

— Arnold! — Gozei gritando seu nome.

— Isso, minha cadela, goze gostoso... Mele todo o meu pau. —

Investiu mais algumas vezes e gozou, caindo sobre mim.

— Amei a visita, amor. — Beijou-me a nuca e se retirou de mim. — Fique

assim, vou pegar uma toalha para limpar você. — Voltou com uma toalha molhada em água quente e me limpou. — Gostaria que você viesse aqui mais vezes. Às vezes, fico entediado.

— Gostaria de vir mais vezes, mas você sabe que não é possível.

— Ao menos nas suas folgas... Como hoje, por exemplo.

— Eu prometo.

— Obrigado. Serei um homem muito safado.

— Você é incorrigível. — Sorri e levei um tapa na bunda — Aí... Você não ia sair daqui sem essa...

— Preciso vir aqui mais vezes. — Dei uma risadinha.

— Você gosta? — perguntou, esperançoso.

— Gostei das duas vezes que você deu.

— Não é à toa que eu te amo, mulher. — Levantou-me e baixou o meu vestido.

— Vai às comparas?

— Vou... Não sei se você percebeu, mas alguém rasgou todas as minhas calcinhas. — Olhou-me, desacreditado.

Foi até o sofá, tirou todas as almofadas, abriu minha bolsa, olhou em baixo e, depois, levantou.

— Você veio sem calcinha?

— Sim. — Ficou de boca aberta.

— Não acredito que você está andando por aí com a minha bocetinha ao ar livre.

— Estou e vou assim.

— Nem fodendo!

— Essa parte eu já fiz. Até mais, amor. — Fui até ele e o beijei.

Antes de sair, ele agarrou o meu braço.

— Amor... Escute... — Passou a mão na cabeça, completamente transtornado.

— O que foi, Arnold? — Assustei com sua mudança de humor repentina.

— Não vá.

— O que quer dizer como “não vá”? — Agora, sua mão esfregava o peito.

— Não sei... Senti um aperto no coração agora. — Era a mesma sensação que senti, quando entrei na empresa.

— Amor, vai ficar tudo bem. — Ele concordou.

— Está com o seu celular?

— Estou, sim.

— Pegue ele para mim, por favor. — Sem discutir, fui até a bolsa, peguei o celular e entreguei a ele. Alguns minutos depois, entregou-me o celular.

— Liguei o GPS e o localizador e marquei a rota do shopping. Ele está conectado com o meu. Se você sair da rota, serei avisado.

— Você está me assustando. Aconteceu alguma coisa que eu não sei?

— Não, amor. Apenas precaução.

— Certo...

— Olhe... Não o coloque dentro da bolsa.

— E você quer que eu o coloque onde?

— Nos seios.

— Você só pode estar de brincadeira! – Aquilo era um absurdo!

— Amor, apenas faça.

— Não até que me dê um bom motivo. — Bati o pé, teimando.

— Dolson não foi encontrado. — Meu peito gelou ao ouvir aquela notícia. Ele não está aqui... A polícia acha que ele fugiu do país. Agora, você pode, por favor, colocar o celular nos seios? — Fiz como ele pediu. — Não... Assim é possível ver. — Arrumou para que ficasse embaixo do meu braço. — Melhor.

— Desconfortável.

— Mas é para a sua segurança.

— Ok. Eu vou indo.

— Cuide-se.

— Eu vou. — Beijeí sua boca, peguei minha bolsa e saí do escritório.

Comecei a rezar para que a polícia encontrasse Dolson, ou não viveríamos em paz. Arnold já era neurótico sem ele... Com ele solto por aí, ficava pior. Passei pela recepção e me despedi das meninas. Quando estava entrando no carro, ouvi um cantar de pneus. Olhei, para ver o que era, e uma SUV negra

parou ao meu lado. Dois homens saíram de dentro dela e me pegaram.

Capítulo 19

Arnold

Não estava me sentindo bem. Passei o dia todo aflito desde o momento em que soube que ele havia fugido. A polícia não tinha ideia de para onde tinha

ido. O chefe de polícia acreditava que ele havia saído do país.

Atormentado, saí de minha sala e fui para a de Julian. Estávamos como sempre estivemos. Ele nunca mudou comigo, e isso facilitou a minha aproximação. Bati na porta e entrei.

— Você não trabalha?

— Estou angustiado. — Tirou os olhos do note e me olhou.

— Aconteceu alguma coisa?

— O chefe de polícia me ligou hoje de manhã... Disse que Dolson não foi encontrado.

— Onde ela está?

— Saiu daqui agora. Disse que ia para o shopping.

— Então, qual é o problema?

— Não sei... Sinto como se algo muito ruim fosse acontecer.

— Talvez seja apenas impressão sua devido à notícia.

— Pelo sim e pelo não, liguei o GPS dela e o localizador, os dois conectados ao meu celular.

— Boa ideia.

— E a fiz colocar nos seios, quase embaixo do braço. — Ele parou, chocado.

— Fez o quê?

— Isso que... — Parei quando ouvimos o tumulto na antessala.

— Que diabos está acontecendo? — Levantamos os dois e corremos para a sala da recepção. — O que está acontecendo aqui? — perguntei, irritado com aquele absurdo.

— A mistress Scoot foi sequestrada na porta do prédio. — Meu coração parou e meu sangue gelou. — Era uma SUV, toda preta... Dois homens desceram do carro e a levaram.

Não sei quanto tempo se passou - se dias, horas ou semanas - até o meu cérebro captar a mensagem que foi dada.

— Arnold! — Olhei para Julian, que gritava comigo. — O celular, porra! — Não conseguia me mexer. — Acorda, filho da puta! Aja! — Voltei a mim quando ele me sacudiu. — Deus, Arnold, pegue seu maldito celular!

— Ele a pegou, Julian. — Uma lágrima grossa caiu dos meus olhos. Aquilo era terror puro.

— Nós vamos encontrá-la se você se mexer...

— Certo. — Com a vista embaçada pelas lágrimas, peguei o celular e abri o localizador. Procurei por ela e a encontrei

— Ela está na Freeway A5.

— A primeira cidade é Santa Cruz... O lugar é cercado por montanhas. Faz sentido eles levarem ela para lá.

— Vamos indo, Julian. Ligamos para o chefe de polícia do carro.

— Não podemos ir, Arnold.

— Então, fica... Eu vou. — Saí correndo do escritório.

A parada para esperar o elevador era uma tortura. Julian estava logo atrás de mim, ao telefone, passando as informações à polícia. Entramos no elevador e fomos para o estacionamento.

— No meu ou no seu?

— Tanto faz.

— Vamos no meu. — Entramos no carro dele e saímos como dois loucos.

O trânsito era um caos. Quanto mais lento, pior eram as chances de encontrá-la viva.

— Vamos, Julian!

— Não posso passar por cima dos carros, Arnold. — Peguei o celular e liguei para o Zen.

— Arnold?

— Eles a pegaram. Sequestraram a minha Sara!

— Onde você está?

— Indo atrás dela, mas preciso de ajuda. Estamos trancados no meio do trânsito.

— Do que você precisa?

— De um helicóptero. Preciso disso rápido, Zen.

— Mando para onde?

— Freeway A5, uma SUV toda preta.

— Como sabe?

— Porque estou a seguindo pelo GPS do celular.

— Vou providenciar isso agora mesmo. Já te ligo.

— Obrigado.

— Onde está o carregador do celular?

— Na minha sala.

— Merda! Merda! Merda! — “Meu Deus! Não permita que algo ruim aconteça a ela”, pensei.

— Acalme-se, homem, nós vamos encontrá-la.

— Preciso que isso seja antes que eles a façam mal... — Agonia era pouco; eu estava no purgatório. — Ela é minha vida, Julian. Não posso viver sem ela.

— Nós vamos conseguir. — Queria poder acreditar nele.

Depois de quase quarenta minutos, conseguimos sair do engarrafamento e pegamos a Freeway. Meu celular tocou, e, no visor, mostrava o nome do Zen.

— Diga.

— Onde estão?

— Na Freeway.

— Logo vocês vão ver o helicóptero.

— Obrigado, meu amigo.

— Fique comigo na linha. Eles já estão sobrevoando a Freeway.

Fiquei com ele enquanto me passava as informações. Não demorou muito para ouvirmos o barulho no helicóptero.

— Estou vendo, Zen.

— Assim que eles avistarem, eu te aviso.

— Obrigado. Deus, obrigado.

— Vai ficar tudo bem, Arnold.

— Espero que sim. Estou torcendo para isso.

Julian apertou o pé e nós voamos em direção à maldita SUV. Os minutos pareciam infinitos. Ao longe, ouvimos as sirenes. “Graças a Deus!”, pensei. Aparentemente, tudo estava começando a dar certo.

— Estão com eles, Arnold.

— Onde?

— Cerca de vinte quilômetros de vocês.

— Vinte quilômetros à frente, Julian. — Acenou e acelerou.

— Zen, a bateria do meu celular está terminando... Entre em contato com o chefe de polícia e o avise, por favor. Coloque-os em contato com o piloto

— Farei isso. Boa sorte!

Aqueles minutos foram intermináveis. Quanto mais Julian acelerava, mais distante eu me sentia dela. Jamais me perdoaria se algo acontecesse.

O que aconteceu depois parecia coisa de cinema. Vi tudo em câmera lenta. O helicóptero avançou e desceu mais à frente, bloqueando a estrada. O SUV freou bruscamente e acabou capotando. Julian diminuiu a velocidade e os carros de polícia nos ultrapassaram.

Eu não queria acreditar na tragédia que meus olhos estavam vendo. A SUV tombou por quatro vezes e parou, de cabeça para baixo. O meu coração batia da mesma maneira que o carro capotava. Assim que Julian parou o carro, desci, correndo em direção ao SUV. Ouvi vários gritos à minha volta, mas não dei atenção a nenhum deles.

Quando cheguei à SUV, abri a porta de trás, e lá estava ela.

— Sara! — gritei o seu nome. — Sara, meu amor! Sou eu! —

Tentei entrar no carro para tirá-la de lá, porém, o meu braço foi agarrado com força e uma chave de braço no meu pescoço me puxou para trás.

— Não! Me solte! — gritei, brigando com a pessoa.

— Porra, Arnold! Espera a polícia fazer o trabalho deles! — Mas eu não queria esperar... Eu a queria comigo.

— Sara! Por favor, meu amor! — Deus! O meu desespero era sem precedentes.

Fiquei observando toda a ação da polícia quando, finalmente, tiraram-na de lá. Estava andando um pouco instável.

— Me solta, Julian! Agora! — Quando ele me soltou, corri até ela.

— Amorzinho... Meu amor, minha menina... Você está bem?

— Tonta; estou tonta.

— Eu seguro você. — Abracei-a, sentindo o seu cheiro e agradecendo por ela estar viva.

Seu coração batia junto ao meu. Duas pessoas ligadas por uma alma; éramos assim. Eu viveria se ela vivesse.

— Cuidado! — Quando olhei, vi Dolson apontando uma arma para ela.

Agindo por puro instinto, coloquei-me na frente dela. Um tiro foi ouvido... Depois, outro; e outro... O silêncio permaneceu.

— Nãooooo! — Então, eu caí.

Julian

Quando você nasce, você é alimentado pela ideia de que estará protegido para o resto de sua vida. Então, você cresce e aprende que o perigo existe e está a sua volta. Sempre fui muito cuidadoso com minha segurança.

Na medida em que os anos vão passando, você acaba relaxando um pouco. Não que seja proposital; as pessoas simplesmente caem na rotina. Então, quando você se depara com o perigo de frente, percebe o quanto é vulnerável e o quanto está exposto.

Vi aquela cena em filmes um milhão de vezes, porém, nos filmes os mocinhos não são baleados. Vendo a cena diante dos meus olhos, vi que a ficção é algo real, quase palpável. Vi o meu irmão morto no chão. O mocinho que saiu em socorro da sua alma, da mulher que amava...

Nos filmes, você chora quando assiste algo assim. Na vida real, você fica em estado de choque. Era assim que eu me sentia: estava vendo, mas não queria acreditar que meu irmão e melhor amigo foi baleado.

Aquele lance de falarem que ele morreu como herói era uma piada de muito mau gosto. Eu preferiria ser considerado um covarde vivo que um herói morto. Ele a salvou... Salvou a mulher que amava. Agora, era ela quem chorava em cima de um corpo sem vida.

Em estado catatônico, consegui dar alguns passos e me ajoelhar ao lado do homem que mais amei na minha vida. Coloquei sua cabeça em meu colo e chorei. Chorei por tê-lo feito sofrer, chorei por ter sido insensível algumas vezes, chorei por não poder mais estar com ele, chorei pelo filme que não veríamos mais juntos, chorei pelos jogos de futebol que não assistiríamos mais, chorei por não ter mais meu irmão ao meu lado...

Ao meu lado, a viúva chorava; a mulher que ele tanto amou e salvou. A

mulher que ele idolatrava, a mulher que o amava, a mulher por quem me apaixonei erroneamente, a mulher que tirou o meu irmão da escuridão.

Tudo parecia surreal. Eu não queria acreditar. Policiais gritando, Sara chorando e o meu irmão imóvel... Não podia ser... Aquilo não podia estar acontecendo! Não era natural... Aquele não era o processo de vida e morte. Arnold era novo... Ainda tinha tanto para viver, filhos para ter, mulher para cuidar... Depois de tudo o que passaram, o destino pregava mais uma peça.

Sem conseguir mais me conter, gritei e chorei a morte do meu irmão, amigo, companheiro e parceiro.

Sara

A morte é algo que precisamos aprender a tratar com naturalidade. Todos nós um dia iremos morrer; o que não aceitamos na morte é que a pessoa que você ama parta primeiro que você.

Assisti à morte de perto mais vezes do que gostaria. Vi pessoas que eu tanto amava saindo da luz e caindo na escuridão...

Diante daquele túmulo, chorei pelas perdas que tive, pelas tragédias que passei, pelos desesperos que vivi e presenciei, pelas perdas irreparáveis. Chorei pela falta do alento de uma mãe, pela falta de fidelidade de um pai e pela perda que me consumia.

— Você está bem?

— Eu disse para você ficar no carro... Está frio aqui fora.

— Eu estou bem, e queria ver se você estava.

— Acho que nunca vou superar essa perda. Dói todos os dias, eu sinto falta a cada instante...

— Lamento muito não poder suprir essa falta. — Enxuguei minhas lágrimas e me levantei.

— Vamos voltar.

— Tem certeza? Não quer ficar mais um pouco?

— Não... Nada aqui me prende mais. Fui expulsa dessa cidade como se fosse a peste. Nada aqui me traz boas lembranças. — Estava visitando o túmulo da minha mãe pela última vez.

— Sou seu infinito, meu amor, e estarei sempre com você.

— Eu te amo, Arnold.

— Eu também te amo, Sara.

Voltamos para o carro e fomos para casa. Depois de vários tratamentos e de vários dias no hospital, ele ganhou alta. O tiro não comprometeu nenhum órgão vital; a bala quebrou três costelas, esse foi o único estrago. Dolson foi baleado pela polícia quando atirou em Arnold e morreu no local. Os seus comparsas foram presos e aguardam julgamento.

Não acreditava em Deus, mas, desde o momento em que Zen disse que Arnold estava fora de perigo, passei a acreditar e ter fé. Em algum lugar havia anjos que conspiravam ao nosso favor. Eu não viveria sem ele. Passei por tudo o que passei porque sabia, dentro do meu coração, que o homem que eu amava estava vivo - e isso me dava forças para continuar.

Ele era o meu infinito...

Arnold

Quando você passa por uma experiência de quase-morte, começa a dar valor a coisas que para você eram supérfluas. Agi por puro impulso, e o ato salvou a mulher que eu amava. Se ela tivesse recebido aquele tiro, não teria sobrevivido. O tiro teria pegado em cheio o seu coração, tirando dela qualquer chance de sobreviver.

Não me arrependia em nada de ter feito o que fiz, e pode apostar que faria novamente. Mantê-la viva era a minha prioridade. No fim, minha ação nos uniu ainda mais.

Depois de sair do hospital, fomos ao Kansas, para ver meus pais e dar a eles a notícia de que eu e Sara estávamos juntos novamente. Desnecessário dizer que minha mãe quase teve um infarto quando viu Sara. Ela foi relutante até ouvir toda a história. Meu pai, por outro lado, era um homem prático. Ouviu sem questionar e julgar. A notícia deixou a todos chocados. Assim como eu, todos do Kansas conheciam Dolson. Minha mãe voltou a ser receptiva e pediu desculpas a Sara. Não havia mais nada a dizer; as coisas que aconteceram jamais seriam esquecidas, mas poderíamos escolher como seguir adiante e como levar a vida.

Não demoramos muito. Sara odiava a cidade, devido à maneira como foi tratada. Não quis sair e nem visitar ninguém. Concordei e a apoiei. Fomos, à

tarde, visitar o túmulo de sua mãe, para que ela pudesse se despedir. A cena que presenciei foi triste; aquela era uma dor e uma necessidade que eu jamais poderia suprir. Entendia um pouco. Por mais que eu amasse meus pais, seria meio homem se perdesse meus amigos. Senti isso na pele, e não gostei da sensação.

Pegamos um avião e voltamos para casa, para o nosso lar. Sara mudou muito... Claro que às vezes ela tinha pesadelos, porém, eles estavam menos frequentes. Ela estava lutando, tentando encontrar paz de espírito. Eu estava ao seu lado, dando todo o apoio e ajuda necessária.

Depois de muita conversa, ela aceitou ver um cirurgião plástico. Ele viu todas as suas cicatrizes e foram feitos vários exames. O diagnóstico dado pelo médico nos deixou muito animado. A cicatriz mais complicada era a das costas, com as iniciais do Dolson. Naquela, seria necessário fazer enxerto. Sara teve o meu total apoio. Eu faria qualquer coisa por ela, e, se aquela marca era ruim, daríamos um jeito de tirar.

O médico disse que não ficaria perfeito, mas melhoraria muito. Assim que saímos do consultório, dei a ela a ideia de fazer uma tatuagem em cima, caso não gostasse dos resultados da cirurgia. Com a ideia em mente, ela ficou um pouco mais animada. Passou o último mês entrando e saindo de centros cirúrgicos. As cirurgias de remoção foram um sucesso. Se ela estava feliz, eu era feliz.

O nosso casamento era sólido. Eu era um homem feliz e realizado. Mesmo com tantos problemas, nós seguíamos juntos e unidos. Comecei a pensar em filhos... Sempre quis ter os meus e aquele era o momento, tanto para mim quanto para ela. Não éramos mais tão jovens, e o tempo, como para qualquer outra pessoa, também passava. Tudo entre nós era conversado e discutido. Nossa relação era baseada no amor, na confiança, na fidelidade e no respeito - além de muito sexo, é claro.

Ela era o meu infinito...

Zen

Nos últimos seis meses, tanta coisa aconteceu... Meus filhos nasceram, quase perdi meus amigos e um deles quase morreu. Depois de tanto tempo, era a primeira vez que eu conseguia me deitar cedo e ler um bom livro. Sempre que tentava fazer isso era uma fralda para trocar, uma mamadeira para dar ou um paciente para atender.

Com a confusão entre Fabiana e Arnold, a nossa relação ficou meio estranha. Não que eu quisesse que fosse assim; simplesmente aconteceu. Então, não tínhamos feito sexo ainda. Primeiro, porque ela estava na quarentena; segundo, por causa da confusão com os meus amigos; depois, os acontecimentos com o Arnold.

Não sabia dizer ao certo o quanto isso nos afetou. Aquele lado impulsivo dela havia trazido sérios problemas para três pessoas que eram grandes amigos. Eu a amava muito... Quanto a isso, nada mudou. Talvez eu estivesse chateado ou decepcionado com ela. Como Arnold disse e eu não discordava, ela era mimada. Talvez a culpa até fosse minha.

Saí dos meus devaneios quando ela entrou no quarto. Estava cansada. Desde que Sara nos deixou para se dedicar ao Arnold, ficou sobrecarregada. Tentamos três outras babás, mas não deu certo; elas eram muito desorganizadas, e Fabiana odiava isso. Com três crianças em casa, se não estivesse tudo em ordem, ficava difícil de manter a ordem das coisas.

Ela entrou no banheiro e foi tomar banho. Fiquei com um desejo enorme de me juntar a ela no banho, mas, daquela vez, o primeiro passo teria que vir dela. Ela errou, e sabia disso.

Esperei pacientemente ela terminar e vir para o quarto. Voltei a ler meu livro, sem querer demonstrar muito o meu interesse na solução do problema. Quando ela entrou no quarto, estava vestida com uma camisola de seda negra. Ela me conhecia, sabia do que eu gostava... E eu apostaria qualquer coisa que estava me provocando.

— Podemos conversar? — Interessante...

— Claro. O que aconteceu?

— Eu errei. Não sei como vou consertar essa situação, mas juro que vou tentar. Eu não fiz por mal, fiz o que fiz pensando no bem-estar da Sara... Sei que errei em não ter perguntado a ela e por ter me envolvido em um assunto que não era da minha conta.

— Entendo. — Finalmente ela reconhecia que estava errada.

— Você me perdoa?

— Como você vai tentar resolver isso?

— Estava pensando... Agora que as coisas se acalmaram, que a poeira baixou, pensei em falar com Arnold. Pedir perdão a ele, por ter me envolvido em um assunto que não era da minha incumbência.

— Quando conheci você, falei deles para você. Sempre disse a você o que eles significavam para mim. Você me colocou em uma situação horrível... Cheguei ao ponto de achar que teria que escolher entre você e eles. Eu escolheria ficar com você, Fabiana, mas seria um homem pela metade. Eles fariam uma falta que você não poderia suprir. O lugar deles é diferente do seu, e você não pode ocupar. Entende o que eu quero dizer? Eles são meus amigos, eu os considero meus irmãos... Além de serem meus sócios nos negócios.

— Eu sei que errei, Zen, não estou me eximindo da culpa. Sei o que eu provoquei, sei o erro que cometi, e eu vou tentar reverter a situação. — Ela chorava muito.

Eu conhecia a minha mulher de dentro para fora. Tinha certeza de que ela jamais faria aquilo por maldade. No entanto, isso não diminuía o seu erro; sua impulsividade quase a matou e quase me fez perder meus amigos.

— Eu perdoo você, Fabiana. Apenas peço para que você controle seu lado impulsivo... Ele quase provocou sua morte e a perda dos meus amigos. Pense antes de agir. Se não souber o que fazer, consulte-me que vou tentar te ajudar.

— Vou fazer, Zen, juro que vou. Eu aprendi a lição. — Acreditei nela.

— Vem aqui, minha pequena. — Abracei aquela mulher com todo o amor que eu tinha.

Casamento tem seus altos e baixos... Às vezes fazemos coisas tolas, noutras vezes erramos e noutras caímos na rotina. Era difícil a convivência, tínhamos que nos aperfeiçoar e moldar aos costumes um do outro. O amor? Ele estava ali, só precisava ser despertado. Funciona como uma flor; você precisa regar e cuidar para que ele possa sempre florescer.

— Eu te amo, Zen.

— Eu também te amo, minha rainha.

— Faça amor comigo...

— Não está cansada?

— Não para isso. Preciso me conectar a você novamente.

— Vem aqui. — Beijeí minha esposa e fiz amor com ela.

Ela era meu mundo. Você não pode simplesmente desistir de uma vida conjugal só porque a pessoa errou. Via isso como um pai e seu filho... Se meu filho desobedecesse, iria desistir de educá-lo só porque ele errou? Não. Precisamos tentar, precisamos buscar uma solução para o problema. Se há amor,

ainda há esperança.

Ela e meus filhos eram o meu mudo, o meu tudo.

Epílogo

Julian

Não sabia se aquele sentimento poderia, em algum dia, deixar de existir. Tentava de todas as formas estar perto deles e tentar me sentir bem e confortável. Por fora, era o que todos acreditavam... No entanto, por dentro, sangrava.

Não lembro quem foi o idiota que disse que o proibido era mais gostoso. O

proibido era uma desgraça, ainda mais se o proibido fosse a esposa do seu melhor amigo. A situação se tornou tão insustentável que parei de ir à casa de Zen e de Arnold. Evitava a todo custo estar no mesmo local com o mais novo casal.

O que eu sentia pela Sara era puro e inocente. Nunca ultrapassei os limites com ela - ao menos, pensava que não. Aquele quase-beijo aconteceu na época em que eu não sabia de nada - ou quase nada. Para mim, não foi uma traição; mas, para Arnold, foi.

Percebia quando ele me olhava me avaliando, e aquilo me irritava. Sentia-me como se estivesse sendo vigiado o tempo todo... A impressão que passava era de que eu iria avançar nela a qualquer minuto, e isso jamais aconteceria. Preferia sumir da vida deles a me passar com a mulher do meu amigo.

A verdade era que não existia mais espaço para mim. Era o momento de abrir novos horizontes e criar asas. Desde o casamento deles, eu tinha planos de dar um tempo, viajar... Pensei naquela opção e achei viável. Era exatamente isso que eu faria...